REVISTA LUSITANA

VOL. XIX 1916 N.os 1-2

JOÃO LOURENÇO da CUNHA

A

"Flor de Altura,,

E A CANTIGA

Ay Donas por quê em tristura?

Esse assunto tragicómico sugerira-me até hoje sòmente duas Notas sucintas, escondidas nas *Investigações sobre o Cancioneiro da Ajuda* (1) e num estudo relativo ao *Cancionero Gallego-Castelhano* (2) de Henry R. Lang—obra importante, em que estão reunidos os escassos restos poéticos da idade de transição que conduz do primeiro período da lírica-peninsular—*galego-portuguesa*—ao segundo, *castelhano-português*. Foi nela que li, pela primeira vez, uma *Glosa* da famigerada Cantiga de João Lourenço (3), juntamente com um amplo e judicioso comentario (4).

Com ajuda dessa curiosa paráfrase e de mais alguns materiaes, que surgiram posteriormente em territórios de lingua espanhola, vou tentar agora a reconstituição do texto original, depois de haver analisado os principaes reflexos literários da história de João Lourenço e D. Leonor, sem todavia dar por definitivamente terminado o processo.

Se eu acertar nas hipóteses com que tento completar os factos documentados, ficará provado que os coevos palacianos de João Lourenço, em cujo nome fala o anónimo autor de *Ay Donas*, consideravam o drama de 1371 como uma dolorosa aventura de amor, e a vítima não como um ente baixo e risível, mas antes como um doido apaixonado, digno de dó. Apaixonado e digno de dó, porque continuava a adorar a seductora D. Leonor, ainda depois da sua deslealdade, e apesar dela; mas apaixonado extravagante, visto que encobria as suas profundas mágoas com uma máscara galhofeira de cinismo grotesco.

E ficará provado tambem que a gente de então deitava as culpas todas do triste caso ao rei,—tirano e cesarista como o pae, apesar do seu temperamento individual, tão brando, amavioso, remisso e sem cuidados. À medida que o tempo envolvia os acontecimentos em brumas longincuas, D. João Lourenço e D. Leonor ficaram sendo no *Romanceiro* e no *Drama*, essas duas manifestações mais vivazes do espírito peninsular, um par de namorados, mártires da razão de estado e daquele fenómeno medieval, tão bem definido no provérbio antigo *Lá vão leis onde querem reis—Allá van leys ado quieren reys.*—

À distancia de um século, e nas terras afastadas para onde *el de los cuernos de oro* se refugiara, é que, no primeiro tempo de esplendor dos Romances, fusionaram, na mente de autores de narrativas julgarescas, as tres mais empolgantes tragédias de amor que ocorreram no século décimo-quarto no país dos Namorados: a de *Inês de Castro* (1355), a de *Maria Telles* (1373), e a de *D. Leonor* (1375), que fôra despida por completo dos traços de felonia feminil e de mania louca varonil que a afeavam na realidade. Alêm disso os factos engalanaram-se com elementos de outros Romances sôbre tragédias domesticas, causadas por soberanos, como p. ex. a sumamente patética do Conde Alarcos. (5)

I

Nota histórica basilar do pouco que sabemos a respeito da Cantiga de João Lourenço, e do sobrenome poético de *Flor de Altura*, dado a Leonor Teles, é um passo contido num dos numerosos Compêndios de história peninsular que em Espanha foram extraídos da *Cronica General*, mandada fazer por Afonso X, o Sábio, de Castela e Leão (6). Até a invenção da Imprensa, e ainda na infância da grande arte, as *Abreviações* do texto, primitivo, que fôra redigido entre 1257 e 1290, eram numerosíssimas. Em regra, não foi todavia a redacção primitiva, mas sim o segundo, terceiro ou quarto *refazimento* da obra magistral, que era compendiado e quasi sempre continuado até o tempo de cada elaborador novo (7).

O respectivo passo encontra-se na refundição, acrescentada por um anónimo, de um Compêndio intitulado *Sumário de los Reys de España*, e que é obra de um Despenseiro-Mór da Rainha D. Leonor (8), primeira mulher de D. Juan I de Castela, o que posteriormente casou com D. Beatriz de Portugal, filha única de D. Fernando e de Leonor Teles de Meneses; do vencido de Aljubarrota portanto.

Dessa refundição ha vários manuscritos (na Biblioteca Régia de Madrid, e na do Escorial) (9). Eles foram aproveitados pelo editor do *Sumário*, D. Eugenio de Llaguno Amirola. Na *Coleccion de Crónicas*, impressas por Sancha em 1781 (10), esse benemérito dá como texto a redacção do Despenseiro, e no fundo das páginas, em forma de anotações, os acrescentos do *Anónimo*. Num curto Prólogo crítico o editor torna provável que o acrescentador trabalhou no tempo de Enrique IV. Isto é: entre 1454 e 1474. Tarde portanto. Ainda assim, suas Notas são consideradas fidedignas pelo grande historiador Zurita que as aproveitou nas suas *Emendas y Advertencias a las Crónicas de Pero Lopez de Ayala* (11).

Por serem *inéditas* ainda duas versões ou adaptações portuguesas da Segunda Crónica General (de 1344), continuadas uma até 1383, outra até 1450, e existentes uma na Biblioteca Nacional de Paris e outra na Livraria da Academia das Sciencias de Lisboa, de subido valor para Portugal, é que fica por decidir, se elas tratam, ou não, das grandes tres tragédias de amor do século XIV ([12]), sendo, no caso afirmativo, porventura a fonte primordial das informações castelhanas.

A Nota do *Sumário*, relativa ao reinado de D. Juan de Castela, em que pela primeira vez se menciona a *Cantiga* de João Lourenço, tem o teor seguinte: ([13])

«*En el* **Compendio** *se añade:* E este noble Rey Don Juan su marido, despues de su finamiento ([14]) casó segunda vez con la Reyna Dona Beatriz, fija del Rey Don Fernando de Portugal, e de la muger de Juan Lorenzo de Acuña, queste Rey Don Fernando le tomó por amores que della ove; y por esta se levantó la cancion que dice:

Ay donas, por que tristura...

y por esta causa el dicho Juan Lorenzo traia unos cuernos de oro en la cabeza por estos Reynos de Castilla. Y el dicho Rey Don Fernando de Portugal casó con ella, y fué llamada la Reyna Dona Isabel (**sic**, acrescento eu) ([15]) *que la decian la flor de altura.* El qual casamiento fizo con la dicha Reyna Doña Beatriz este noble e católico Rey Don Juan, con tal que despues de la fin deste Rey Don Fernando de Portugal al cabo de doce años... ([16]) aviendo fijo legítimo en esta Reyna, que se nombrase Rey de Portugal. Y este Rey se nombró Rey de Castilla e de Leon y *de Portugal*, no mirando las condiciones susodichas; y el, y la dicha su muger, se quisieron entrar en el dicho Reyno de Portugal por le tomar para si; y los Portugueses acordaron de lo resistir, diciendo que la dicha Reyna Doña Beatriz no era, ni podia ser fija legítima herdera del dicho Rey de Portugal Don Fernando, porque la ovo en la dicha Doña Isabel (**sic**) viviendo Juan Lorenzo Acuña su marido, aviendosela tomado por fuerza... ([17])»

A Canção Ay Donas por que [*en*] *tristura levantou-se por esta* quer dizer, segundo a minha opinião, que por causa da mulher de João Lourenço uma canção *anónima* começou a correr mundo. T. Braga vai mais longe. Deduziu do teor indicado que a cantiga era *popular*. Chama-a «um dos cantos populares mais antigos ([18])». E quer ver nela uma intencional e pungente *satira*, lançada à vítima. Tenho essa interpretação por arbitrária, ou fantasiosa, em ambos os pontos.

Sátiras contra palacianos eram, nos séculos XIII e XIV, em regra, obra de palacianos ([19]). *Donas* eram damas nobres, aos quaes só excepcionalmente um jogral popular se dirigia. Para decidir a questão é, evidentemente, preciso apurar primeiro de um lado o texto, isto é a forma e a essência de *Ay Donas;* e pelo outro lado a sua história, e a sua divulgação. É o que vou fazer.

II

A mais significativa reminiscência do caso de João Lourenço, tardia embora, é catalã. Um poeta da côrte aragonesa, freire de uma das ordens de cavalaria, coloca o namorado Português numa espécie de *Inferno de Amor*, onde da própria boca dele sai a Canção da *Flor de Altura.* A Canção inteira? De modo algum. Sómente o primeiro e tão sugestivo verso *Ay Donas por que tristura,* ou *por quê em tristura* ([20]).

Esse poeta chama-se *Fra Rocabertí* ou, com o nome que usara no mundo, *Hugo Bernat de Rocabertí.* Era castelão de Amposta, Comendador de Fambra, e Gram-Cruz da Ordem de S. João. Em 1461 comandou um exército de D. João de Aragão, na luta contra seu filho rebelde, o Principe de Viana ([21]).

A obra em que introduziu o João Lourenço, é como todas as congéneres, imitação da *Divina Commedia* de Dante Alighieri. Entitula-se *Gloria de Amor.* Mas tambem a chamam *Comedia de Amor;* ou ainda *Comedia de la Gloria de Amor.* É um poema em dez cantos, composto de tercetos de rima solta (*axa; bxb; cxc* etc.). O manuscrito *Cançoner de Obres Enamorades* ou *Cançoner d'amor* pertence à Biblioteca Nacional de Paris ([22]) e foi várias vezes descrito e extratado por notáveis hispanófilos, mas nunca impresso integralmente ([23]).

No recinto ou círculo do *Inferno* que o poeta reserva àqueles que sofreram ou morreram do «belo delito» de amor, ele encontra alguns trovadores provençaes. Alêm desses, outros amantes de fama universal. Não faltam aí Francesca e Paolo, imortalizados por Dante. Nem faltam Tristão e Isolda, os celtas bretónicos, cuja lenda, desde Chrétien de Troyes (c. 1200) até Ricardo Wagner, inspirou tantos artistas primorosos ([24]). Nem tão pouco esqueceram *Flor e Branca-flor* ou *Flores e Branca-frol*, protagonistas de uma graciosa e comovente novela greco-oriental, (enxertados depois no ciclo carolíngio como ascendentes de Carlos Magno) — protagonistas que se amam desde a infância, e

separados suportam com admirável constância todas as dificuldades e todos os perigos ([25]).

A par desses vultos de fama sempiterna tem a honra de figurar João Lourenço da Cunha; mas, necessário é confessá-lo, *só e senheiro*, e não na companhia da bela, mas fria e desleal e ambiciosa Leonor.

Dins lo pregon / del foch viu la figura
daquell lorenc / de cuyna portugues
Cantant molt trist / duenyas, por que tristura ([26]).

Isto é:

Dentro da profundeza do fogo vi a figura
daquele Lourenço da Cunha Português
que cantava muy triste: Ay donas, por que tristura ([27]).

Impossível é adivinhar, se Fra Rocabertí, ao colocar a cantiga na boca do próprio João Lourenço, queria estabelecer que a considerava como composição dele, ou sòmente quis dizer que ele fizera sua e repetia a que corria a seu respeito, e em seu nome. Do eventual talento poético do Senhor de Pombeiro da Beira não consta nada. Ainda assim, a primeira hipótese, verdadeira ou não, é natural, visto que em numerosas imitações peninsulares da *Divina Commedia*, os personagens evocados cantam ou recitam versos e ditos seus ([28]). A esse argumento não deixarei comtudo de opôr o contradito: que àqueles que não tiveram veia poética, forçoso era atribuir dizeres alheios, comquanto apropriados, e que ha numerosos casos de excepção à regra.

III

Em outro Florilégio posterior, o *Cancioneiro General* ([29]), impresso em 1501, 1511, 1527, 1540 e 1557, e que abrange sobretudo poesias palacianas do século XV, a *Canção de João Lourenço* é mencionada por Guevara. Não no seu *Inferno de Amor* ([30]). É numas *Trovas de Despedida* que o poeta faz entoar por diversos fidalgos, canções predilectas da moda de então, alheias portanto, no acto em que o Principe D. Afonso (irmão do reinante Enrique IV e da futura Rainha Isabel a Católica, de veneranda memória) ([31]), aclamado Rei pelos revoltados, saía em 1465 da histórica cidade de Arévalo. Porque o juvenil Principe ainda

não sabia trovar, seus cortesãos entoaram todos, atrás dele, canções *alheias* ([32]).

Da boca de um certo D. Sancho de Rojas, um dos *galanes* que se declaram lastimados da dôr saudosa de terem de afastar-se das bem-amadas, sai o verso *Ay donas, porque'n tristura* ([33]). Sem outras indicações ([34]).

H. Lang quer identificar a Sancho de Rojas com um castelhano desse nome que foi Bispo de Palência de 1403 a 1415, e arcebispo de Toledo até falecer em 1422. E quer assim tornar provável que esse prelado, que esteve em relações literárias com o trovador galego-português Alfonso Alvares Villasandino, fosse o verdadeiro autor da Cantiga de João Lourenço.

Discordo por completo. O Sancho de Rojas, introduzido por Guevara como uma das figuras do séquito do jóvem Principe-Rei D. Alfonso, estava vivo e são em 1465. De mais a mais, já deixei dito que o Duque de Benavente, o Conde de Ribadeo, Diego de Ribera cantam composições *alheias*, em voga então nas cortes peninsulares, como posso provar oportunamente por extenso.

As únicas poesias profanas do Sancho de Rojas de 1465 que existem no *Cancioneiro General*, são insignificantes ([35]) e nada nos adiantam.

IV

Considero como documentação mais importante da voga que a *Canção de João Lourenço* teve nas camadas altas da sociedade no século XV, a *Glosa* a que já aludi. Ela subsiste num precioso Cancioneiro manuscrito, chamado *Cancionero Gallardo* ou tambem *Cancionero San Roman*, com referência aos dois proprietários sucessivos que teve, antes de entrar na Academia de Historia de Madrid, onde se encontra agora ([36]). Autor da paráfrase é o rico-homem Pedro de Quiñones, irmão do quixotesco Suero que em 1434 defendera, por mero espírito cavalheiresco, a Ponte de Orbigo, justando contra seis centos e tantos aventureiros paladines ([37]). De Pedro baste dizer que assinou, como testemunha da coroa, o contrato de casamento entre a Infanta D. Joana de Portugal e Henrique IV de Castela ([38]). Certamente seria então (1455) de idade viril ([39]). As poucas cantigas dele e de Suero que se conservaram, são provavelmente ensaios juvenis ([40]).

Henry Lang que, conforme eu disse na Introdução, publicou o texto — copiado *manu-propria* por Ramon Menendez Pidal —

afirma no Comentário que ele *não* é uma *Glosa* no sentido estrictamente tecnico do termo; isto é: não contêm em cada estância, num determinado lugar, um verso, ou dois versos, da letra que o Glosador pretendia parafrasear ([41]).

Quando o ilustre catedrático de New-Haven preparava o Cancioneiro, trocámos muitas cartas. Mas quanto à Canção, não chegámos a ver claro. Não chegámos a compreender o texto escuro, tosco, desageitado e desconexo da Glosa.

Nem quando posteriormente, ocupando-me da pobre época de transição da lírica peninsular, reli os versos, encontrei a solução do enigma. Suspeitei-a apenas, momentaneamente, como se entrevê da indicação contida numa anotação do *Cancioneiro da Ajuda* (II p. 283). Pois diz: «creio que a muito citada e versada cantiga portuguesa, ou galego-portuguesa, ou galego-castelhana, ainda se conserva ([42])».

Mas só agora (Junho de 1915) imagino ter acertado no modo de desentranhar da *Glosa* de Pedro de Quiñones a letra da Canção de João Lourenço. Ele consiste em juntar os versos 3.º e 4.º e o 7.º e 8.º de cada uma das nove estâncias da *Glosa* que apurei.

Analisemos primeiro esta. Mas para tal fim, é preciso que o leitor tenha o texto à vista. Ei-lo, na grafia galego-castelhana de então. Destaco desde já os versos que julgo serem os da letra.

La glosa de Ai donas porque en tristura,
e principia Pensando en vossa figura.

1

Pensando en vossa figura
olvidar ja non podria ([43])
Ai donas por que en tristura
perpasso ([44]) *noite e dia.*
Mas, se vossa senhoria
non quer usar de mesura,
non vejo como seria
partida de mi rencura.

2

A voltas de ben e mal
tanto me sento penado
que nunca saio de un val
fermoso bem arvorado.
Antes con pena mortal
de vossa beldade forçado,
pensando mui desigual
passo mia vida cuitado.

3

Sendo de todo chegado
aa vida sen folgura,
acheguei-me a un poblado
du me apartou mia ventura;
e eu ([45]) con gran queixa pura
ao ceo mirar queria,
vi estar la flor de altura
per quen gran coita sofria.

4

Leixemos agora estar
estes dous versos, senhores: ([46])
Vi a estar en un pumar
con outras muitas senhores;
e leixo tamben passar,
(que non faz a meus amores)
donas de alto lugar
colhendo rosas e flores.

5

Damas de grandes valores
vi e de grand'apostura,
tomando muitos sabores,
que de mi non avian cura;
nen de mia desaventura
e congoxa que tũa
salvo ũa por sa mesura
quiso saber du vĩa.

6

Con temor, qu'é justa lei
de quen pensa ser amado,
de grand' afan lhe falei
como home desacordado;
e depois que acordei
respondi por seu mandado:
Senhora, de cas del rei
trago caminho errado ([17]).

7

Dixo en ver-me apressurado
e mudar muitas colores:
«*Querria saber de grado*
quaes son vossos dolores»
ou quaes son los temores
porque viveis enojado,
ou se sodes namorado
de algũa destas senhores.

8

Con medos ja muy mayores
baixo como quen murmura,
respondi: Grandes rencores
passo, forte pena e dura;
que quero mia sepultura,
se por vos non se desvia;
Pois perdi a fermosura
de la vossa sennoria.

9

Inda que non sei a queixura
que vos faz andar penado
parecedes me apressurado,
dixo ela en tal figura
que se este mal vos dura
certamente se diria
que avedes amargura
e gran cuita todavia.

FIM

«Se vossa mercee non cura
mia cuita, senhora mia,
mui triste mort' e segura
espero de cada dia.»

A composição que, principiando liricamente, passa a narrativa, e é dirigida a uma senhora, altamente colocada, visto que o poeta a trata de *Vossa Senhoria*, (verso 5), ganha pelo destaque que dei aos fragmentos entremetídos. Ainda assim continua pouco clara, tormentada na dicção e nos pensamentos ([48]).

Reunamos agora os versos que, salvo erro, compõem a letra original da Glosa. Entendo que ela principia com uma dupla pregunta, ou uma exclamação e uma pregunta.

Ay donas! por quê en tristura
perpasso noite e dia?
Non ([49]) vejo como seria
partida de mi rencura?

Que nunca saio de un val
fermoso, ben arvorado;
pensando mui desigual
passo mia vida, cuitado ([50]).

Acheguei-me a un poblado ([51])
du me apartou mia ventura;
vi estar la flor de altura
per quen gran coita sofria.

Ai-a estar en un pomar
con outras muitas senhores ([52]),
donas de alto lugar,
collendo ([53]) rosas e flores:
tomando ([54]) muitos sabores,
que de mi non avian cura,
salvo ũa por sa ([55]) mesura
quiso saber du vĩa.

A grand' afan lhe falei
como ome desacordado:
«Senhora, de cas del rei
trago caminho errado ([56])!»

«Querria saber de grado
quaes son vossos dolores ([57]);
ou se sodes namorado
de algũa destas senhores?

Respondi: «Grandes rancores
passo, forte pena e dura
pois perdi a fermosura
dela (sic) Vossa Senhoria».
«Parecedes me apressurado
(dixo ela) en tal figura
que avedes amargura
e gran cuita toda via ([58])».

«Se Vossa Mercee non cura
mia cuita, senhora mia,
mui triste mort' e segura
espero de cada dia!»

Esta Canção (ou Cantiga) extraida da Glosa, compõe-se de um *Mote* de quatro versos, com as rimas *ura ia ia ura* **(abba)** e de quatro Voltas de oito versos cada uma, seguidas de uma *Finda* ou de um *Remate*, de quatro tambêm, com as rimas *ura ia ura ia*. É construção usadíssima no século XV. As *Voltas* deveriam terminar todas em *ura ura ia*, tendo o quinto verso ligado pela rima ao segundo e quarto. Esquema *cdcdcAAB*. ([59]) No extracto da Glosa, duas voltas iniciaes tem forma correcta e as últimas duas são irregulares. Saem porêm correctas, se transpusermos as parcelas, segundo as exigências técnicas do género. Mesmo o Diálogo entre João Lourenço e Dona Leonor ganha com isso.

Proponho por ambos os motivos a leitura seguinte:

A grand' afan lhe falei
como ome desacordado:
«Senhora, de cas del rei
trago caminho errado.»
«Parecedes-me apressurado
(dixo ela) en tal figura
que avedes amargura
e gran cuita; todavia

«Queria saber de grado
quaes son vossos dolores,
ou se sodes namorado
de algũa destas senhores?»
Respondi: «Grandes rencores
passo, forte pena e dura,
pois perdi a fermosura
dela Vossa Senhoria.»

«Se vossa mercee non cura
mia cuita, senhora mia,
mui triste mort' e segura
espero de cada dia».

Assim todas as quatro *Voltas* acabam com as consonâncias do *Mote* e constituem um razoado aceitavel.

Da mesma maneira procederemos com a Glosa: a estrofe nona passa a ser a sétima, e a sétima e oitava passam a ser oitava e nona.

Quanto à construção da Glosa, verdade é que ela é invulgar. Mas ainda assim, não é exemplo único. Deve pertencer à primeira metade do século XV (ou mesmo ao último quartel do século XIV), Ao período em que o *género* ainda não tinha atingido a forma fixa e rígida do tempo clássico das *Glosas* ([60]). Reinava ainda liberdade inteira quanto ao lugar (dentro das estrofes da paráfrase) que o refazedor destinava às parcelas da composição, cujas ideias ia desenvolver; e tambem quanto ao tamanho da estrófe em que as meteria.

Só pouco a pòuco os numerosos cultores do género, tìpicamente e essencialmente peninsular, fixaram como forma definitiva a *Décima*, (ou seja *Quintilha dupla*) em que os versos da Letra ocupavam o último lugar, sendo décimos nas *Décimas* ([61]), e quintos nas *Quintilhas* ([62]), (ou então os últimos dois de cada uma destas estrofes) ([63]).

Glosadores houve no primeiro período, entre 1450 e 1500, que, gostando de variar, colocavam os versos alheios nos princípios das trovas ([64]). Outros metiam-nos no segundo e sexto lugar ([65]); no segundo e sétimo ([66]); no primeiro e nono ([67]); no primeiro e oitavo ([68]); no primeiro e sexto ([69]).

Até houve individualistas excêntricos que tiveram a pachorra de arquitectar pirámides, metendo, em climax, o 1.º verso do tema, no 1.º da estrofe inicial da Glosa; o 2.º, no 2.º verso da segunda estrofe; e assim por diante, até a décima e derradeira estrofe findar com o ùltimo verso do tema, se constava de dez linhas. ([70])

Nem falta quem alternava dois versos de redondilha seus, com outros dois alheios ([71]).

Como se vê, havia plena liberdade.

Nem era preciso, por conseguinte, que eu fosse capaz de apontar outro exemplo — (quer imitação, quer modelo) para todos julgarem possível a distribuição do tema, que suponho exista na Glosa de Pedro de Quiñones, pelos versos 3-4 e 7-8 das Oitavilhas. Mas visto que existe e o conheço, dou aqui o traslado.

É uma parafrase, sem graça nem sal, mas felizmente curta, de João Gomez da Ilha, de uma Cantiga igualmente ensossa do Coudel-mór Fernão da Silveira ([72]). E diz:

Senhora dona Maria,
em caso que eu podesse
servir-vos, nam leyxaria
por mal que me já viesse,
nem dano que me fizesse,
dama, vossa senhoria,
porque ser nam poderia,
que outrem prazer me desse.

Nem vontade me conssente
dalguma bem-desejar,
mas em vos estaa somente
meu prazer e meu pesar.
Nem me podeys pena dar
mays que meu coraçam sente,
e em vos he ordenar
que viver possa contente.

D'amar-vos nam me desvia
mal que tenha nem tyvesse,
polo qual nam leyxaria
servir-vos, pero pudesse.
Lembrança, se vos prouvesse
terdes de mym, bem seria,
poys que ser nam poderia
que outrem prazer me desse ([73]).

Com relação ao valor poético da Glosa, bastará dizer que, comparada com as melhores dos *Cancioneiros Gerais* de Espanha e Portugal, é mediocre. Medida pela bitola dos coevos de Cervantes ([74]), tem até muitos defeitos, que em parte provêem da *Letra* ([75]). Justo será todavia repetir aqui que, anterior a 1465, e provavelmente a 1459, ela deve ser uma das mais antigas espécies do género. ([76])

E a *Cantiga?* O Mote, que muito bem poderia ser de João Lourenço, e de 1371, tem sabor e perfume lírico. Mas sua principal virtude talvez residisse na música, de que infelizmente não ha vestígio. É o que costumo dizer das Cantigas de Macias, o Namorado, que floresceu entre 1360 e 1390 e era portanto coevo do Português. Com os lamentosos versos das composições daquele «mais famoso Galiziano», e com alguns de Affonso Alvarez de Villasandino, seu sucessor imediato, é que *Ay donas* se parece estranhamente. Quanto ao tom, e quanto ao espírito!

Eis uns três de Macias:

1) Cativo! de minha tristura
já todos prenden espanto,
e preguntan que ventura
é que me atormenta tanto! ([77])

2) Provei de buscar mesura,
a mesura me falece;
e por mingua de ventura
ouveron mi-o a sandece ([78]).

3) Pois se faleçeu ventura
eno tempo do prazer,
non espero aver folgura,
mas por sempre entristecer ([79])

Villasandino pela sua vez tem quadras como as seguintes, mais alegres e ufanas:

4) Ben aja minha ventura
que perdeu escuridade,
e me demonstrou beldade
tan acabada e pura. ([80])

5) Acabada fermosura,
esmerado senhorio,
gentileza e alto brio
me foi demostrar ventura. ([81])

Ambas são dirigidas a uma das amadas de D. Enrique II, o Velho, irmão e sucessor de Pedro, o Cruel; e ainda têm nas Voltas narrativas de que constam, outros traços de semelhança com a canção de João Lourenço, dedicada indirectamente a D. Leonor.

Todas tem o mesmo ritmo. Todas tem *ura* como primeira e principal rima — (a vogal *u* é freqùente em endechas, por dar expressão adequada a sentimentos *soturnos*, *fúnebres* e *noturnos*). Podem muito bem ter sido cantadas pelo som tradicional da mais antiga e afamada entre elas, que, salvo erro, é a que principiava *Cativo! de minha tristura,* de Macias.

As *Voltas* da Canção de João Lourenço são narrativas. Já disse que depois do verso oitavo faltava a indicação do tempo e do ensejo em que o esposo e amante atraiçoado, depois de noites e dias de tristeza, empreende o seu passeio, saíndo da reclusão, voluntária ou involuntária, e indo como um sonâmbulo instintivamente ao sítio onde vivia D. Leonor. Aos paços de D. Beatriz, a irmã leviana del-rei D. Fernando, que eram um viveiro de fermosuras femininas? Ou em alguma das terras que o rei dera de arras à desposada? Ignoro, se em qualquer delas havia uma propriedade chamada *Val-fermoso.*

*

Nos cancioneiros da idade de transição ha bastantes composições, cujo scenário é, como na nossa, uma *floresta*, uma *montanha,* um *vergel,* um *laranjal*, um *pomar*, um *jardim* cheio de flores, refúgio de rouxinoes, e morada de gentis donas e donzelas.

No Cancioneiro de Baena por exemplo temos as seguintes amostras:

—Por uma floresta estraña (N.º 40) e 556).
—Por uma floresta escura (41)
—Em muy esquivas montanhas (42)
—Por un naranjal andando
vi estar donas e donzelas,
todas de amor falando (15) ([82])

—*En un vergel deleitoso (505)*
—*Apres de Quadalquebir*
en un jardin deleitoso (12)
—*Fuy a ver este otro dia (527)*
— *Vi estar fermosa vista (343).*

Vejo em taes temas reminiscencias das antigas *Pastorelas* dos trovadores. As aventuras que nelas se contam, passam-se sempre ao ar livre, em bosques e prados, e começam com a descrição do lugar e do tempo ([83])

As *donas* ou damas a que o Mote se dirigia, devem ser as damas de D. Leonor. E a essa, elevada a Rainha, deve referir-se o diálogo, o tratamento de *Vossa Senhoria,* que salvo erro, era dado no século XIV só a reinantes.

A ideia do poeta, que João Lourenço amava e desejava Leonor, tornaremos a encontrá-la num interessante romance popular, que é o melhor documento do brado que o desacato do apaixonado Rei D. Fernando levantou, não só dentro de Portugal mas tambem e sobretudo nas terras para onde João Lourenço se baniu ou foi banido.

Louvores directos e indirectos de donas de algo, amadas por reinantes ou infantes, não são raros nas literaturas hispánicas. Seria instrutivo e ameno o confronto da Canção de João Lourenço com os versos que Sancho, o Velho, dedicara a D. Maria Paes, a Ribeirinha ([84]); com os de Alfonso XI a D. Leonor de Guzman ([85]); os de D. Denis a Aldonça Rodrigues da Telha, e outras; com as cantigas em que Afonso Alvares de Villasandino enalteceu ora Constança Velez de Guevara, em nome do Duque de Benavente; ora D. Beatriz de Portugal, quando D. Pedro Niño a cortejava; ora D. Joana de Sousa, a amada de Enrique II; ora D. Maria de Carcámo, favorita do mesmo. Mas não entro em taes pormenores.

Apenas vou dizer mais duas palavras a respeito de alguns dos sobrenomes poéticos e encomiásticos que os cortesãos inventaram para donas de algo, amadas por soberanos. ([86])

Alfonso dá o de *nobre rosa* a D. Leonor de Guzman ([87]); Inês de Castro era *colo de garça;* ([88]) D. Juana de Sousa era *flor de lis;* ([89]) D. Constança Velez de Guevara era *flor de açucena* ([90]). Alêm desses nomes encontro com igual aplicação *dulce flor de paraiso;* (Baena n.º 552); *flor d'espina* (ib. 560); *flor das flores.* Mesmo *flor de altura* não é louvor, reservado exclusivamente para D. Leonor Teles.

Um jogral de talento, mas sem valor moral, disse, pouco

mais ou menos à data da batalha de Aljubarrota, a uma... moça mora que requestava:

Porque ben servi
ũa flor de altura,
a morte desi
vejo sen mesura. (91)

Com esse símile quer significar, com exagero de poeta e de namorado, que houve um tempo em que ainda a mora amada era inaccessivel aos seus desejos.

Eu sempre tomara *flor de altura* na acepção de *flor de altitudes*, flor alpina ou *Edelweiss*, a nobre, a branca, a fria. Mas o emprego que lhe deu Garci Ferrans de Jerena, e expressões como *dama d'altura* e *amor d'altura* (92) fazem-me hesitar. Para ser digna do nome *Edelweiss*, faltava tambem a Leonor, a nobre e branca, o ser casta e pura.

V

Tendo feito a tentativa de reconstituir a Canção de João Lourenço, não devo deixar de recordar ao leitor, que Teofilo Braga, na sua bela ânsia de restaurar todas as ruinas da literatura nacional, tinha feito outro ensaio.

Já indiquei que, cingindo-se às opiniões emitidas por Amador dê los Rios, classificara *Ay Donas* como cantiga *de escarnho*. Guiado por essa ideia compôs uma, em que *el de les cuernos de oro* exterioriza a sua desgraça, rindo-se dela.

E' no Poema dos *Doze de Inglaterra* que o Magriço ouve em terras de Espanha, um cantar relativo a D. Leonor; que o autor precede da seguinte introdução:

Cantar que vagamente lhe recorda
Cousas de Portugal. A Canção anda
Pelas côrtes de Hespanha repetida;
Compôl-a um poeta portuguez fidalgo,
João Lourenço da Cunha, por vingança
Contra o Rei Dom Fernando, quando a esposa
Leonor Telles lasciva lhe raptara.
....

Sobre a intriga da côrte largos annos
Tem passado; que voltas dá o mundo!
Lembra-se o povo do fidalgo ainda
Que trazia por timbre cornos de ouro.
Todos folgam de ouvir a Canção Velha.

Ao som da sanfonina o Jogral canta;
Com malícia as estrophes accentúa:

*

Ay *Donas!* ([34]) por que tristura
hay (sic) tomado por empreza *(sic)*
cuernos d'oro en la cabeza,
Juan Lorenzo d'Acuña?

Ay, Doñas! La Flôr de altura,
Hermosa Dona *(sic)* Leonor,
Tomó-la el Rey su señor
A Juan Lonenzo d'Acuña.
Tienen la misma hechura
Ambas las coronas d'oro;
Pues tienen egual desdoro,
Ay, Donas! por qué tristura!...

Acho a invenção muito engenhosa. «Assim deve, assim deveria ter sido» como uma noite me respondeu, com um finissimo sorriso ironico nos seus lábios, um poeta amigo, quando lhe lembrei a falta de autenticidade de um Soneto que ele aplicara à vida de Camões, mas que desde 1596 anda no *Lima* de Diogo Bernardes.

VI

O único romance em que se conserva o nome *João Lourenço*, e um eco da aventura em que o Rei envolvera a esposa dele, foi colhido nos nossos dias entre os Judeus levantinos. Expulsos de Espanha no ultimo decénio do século XV, os Israelitas levaram comsigo ao Oriente, e tambem ao Norte da Africa, um riquíssimo pecúlio de Romances, populares então, de que tradicionalmente se conservaram restos importantes, na memória fiel dos seus descendentes.

Entre esses restos, o Romance de João Lourenço, (ou Gian Lourenço) é um dos mais comuns — apesar de ser totalmente

desconhecido na tradição espanhola e na portuguesa. Ele é popular sobretudo em Salónica, mas tambem se canta em Tanger. O texto, que para completar esse ensaio vou reimprimir, foi mandado em 1885 a Menendez Pelayo, (por D. Carlos Coelho y Pacheco, que o recebera de um Judeu de Salónica) e por ele publicado no *Romancero* que forma os volumes VIII-XI da *Antologia de Poetas Liricos Castellanos* (95).

Gian Lorenzo y el rey de Portugal (96)

Gian (1) Lorenzo, Gian Lorenzo! | quen (2) te hiso tanto mal?
Por tener mujer hermosa | el rey me quere matar (3).
Yo estando en la mi puerta | con la mi mujer real,
taniendo (4) la mi vigüela, | mis hijos al son bailar,
alsí mis ojos en lexos | quanto más los pude alsar,
en los campos de Arzuma | grande gente vide baxar;
el corason me lo diera | que era el rey de Portugal,
que viene por los mis hijos | y la mi mujer real.
Echi mi manto en mis hombros | y lo fuera á encontrar:
«Esteis en buen ora, buen rey» | «Gian Lourenzo, en mal vengades!»
Me oigais el dio del sielo | que es padre de piadad»
Yo le hablaba con buenas, | el me respondia mal
«Si vos plase, oh buen rey | de me vinir a vijitar?»
«Y para todu esta gente | qué les dareis á ermorsar?»
«Para toda esta gente | vacas y carneros hay;
para mi y vos, buen rey | pichonicos con agrás;
en mientres que ordenan mesas | vamos á la guerta á espasiar.»
En la güerta de Gian Lorenzo | hay cresido un buen rosal.
«Tomarais esta rosa | y una rosa del rosal
y de aqui en quinse dias | sereis reina de Portugal.»
«No mateis a Gian Lorenzo | ni lo quijerais matar;
desterraldo de sus tierras | que de ellas no coma pan,
que es padre de los mis hijos | marido de mi mosedad».
Yoraba Gian Lorenzo | lagrimas de voluntad.
«Non yoreis, Gian Lorenzo | ni quijerais yorar;
en forma de carbonero | me verneis á vijitar
mataré yo al buen rey | y vos asento en su lugar.»

Bela e original obra popular (se abstrairmos do último motivo do embuste,) em que os poucos factos históricos que o jogral conhecia, são poeticamente revestidos e enlaçados com motivos internacionaes (como o da rosa). Os filhos provêm da história de Inês (e da do Conde Alarcos). O facto, já apontado, que os amores de Pedro, a felonia de D. Leonor, e o triste fim de D. Maria Teles se confundiram na memoria do povo vizinho, que além disso acolheu elementos romanticos de outras tragédias

domesticas, reconhece-se bem pelo estudo comparado de todos os Romances Castelhanos sobre a historia e tradições de Portugal ([97]). Um deles, intitulado *Romance de Doña Isabel* [*de Liar*] começa até *Yo me estando en Tordesillas*, como se fosse D. Leonor que nos falasse, depois da morte de D. Fernando. Deixo esse estudo todavia para outra ocasião.

*

Quando escrevi este pequeno Ensaio, estava persuadida de que ninguem em Portugal havia falado do *Romance* de João Lourenço. Enganei-me todavia. Na segunda edição do seu *Romanceiro Geral Português*, Teófilo Braga aproveitou os ricos elementos que Pelayo e Pidal juntaram nas suas publicações. Numa das Anotações do último volume (saido em 1909) ([98]), dedicada a Inês de Castro, reproduziu o texto levantino. Fantasiosamente coloca-o no século XIV, como contemporáneo dos acontecimentos sobre que se baseia, e declara que originariamente fôra português ([99]). E muitos dirão *Assim deve; assim deveria ter sido!* antepondo a lenda à história.

VII

Claro que aos autores peninsulares de novelas e de dramas não escapou a História de João Lourenço.

Sei de duas Comédias castelhanas. Uma tem por título o provérbio que já citei: *Allá van leyes do quieren reyes.* É de Guillen de Castro, o grande predecessor de Lope de Vega. Foi impressa em Valencia, em 1621 e 1625, no vol. XVI da *Coleccion de Comedias Escogidas* ([100]). A outra é epigrafada *Tambem la afrenta es veneno.* É obra de Tres Ingenios: Rojas Zorrilla, Coello e Velez de Guevara. Foi impressa uma só vez: na colecção de *Comedias de los mejores y más insignes ingénios de España* (Colonia 1697) ([101]) Ambas são raríssimas. Nunca as vi. Ignoro, se contêm vestígios do Romance popular ou da Canção *Ay donas por que en tristura.* Dei passos para as poder ler. Mas sem resultado.

Em Portugal D. Leonor foi assunto de romances e dramas como *Arrhas por foro de Hespanha* (1851), de Alexandre Herculano; *A Monja de Cister* (1896), de F. Barata; de um romance em tres volumes de Marcelino de Mesquita (1904) e de um drama

historico do mesmo (1889), etc. E para breve está anunciada uma *D. Leonor Teles* de Antero de Figueiredo: historia posta em arte, como *D. Pedro e Inês.*

NOTAS

(1) Vol. II, p. 283 e 603.
(2) New-York, 1902.—As *Investigações*, escritas de 1901 a 1903, saíram em 1904.
(3) No LXI (p. 105).
(4) Pg. 224-227. O meu *Compte-Rendu* saiu na *Zeitschrift*, vol. XXVIII, p. 200-231 (1903).
(5) Vid. Menendez Pelayo, *Antologia* x, 117 e XII 535-540 e T. Braga, *Romanceiro Geral Portuguez*, vol. I, p. 488-556. Difícil será todavia decidir, se os Romances de *D. Isabel de Liar* são anteriores, ou não, aos do *Conde Alarcós, Conde Jano, Conde Alberto, Conde Alves, Conde Elarde, Conde Albelto, Conde Alardo.*
(6) Vid. Ramon Menendez Pidal, *Primera Cronica General: Estoria de España que mandó componer Alfonso El Sabio y se continuaba bajo Sancho IV en 1289*, Madrid, 1906.—(Vol. V da *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*).
(7) Vid. Ramon Menendez Pidal, *Catálogo de Crónicas Generales de España, Manuscritas.*—Madrid, 1898.—Amador de los Rios, vol. v, p. 263.
(8) Filha de D. Pedro IV de Aragão, caracterizado com o cognome de Cruel, como os seus coevos homónimos, reis de Portugal e de Castela.
(9) R. Menendez Pidal. Na 48 p. 128 e 95 da obra citada na nota sétima.
(10) Vid. Salvá, *Catálogo* n.º 2900: *Sumario de los Reys de España. Por el Despensero Mayor de la Reyna Doña Leonor, Muger del Rey Don Juan el Primero de Castella con las Alteraciones y Adiciones que posteriormente le hizo un Anónimo. Publicado por Don Eugenio de Llaguno Amirola.*—En Madrid: en la Imprenta de Don Antonio de Sancha. Ano MDCCLXXXI.
(11) Autor da *Crónica de D. Pedro* e das de Enrique II, Juan I, Enrique I. Na de D. Enrique II, o vencedor de Pedro o Cruel, ha referencias a D. Leonor Teles no livro relativo ao ano de 1371, cap. VII (p. 10 do *Tomo* 68 da *Biblioteca de Autores Españoles*).
(12) Ocupei-me de ambas essas Crónicas num estudo que aparecerá nesta Revista, logo que, depois da horrenda conflagração europeia, me vierem de Paris as fotocópias que encomendara em Junho de 1914, por intervenção de um ilustre Hispanófilo.
(13) Pág. 79, 2.
(14) O finamento, em 1383, de D. Leonor de Aragão, mãe de Enrique III e do Infante D. Fernando de Antequera.
No *Cancioneiro de Baena*, riquissimo manancial de informações sobre a época de transição, ha uma composição *A la tumba de la Reyna D. Leonor.* N.º 56.
(15) Erro evidente por D. Leonor.
(16) Lacuna no original que é defeituoso. Talvez *le sucediese, non...*
(17) A nota continua, e conta além das guerras contra o Mestre de Avis, a vida de D. Juan até sua morte e o enterro em 1390.
Até *Flor de Altura* ela está na *Historia Critica de la Literatura Española* de Amador de los Rios, vol. VI, p. 548 e foi reproduzida no *Cancioneiro Gallego-Castelhano* de Lang, p. 226.
(18) Vid. *Manual*, p. 24 e *Curso*, p. 173. Nesse volume o autor suprimiu o adjectivo *portugueses.*
(19) Verdade é que Amador de los Rios tambem agrupou *Ay Donas* com cantarilhos *satiricos* e poeticos como

Esta és Simancas,
don Oppas traydor

e com o motete de

Cardenas, é el Cardenal,
é Chacon, é fray Montero
traen la corte al retortero.

Vid. vol. VII, p. 437. Mas como se verá, sem razão suficiente.

(20) *Em tristuras*, como se lê em uma citação, é erro evidente, conforme se vê da rima *rencura*.

(21) Vid. Milá y Fontanals, *Obras*, vol. III, p. 206 e II 516.

(22) *Fonds Espagnol*, 225.

(23) Além do estudo já citado de Milá y Fontanals, ha extractos em: Morel-Fatio, *Catalogue des Manuscrits Espagnols, etc.* (N.º 595).—Ochoa, *Catálogo Razonado*, p. 268-263.—Bartsch, em *Jahrbuch für Romanische und Englische Literatur*, vol. II, p. 280 seg. (1860). E ha referência na obra de Lang.

(24) A lenda de Tristão e Isolda era conhecida de Alfonso, o Sabio, como se vê no *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, n.º 360, vol. 22-24. Não admira portanto vermo-la citada por um contemporaneo de D. Afonso III (João de Guilhade, *Canc. do Vaticano*, n.º 350), ou Ed. Nobling, vol. 576-579) e pelo rei D. Dinis, *Canc. Vat.* 115, 14, ou ed. Lang, verso 705.

(25) Vid. Menendez y Pelayo, *Origenes de la Novela*, vol. I, p. 48-9, e Lang. p. 123. D. Dinis (vol. 697-701) disse a uma das damas que amava:

pero, senhor, quero vos eu tal bem
qual maior poss' e o mais encoberto
que eu poss'; e sei de Brancafrol
que lhi non ouve Flores tal amor
qual vos eu ei...

E Joan de Guilhade tambem afirmou:

Os grandes nossos amores
que mi e vos sempr ouvemos,
nunca lhi cima fizemos
coma Brancafrol e Flores.

(26) *Dins* é *de intus*; *pregon* por está *preon proon* de *profundus*.

(27) Já publiquei este trecho na *Zeitschrift*, segundo o traslado que gentilmente para mim fizera o insigne hispanófilo R. Foulché Delbosc, director da *Revue Hispanique*.

(28) Penso por exemplo no *Conort* do catalão Farrer, no *Desconort* de Torrellas, no *Inferno de Amor* de Garci Sanchez de Badajoz e no de Guevara, etc.

(29) Chama-se *Castelhano*, e é essencialmente castelhano, mas contém tambem algumas poucas composições portuguesas, e várias em lingua catalã.

(30) Na sua *Antologia* Menendez y Pelayo (VI 332 seg.) dedicou algumas páginas a Guevara, pai ou tio do afamado Bispo de Mondonhedo.

(31) Filho de D. Juan II e de D. Isabel de Portugal. Nascido em 1453, morreu em 1468.

(32) Um deles pelo menos, o Duque de Benavente, sabia versificar.

(33) No Canc. de 1501 estava *quien* por *qu'en*.

(34) Vid. *Cancionero General*, ed. de 1882, vol. I, p. 435 (N.º 233): *Obras suyas: a una partida qu'el rey Don Alonso hizo de Arévalo.* Falando às senhoras conta-lhes as cousas que, suspirando, disseram os *galanes* na partida. O proprio Rei D. Alfonso canta: *Ni me plaze ni consiento* (de Gomez de Rojas); o Senhor de Benavente *Loado seas Amor* (de Alfonso Alvares de Villasandino; o Conde de Ribadeo *Oh que fuerte despedida* (Canc. de Res. II, p. 30); Diego de Ribera *Donzella por cuyo amor* (Canc. de Res. III 86 e Canc. Gen. II, n.º 875, 8); Martin de Tavora *Tan asperas de sofrir* (Canc. Gen., I, 89 e Res. I 5 408); Moran *No queriendo soys querida* (Canc. Musical, n.º 13).

(35) N.os 708 e 819; Rennert 291.

(36) *Marca S-9-2*. Esse *Cancionero* foi descrito por Amador de los Rios (VI 548 f. 419).

(37) O *Passo Honroso*, o maior e mais disparatado dos torneios medievais, foi descrito com grande naturalidade por Pero Rodriguez de Lena, escrivão de D. Juan II no *Libro del Paso Honroso*, publicado incompletamente por Juan de Pineda, em Salamanca, 1588.—Cfr. *Cronica de D. Juan II*, Año 1433, cap. 5.—Nas *Generaciones y Semblanzas* de Perez de Guzman ha uma biografia do tio-avô dos dois Quiñones que tambem tinha sido um grande e notavel cavaleiro.

(38) *Historia Genealógica, Provas*, vol. I, p. 648-667.—Lang dá informações completas sobre a carreira oficial de Pedro de Quiñones.

(39) O tio-avô morrera em 1444 com setenta e tantos anos.

(40) Vid. Amador de los Rios, vol. VI, p. 548.

(41) How far the composition of Pedro de Quiñones may claim to be a *glosa* of this fourteenth century song, can of course not be fully determined as long as this song remains unknown. So much, however, is certain that it is not a *glosa* in the strict technical sense of this term, which requires that each stanza shall quote, in some given place, at least one verse of the text to be expounded. Inasmuch as this rule is not observed by P. de Q., we may assume that the term glosa was applied to his paraphrase in that more or less loose manner in which names of poetical forms appear to have been used at that period.

Acrescentarei que foi sobretudo com relação a fragmentos de Romances velhos, continuados por poetas da côrte, que *Glosa* tinha o sentido de *explicação, continuação explicativa.*

(42) No meu artigo relativo ao *Cancionero Gallego-Castelhano (Zeitschrift* XXVIII, p. 230-1) ainda dizia, afoitamente *Ein seltsam dunkles Gedicht. Von einer Glosse im gewöhnlichen Sinne hat es in der Tat nichts an sich. Das kann man behaupten, wenn auch das ihm zum Thema dienende einst viel gesungene Lied bis auf die Anfangs-zeile verschollen ist.*

(43) Ou talvez *podia?*

(44) No manuscrito ha *pero penso.* Embora não dê sentido satisfactorio, Lang não o substituiu.

(45) Melhor seria: *eu que.*

(46) Julgo que em lugar de *senhores* haveria um adjectivo. *Melhores?* Ou por ventura *de dôres?*

(47) No manuscrito ha *tirado.*

(48) *Vossa mercee,* no remate não é *titulatura.* Significa *vossa caridade e clemencia.*

(49) *Nem* seria mais expressivo.

(50) Aqui parece faltar alguma coisa; duas meias estrofes, em que o poeta contava, que um dia, impelido pela saudade, saiu da solidão do seu Val-fermoso.

(51) *Achegando* melhorava a construção.

(52) *Senhor,* f. (nos versos 14 e 32) como nos Cancioneiros arcaicos. *Senhora,* à moderna, no verso 23.

(53) *Ll nn* por *lh nh,* como no Cancioneiro da Ajuda.

(54) *Tomavam* esclarecia o texto.

(55) *Salvo ua que por mesura* (cortesia).

(56) *Tirado,* no significado de *banido, desterrado, afastado,* talvez fosse preferível?

(57) *Dolores* (m.) frequente em galego-português, talqual *colores.*

(58) No sentido de *sempre, a toda a hora.*

(59) As rimas *cd* são *al ado* na volta 1.ª; *ar ores,* na 2.ª; *ei ado,* na 3.ª; *ado ores,* na 4.ª. Isso é: na lição que proponho.

(60) As *Voltas,* tanto de *Vilanceles* como de *Cantigas,* essas já estavam fixadas.

(61) Vid. *Cancioneiro Geral,* coleccionado por Garcia de Resende, I 338 e 114.

(62) Ib. I. 490 e 386; II 134, 208, 316, 545.

(63) Ib. III 534.—Nas Glosas de Romances são naturalmente sempre dois versos, hemistiquios de uma *Langzeile,* que se entremetem no texto novo. Vid. *Canc. General* n.os 436-443.

(64) Ib. I 244, 302.

(65) I, 164.

(66) I, 148.

(67) Ib. I, 173.

(68) Ib. I, 260.

(69) Ib. II, 494.

(70) Ib. I 236.

(71) *Canc. General* n.º 440.

(72) A cantiga compõe-se normalmente de uma *Quadra-Mote* e de uma *Volta de duas quadras* (Oitavilha).

(73) CG f. 69, ou vol. II, p. 41 da ed. de Stuttgart: Confira-se o *Cancioneiro General* n.º 44.

(74) No cap. 18 da Parte Segunda do *D. Quixote* fala-se das leis apertadas e dos perigos da arte de glosar.

(75) Numa Glosa modelar não devia haver nem remendos nem enchimentos. E nenhum *disse, direi, respondeu,* etc.

(76) No *Cancionero de Baena* não ha nenhuma; nenhuma no *Cancionero Musical.* E no *Cancionero Gallego-Castelhano* de Lang a de João Lourenço é unica.

(77) *Cancioneiro de Baena*, n.º 306; *Canc. Gal. Cast.*, n.º 3; Rennert, *Macias*, n.º 1.

(78) Ib. 310; Lang VI e Rennert IV.

(79) Baena, vol. II, p. 679; Lang VII; Rennert XII.

(80) Baena 15 e 20; Lang XXIX.

(81) Baena 16, Lang XXXI.

(82) É a volta da cantiga *Ben aia* que já citei, feita por amor e em louvor de D. Joana de Sousa.

(83) Com elas se deve comparar a cantiga n.º 11 do *Cancioneiro de Baena:*

Entre Doyr e Minho estando,
ben preto de Salvaterra,
fuy fallar comigo guerra
un ruysseñor que cantando
estava de amor, etc.

(84) *Canc. do Vaticano*, n.º 209: *Em hum tiempo cogi flores del mui nobre paraiso.*

(85) Vid. C. M. de Vasconcellos, *Randglosse* XVI e *Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 593; Conde de Sabugosa, *Donas de tempos idos*, 1912, p. 23-59.

(86) Cfr. Lang, *Canc.* p. 186. Nota ao verso 562, em que Garci Ferrandes se refere a *ua que chamavam rosa*, e p. 127. Nota relativa a *flor de altura.*

(87) *Canc. do Vat.*, N.º 209.

(88) Não conheço texto algum anterior ao seculo XVI, que registe essa gentil alcunha. Pelo contrário, na *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos, acto I, scena 5, só se fala da *Garça de Portugal. Colo de garça*, com alusão ao belo pescoço (de cisne como diriamos na Alemanha) com que é côstume retratar a Inês de Castro, encontrei-o na tragédia *Reinar despues de morir* (I, 5, e II, 9). De *Cuello de Garça*, alguns ingénuos fizeram o apelido *Coelho*, imprimindo *D. Inês de Castro e Coelho de Garça!*

Oportunamente tratarei das numerosas e lindas poesias, populares e palacianas, em que figuradamente se trata do *falcão*, do *açor*, da *garça real*, como outros tantos testemunhos do grande apreço que se dava à caça de altanaria. Nada mais natural do que algum cortesão de D. Pedro haver afirmado que a *garça* melhor que ele caçara, era Inês de Castro: verdadeira ave coroada.

(89) Baena 17; cfr. Lang, verso 1011.

(90) Baena 8; Lang, verso 551 e 570.

(91) Baena n.º 565. De Garci Ferrans de Jerena diz a epígrafe gèral que «por sus pecados e grand desventura enamorose de una juglara que avia sido mora e pensando que ella tenia mucho tesoro, e otrosy porque era muger vistosa, pediola por muger al rey y diogela, pero despues fallo que no tenia nada». E a epígrafe especial da composição citada que fez com grande quebranto e com amargura, refere que «despues que partio de Málaga, se fue a Granada con su muger e con sus fijos e se tornó moró, é rrenegó la fé de Jesus Christo e dixo mucho mal della. Estando en Granada enamoró-se de una hermana de su muger e seguiola tanto que la ovo etc.»

(92) Vid. *Canc. General* n.º 708.

(93) Ed. de 1902, p. 161.

(94) *Dueñas* no texto de Fra Rocaberti.

(95) Vid. vol. X, p. 304 (1900).—Posteriormente entrou no importante *Catálogo del romancero judio español*, publicado por Ramon Menendez Pidal em *Cultura Española* n.º IV, p. 1064, (1906), mas apenas com os primeiros sete versos bipartidos.

(96) No *Catálogo*, a epígrafe diz: *La muger de Juan Lorenzo.* As lições vindas de Tanger tem algumas variantes que vou registar:

[1] Jan—[2] quien te hizo mucho mal—[3] quiere—[4] tañendo.

(97) *Antologia* VIII, p. 210-216.

N.º 103. Romance de doña Isabel: *Yo me estando en Tordesillas.*

N.º 104. Otro romance de Doña Isabel cómo porque el rey tenia hijos de ella, la reina la mandó matar: *Yo me estando en Giromena.*

N.º 105. Romance de la venganza de doña Isabel: *El rey don Juan Manuel que era de Cepta y Tanjar.*

N.º 106. De como el rey de Portugal vengó la muerte de doña Isabel Liar.

N.º 107. Romance de la duquesa de Berganza: *Un lunes á las cuatro horas.*

N.º 107-A. Romance de como el duque de Berganza mató a la duqueza su mujer: *Lunes se decia lunes.*

([98]) Vol. III, p. 573-580.
([99]) A p. 574, 578 e 606.
([100]) Barrera y Leirado, *Catálogo Razonado*, p. 82, e Adolf Schäffer, *Geschichte der Spanischen National-litteratur*, vol. I, p. 230.
([101]) Vid. Schäffer, II, p. 288.
([102]) PS. — Essa obra apareceu no entretanto, e faz hoje as delicias dos que amam a lingua pátria.

Porto, Junho de 1915 e Março de 1916.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

Contos populares de Évora

(Vid. REVISTA LUSITANA, XVIII, 205)

XX

O conto dos chilros-bilros

Era um almocreve e era casado e a molher metia frade em casa; e tinha um criado havia muitos anos. E uma ocasião o criado despediu-se e foi-se embora.

E passaram-se tempos e um dia o almocreve e encontrou o criado que já andava por sua conta e fêz-lhe muita festa.

—Adeus rapaz.

—Adeus meu patrão.

—¿Então o que é que tu fazes? ¿Já te casaste?

—¿Quem eu? Nada, eu cá não me caso, isto em molheres não há que fiar.

—Lá isso é verdade, mas ainda há molheres capazes, aí tens a tua patroa.

—!Ora a patroa! Quando o patrão está fora, mete ela um frade lá em casa.

—Isso é mentira.

—Se o patrão quere apostar eu levo-o lá e logo sabe se é mentira ou se é verdade.

—Pois apostamos.

E apostaram: apostaram trinta mil réis e uma égua vermelha muito bonita que o almocreve tinha.

E combinaram o almocreve meter-se numa gorpelha, dentro dos seirões do macho e o criado ir bater lá à porta da patroa.

Assim foi.

O marido foi para casa e disse à molher que ia para fora. Ao depois foi ter com o criado lá adonde tinham combinado e lá foram os dois.

Ali à noitinha e o criado foi bater à porta da patroa. Vem a patroa:

—¿Quem é?

—Sou eu, minha patroa, que lhe vinha pedir para me deixar pôr aí o macho na cavalariça que venho de muito lonje.

—Ai, és tu rapaz, entra, entra.

E apareceu logo o frade:

—Adeus rapaz.

—Adeus senhor Frei Fulano.

—¿Então o que fazes que há tanto tempo que te não via?

—Ora, ando na minha vida; trago aqui um odre de azeite dentro de esta gorpelha, ¡se o senhor Frei Fulano me ajudasse a tirá-lo!

E o frade ajudou a tirar a gorpelha e trousseram a gorpelha para a cozinha.

E a patroa já tinha a ceia pronta e convindaram o rapaz para cear. E começaram todos três a comer.

E a patroa e disse:

—Já que cá temos o nosso criado antigo, havemos de hoje fazer uma saúde; o primeiro há-de ser o senhor Frei Fulano.

E o frade levantou-se e disse assim:

—Eu sou frade franciscano
Passo vida regalada,
Trato-me a vinho do Pôrto
E a boa galinha assada.

—Muito bem, muito bem.

—Agora há-de ser a senhora.

E ela levantou-se e fêz a saúde:

—Meu marido foi ao mar,
Chilros-bilros foi buscar,
Os olhos que o viram ir
Que não no vejam tornar.

—Muito bem, muito bem.

—Agora tu.

E o criado levantou-se e disse:

—Ó tu lá dêsses seirões,
De dentro dessa gorpelha,
Ganhei os trinta mil réis
Mais a minha égua vermelha.

E o marido saltou de dentro da gorpelha e deu uma grande sova no frade e ficou então sabendo que era verdade o que o criado lhe dizia, e bendito louvado, conto acabado.

Colhido em Évora (agosto de 1914).

XXI

Maria do béu-béu

Era uma mestra viúva, e tinha uma filha e havia um homem viúvo que tinha também uma filha. E a filha do homem era muito bonita e a filha da mestra era muito feia. E a menina do homem ia lá à mestra e ela não fazia senão dizer-lhe:

— Diga ao seu pai que case comigo que eu hei-de-lhe dar bolinhos de mel e azeite.

E ela vinha para casa e dizia ao pai e o pai dizia-lhe:

— Ai filha, ela diz que t'os dá de mel e ao depois dá-t'os de fel.

E a mestra andava-lhe sempre a dizer o mesmo e o pai dava-lhe sempre a mesma resposta.

E a menina tanto pediu e o pai disse-lhe:

— Ôlha filha, diz-lhe que sem estragar uma botas que cá tenho, não caso com ela.

E as botas estavam sempre penduradas num prego e não se estragavam. E a menina foi dizer à mestra o que o pai lhe tinha dito. E a mestra preguntava-lhe sempre pelas botas e um dia a menina disse-lhe que as botas estavam penduradas.

E a mestra ensinou-lhe que lhe deitasse umas poucas de brasas para dentro e em elas tendo buracos que dissesse ao pai. Assim foi. A menina deitou as brasas e foi dizer ao pai que as botas já estavam rôtas.

E o pai casou com a mestra.

E a mestra entrou logo a tratar a menina muito mal.

E a menina tinha uma vaquinha e a madrasta mandou a menina guardar a vaquinha e deu-lhe linhol para ela trazer fiado.

E a menina foi com a vaquinha e entrou a chorar porque não tinha roca adonde fiar o linho e a vaquinha disse-lhe:

— Não chores, põe o linhol aqui nos meus paus e vai arranjando o fio.

E a menina assim fêz. E à noite veio mostrar o linho à madrasta e a madrasta que já andava desconfiada disse logo:

—Isto são obras da vaquinha.

E no outro dia mandou-a guardar a vaquinha e deu-lhe um pão e disse-lhe que queria que lhe tirasse o meolo e lhe troussesse o pão enteiro.

E a menina foi e entrou a chorar; diz-lhe a vaquinha:

—Não chores, tira um bocadinho à côdea e mete o pão num dos meus paus e deixa.

E assim foi; e o pão ficou ôco e a menina tornou a pôr o bocadinho da côdea e o pão ficou enteiro e sem meolo.

E veio para casa e a madrasta disse logo:

—Isto são obras da vaquinha, a vaquinha há-de-se matar.

E a menina foi a chorar e a vaquinha disse-lhe:

—Não chores e em me matando diz que queres ir lavar as minhas tripas.

E assim foi: mataram a vaquinha e a menina pediu para ir lavar as tripas.

E a menina foi para a ribeira lavar as tripas.

E já não lhe faltava lavar senão uma e a tripa caiu-lhe das mãos e foi pela ribeira abaixo e ela atrás da tripa e a tripa sempre a correr.

E parou aonde havia uma porta e a menina empurrou a porta e entrou.

E viu uma canzinha e estava tudo çujo e o lume apagado; e ela varreu as casas, acendeu o lume, fêz as camas, pôs o jantar ao lume, deu de almoçar à canzinha e meteu-se atrás da porta.

E nisto vieram três fadas e a canzinha entrou logo a ladrar:

—Béu, béu, béu, atrás da porta está quem nos fêz tanto bem, quem acendeu o lume, quem varreu as casas, quem pôs o jantar ao lume, quem fêz as camas e me deu de comer.

E as fadas disseram:

—Apareça, que não se lhe faz mal.

E a menina apareceu.

E disse uma fada:

—Eu te fado para que sejas a cara mais linda que haja em todo o mundo.

E a outra disse:

—Eu te fado para que enquanto te estejas a rir, te saltem da bôca pérolas de ouro.

E a outra disse:

— Aqui tens esta varinha de condão; tudo o que quiseres pede-lhe que ela t'o há-de fazer.

E a menina foi-se embora e foi levar as tripas à mestra.

E a mestra e mais a filha ficaram muito admiradas de ela vir tam bonita.

E a filha da mestra, às escondidas da mãe, pediu-lhe que lhe dissesse adonde é que ela tinha ido.

E a menina disse-lhe assim:

— Ôlha fui além àquela porta e entrei e apaguei o lume, e entornei o jantar, e çujei as casas, e esbandalhei as camas e dei uma sova na canzinha e meti-me atrás da porta.

E a filha da mestra foi e fêz tudo o que ela lhe disse.

E vieram as fadas e a canzinha assim que viu as donas entrou a ladrar:

— Béu, béu, béu, atrás da porta está quem nos fêz tanto mal, quem apagou o lume, quem çujou as casas, quem esbandalhou as camas e quem me deu uma sova.

E as fadas disseram:

— Apareça, que não se lhe faz mal.

E disse uma:

— Eu te fado para que sejas a cara mais feia que haja em todo o mundo.

A segunda disse:

— Eu te fado para que te nasça um monco de pirum na testa.

E a terceira disse:

— Eu te fado para que quando te estejas a rir, te saiam cag... da bôca para fora.

E a filha da mestra veio-se embora para casa.

E a mestra assim que viu a filha e ficou que não se podia ter; e com enveja meteu a enteada na tulha do carvão.

E tratava a menina cada vez pior. E a menina fazia queixas ao pai e o pai respondia-lhe:

— ¿Eu não te dizia que ela te prometia bôlos de mel e depois t'os havia de dar de fel?

E houve umas festas riais e as festas duravam três dias.

E a filha da mestra foi dizer à menina que ia às festas e a menina pediu-lhe que fôsse dizer à mãe para ela ir às festas também; e a mãe disse logo que não.

E assim que elas saíram, a menina diz:

— Varinha de condão, pela virtude que Deus te deu, põe-me aqui já uma aia com tudo o preciso para me vestir e um trem para eu ir às festas riais.

E assim foi e apareceu a aia e vestiu a menina e já estava o trem, e a menina meteu-se no trem e abalou.

E lá nas festas ninguém sabia de quem era aquele trem e todos se admiraram daquela menina tam bonita.

E acabou-se a festa e ela veio logo para casa e meteu-se na tulha do carvão.

E à noite a irmã veio e contou-lhe tudo e ela finjiu que ficou com muita pena.

E no dia seguinte o mesmo:

— Varinha de condão, pela virtude que Deus te deu, põe-me aqui já uma aia para me vestir e um trem.

E assim foi, e a menina foi às festas e ninguém sabia quem era aquela menina. E o príncipe viu a menina e quis saber quem ela era. Mas no fim da festa o trem desapareceu e êle por mais que preguntasse não pôde saber quem era a menina.

E no último dia o mesmo. A menina foi e todos queriam saber quem a menina era.

E no fim da festa quando ia a sobir para o trem, para se vir embora e com a pressa caiu-lhe, do pé, uma chinelinha de cetim branco. E o príncipe apanhou a chinelinha; e quis saber de quem a chinelinha era. E andou a preguntar por todas as casas e ninguém lhe sabia dizer.

E foi à da mestra. E a mestra mandou-o entrar e mostrou-lhe a filha feia a ver se lhe servia a chinela e a chinela não lhe servia.

E o príncipe preguntou-lhe se ela tinha mais alguma filha e a mestra não teve mais remédio e mandou buscar a enteada à tulha do carvão e veio a menina e a chinelinha servia-lhe.

E o príncipe pediu-a logo em casamento. E preparou-se tudo e no outro dia foi buscá-la.

E a mestra e vestiu a filha dela e pôs-lhe um véu que não se lhe via a cara. E o príncipe foi e trousse a filha da mestra julgando que era a menina.

E vinham na seje e nisto aparece a canzinha e a canzinha entrou a correr atrás da seje e a ladrar:

— Béu, béu, béu
Cag... de porco vai na burra
Moça formosa fica na tulha.

E o príncipe ouviu aquilo e vai e tira o véu à rapariga e viu que não era a menina que êle queria.

E virou logo para trás e foi lá à da mestra para lhe dar a menina e a mestra não teve outro remédio senão entregar a menina e o príncipe casou com ela e ainda lá estão hoje e bendito louvado está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (agosto de 1914).

XIX

O menino das maçãs

Era uma molher que vivia do amor de Deus. E tinha uma filha e a filha, como eram muito pobres, nunca aparecia.

E a molher pôs-se doente e morreu. E a rapariga que não sabia nada do mundo e entrou a chorar; e quando ela vê chegar à porta uma velhinha que lhe disse:

—Não chores que aqui estou eu; perdeste uma mãe e achaste outra; aqui tens êste talego de dinheiro e está além aquela vezinha e tu chama-a e diz-lhe que vá despachar o entêrro da tua mãe e hás-de ir à missa com ela e ela é que te há-de fazer as compras e com ela é que hás-de andar sempre; e em te vendo nalguma aflição brada pela tua mãe. E a rapariga assim fêz. E a vezinha entrou a ir com a rapariga à missa e todos faziam mangação da vezinha aparecer com a rapariga que não lhe era nada. E a vezinha por amor disso disse-lhe que se ia embora e a menina entrou a chorar:

—Valha-me aqui a minha mãe.

E apareceu-lhe a velhinha.

—¿Então o que queres?

E ela disse-lhe que a molher já não queria tratar dela. E a velhinha disse-lhe:

—Deixa, não chores, aqui há-de vir uma águia, tu mete todas as tuas jóias num talego e vai atrás dela e adonde a águia parar, pára tu que aí é que hás-de ficar; e quando quiseres alguma cousa brada por mim.

E a rapariga assim fêz e a águia veio e ela foi atrás da águia e a águia chegou a uma terra e desapareceu e ela preguntou ali se havia casas para arrendar. E disseram-lhe que havia umas casas que a fidalga dava às pelingrinas para lhe fiarem o linhol.

E ela foi lá e ficou na casa e a fidalga disse para lhe levarem linhol. E levaram-lhe o linhol. E assim que foi o primeiro linhol fiado a fidalga disse à criada:

—Ó rapariga, quando fôr o linhol para a pelingrina não o

deem deante do meu filho porque êste linhol parece fiado pelas mãos duma santa.

E as criadas assim faziam mas uma vez o filho da fidalga viu o linhol fiado pela pelingrina.

E êle é que quis ir levar o linhol à pelingrina. E êle bateu à porta e disse-lhe que lhe queria falar. E ela abriu o postigo. E êle queria entrar e ela não deixou.

—¿Então nem por a casa ser minha se me abre a porta?

E ela respondeu:

—Entra o senhor e saio eu.

E êle não quis. E êle gostou muito dela e mandou-lhe dizer que queria casar com ela. E ela mandou-lhe dizer que não lhe dava a resposta sem falar com a sua mãe. E chamou pela mãe; e apareceu-lhe a velhinha e ela contou-lhe tudo. E a velhinha disse-lhe:

—Ôlha, diz-lhe que sim e adeus que já não precisas mais de mim.

E desapareceu. E o filho da fidalga foi buscar a resposta e ela disse-lhe que sim; e êle foi dizer à mãe que queria casar com a pelingrina. E a mãe ficou muito zangada e disse-lhe que aquele casamento não era de seu agrado e que nunca mais se dava com êle. E êle não quis saber e casou com a pelingrina. E pôs lavoura e fêz-se lavrador.

E tinha muita sorte: punha uma saca meia de farinha e ia a ver estava cheia; e tinha um pote meio de azeite e quando ia a ver já estava cheio; e a casa sempre a aumentar. E tinham já uma casa muito farta e com muitos criados. E ela teve um menino, e o menino foi crescendo e já andava. E ela todos os dias de santo ia à missa com o menino.

E a fidalga ia também à missa e gostava muito daquele menino e não sabia quem êle era. E as criadas da fidalga conheciam o menino. E um dia as criadas disseram-lhe quem era aquele menino, que era neto dela. E a fidalga beijou muito o menino e a mãe viu a fidalga a beijar o menino e levantou-se e veio pedir-lhe perdão de o filho lhe ter desobedecido e a fidalga gostou muito dela e fêz as pazes. E a nora convindou-a logo para no outro dia ir jantar a casa dela. E veio para casa e contou tudo ao marido e prepararam uma grande festa e um grande jantar. E estava um tacho de água ao lume, em cima da trempe e o menino andava a brincar e tombou-se o tacho por cima dele e o menino morreu queimado. E a mãe disse às criadas e aos criados que não dissessem nada à fidalga, do menino estar morto,

para ela não sofrer um desgosto tam grande logo naquele dia. E assim foi. E arranjaram o menino e amortalharam-no e meteram-no no caixão que estava na casa da entrada. E veio a fidalga e preguntou logo pelo neto e todos lhe disseram que estava a dormir. E todo o dia até ao jantar a fidalga preguntou pelo neto e diziam-lhe sempre que estava a dormir. E ao jantar bateram à porta: era um pobrezinho. E ela tinha o costume de, quando batia um pobre à porta, ela levar ao pobrezinho um bocadinho de tudo o que havia na mesa.

E a fidalga disse:

—¿Para que vos levantais da mesa com tantos criados?

E ela respondeu:

—É êste o meu costume, minha mãe, eu servir os pobrezinhos.

E foi à porta e o pobrezinho olhou para o que ela levava e disse:

—Traz aí coisas muito boas, minha benfeitora, mas de nada que aí traz tenho vontade.

E ela disse-lhe:

—Ó irmãozinho da minha alma mas diga o que quere que eu lh'o vou buscar.

—Eu só queria umas maçãs.

—Ó irmão, eu não tenho em casa tal fruta.

E o pobre respondeu:

—Tem, tem, é porque não m'as quere dar; além dentro daquela caixa está um menino a brincar com um ramo delas.

E ela, deu-lhe o coração uma pancada e foi a correr e abriu o caixão e viu o filho assentado a brincar com um ramo de maçãs na mão. E tirou as maçãs ao menino e quando ia a dá-las ao pobrezinho já o pobre lá não estava.E o menino ficou vivo e ela levou-o à avó e contou-lhe tudo e lá ficaram sempre muito amigos e bendito louvado, conto acabado.

Colhido em Évora (set.º de 1914).

BERNARDINO BARBOSA.

Errata neste artigo

Os n.os dos dois contos de pag. 27 e 29, devem ser XVII e XVIII, e não XX e XXI.

Fragmento de um tratado de teologia do sec. xv em português

Entre os papeis da Inquisição de Lisboa que se guardam no Arquivo Nacional, encontra-se um caderno de 48 folhas, que tem o seguinte titulo: *Livro da Recepta e despesa do Thisoureiro do Santo oficio do anno que começa de Janeiro de 1563 em diante.* Como estes papeis ainda não estão catalogados nem sequer numerados, não posso indicar a sua colocação.

O que notabiliza o caderno, é a capa que o reveste, nada menos que uma folha de pergaminho arrancado de um codice medieval português. A forma da letra denuncia-o trabalho do sec. xv, de algum primor. As letras capitulares são pintadas de vermelho e azul e os sumarios dos capitulos, escritos de vermelho.

O assunto do codice era de natureza teologica, não sendo possivel sem largo conhecimento da literatura medieval descobrir o autor, provavelmente estrangeiro. A palavra *anchura* empregada no texto, faz pensar num original castelhano ou talvez galego, de que o presente fragmento seja tradução.

Pedro d'Azevedo.

..do cõ grande maravjlha que começou a chamar pubricamente deante del. nõ foy sẽ mereçjmẽto. que o diaboo que despreçou a mj. nõ podesse sofrer a tua presença Ca a tua virtude nõ digo eno ardor da mjnha mançebia. mas aynda agora nõ ousaria provala sẽ pirigoo da castidade E este exenpro como quer que o abade iohã o cõtava por muj grande maravilha. enpero nõ amoestava a nẽhũu dos monges que o provasse Ca sabia que mujtas cousas forõ feytas dereytamente de hũus. que trouxerõ grande dano a outros que [o] quiserõ arremedar. Non podẽ todos apropriar a ssi o que o nosso senhor deu a poucos po[der?]especial Mas agora tornemos a falar da sçiençia da qual foy tomado o começo da desputaçõ.

Capitulo viij. da sçiençia spiritual

Porende asi como de suso dissemos a sçiençia spiritual açerca mujtas profissões e estudos se departe Mas a sçiençia spiritual partesse ẽ duas. eno entẽdjmẽto estorial e ẽno espoy-

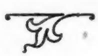
mento spiritual Onde salamõ quando contava as mujtas maneiras de [*Recto—Primeira coluna*] graças ena egreia ẽnhadeo e disse Ca todos os que som ẽ ela som vestidos dobremẽte Tropo quer dizer. palavra trasladada da sua segnjficação propría a outra nõ propria Tres sõ as maneiras da sçiençia spiritual. tropologia. estoria. alegoria e anegogẽ Tropologia he a sçiençia que retẽ en si hũu ssiso e mostra outro por as palavras Das quaes fala enos proverbios mas tu escreve aquelas cousas a ty en tres maneiras sobre a anchura do teu coraçõ Pois a estoria cõprehende o conheçjmento das cousas pasadas e vẽetes. as quaes reconta o apostolo dizendo asi Escripto he que abrahã ouve dous filhos hũu de serva e outro de ljvre. mas o da serva naçeo segundo a carne e o da livre por prometjmẽto Estas palavras hã outro entendjmento que chamã alegoria A alegoria perteeçe quando as cousas que som feytas e passã segũdo verdade fegurã forma de outro sacramento segũdo he aquelo que diz o apostolo Estes sõ dous testamẽtos. o hũu eno monte synay que geera ẽ servjdõoe e esta he agar Mas synay he hũu mõte ẽ arabia que he aiũtado aaquela que he agora iherusalem e ser [*Recto—2.ª columna*] ve cõ seus filhos Anagogẽ he aquela sçiençia que dos misterios spirituaaes sobe a outros mais altos e mais sanctos secretos E conta o apostolo dizendo asi. ca o que de ssuso he iherusalem. ljvre he que he nossa madre Ca escripto he alegrate manjnha que nõ pares ronpe e chama que nõ sofres doores de parto. ca muytos sõ os filhos da desenparada mais que de aquela que a marido Tropologia he esparnamẽto das escripturas segũdo costumes pera emẽdar a vjda e he doctrina que perteeçe aa ujda autiva asi como se ẽtendemos por estes dous testamẽtos a sçiençia actual e a espiritual Ou ẽ outra maneira se por iherusalem ou por syon quisermos entender as almas dos homẽes segũdo aquelo. iherusalem louva ao senhor syon louva teu deus Porende estas quatro feguras se queremos mesturãse en hũu ca hũa e essa meesma iherusalem se pode ẽtender ẽ quatro maneiras segundo a estoria. iherusalem quer dizer çidade dos iudeus. segundo alegoria. iherusalem quer dizer egreia de ihesu xpo. segundo anegogẽ. iherusalem quer dizer aquela [*Verso. Primeira coluna*] cidade çelestial de deus que he madre de todos nos, segũdo a tropologia iherusalem quer dizer a alma do homẽ Ca espessamente a louva o nosso senhor e a doesta so este nome Destas quatro maneiras de entrepetraçõoes. diz o apostolo asi. mas agora hirmãaos se veher a vos falandovos ẽ ljngoas en que vos aproveytarey se vos nõ fala en revelaçõ ou ẽ sçiençia ou en propheçia ou en doutrina Ca aa rrevelaçõ perteeçe ale-

gorja por a qual se decrarõ por sisso spiritual e por esposiçõ aquelas cousas que iazẽ ascondidas so a estoria Asi como se tenptarmos decrarar aquelo en que maneira os nossos padres forõ todos so a nuvẽ e todos forõ bautizados por moysem ena nuvẽ e eno mar E en que maneira todos comerõ ese meesmo mãiar spiritual e beverom ese meesmo bever da pedra que os seguja e a pedra era xpo A qual conparada aa esposiçõ da fegura do corpo e do sangue de ihesu xpo. o qual reçebemos de cada dia contem en si a rrezõ da alegoria Pois tãbẽ a sçiençia de que fala o apostolo [*Verso. Segunda columna*]................ ..nosso senhor aficadamente dizendo Senhor deçende ante que moira meu filho a qual mjngua de fe como quer que o nosso senhor o rreprehendeo por estas palavras. se nõ virdes sjnaaes e maravjlhas nõ creeredes Enpero nõ husou da graça da sua devijndade segundo a fraqueza da fe del. nẽ tirou as ẽfermidades mortaaes da febre por presença corporal asi como a el creera. mas soou as por a palavra do seu senhorjo. dizendo. vay ca o teu filho vive. E aynda esta meesma largueza de graça. leemos que foy mostrado ena curaçõ de aquel paralitico Ca el demandava remedio contra a enfermidade do corpo e foylhe outorgado primeiro a saude da alma por estas palavras. filho sey çerto que perdoados te som a ty teus pecados Enpos esto porque os prinçepes que se chamavã escribas nõ criã que el podia perdoar os pecados dos homẽes pera cõfonder a sua descrẽeça apremou de cabo os nenbros do paralitico que era ia sãao e disse a eles Porque penssades maas cousas ẽ vossos [Recto *Primeira columna*] coraçõoes qual he mais ligeiro de dizer ou perdoados te som os teus pecados ou dizer levantate e anda Mas porque saybades que o filho do homẽ ha poder ena terra de perdoar os pecados Entonçe disse ao paralitico levãtate e toma teu leyto e vayte a tua casa Aynda tã bem demostrou a sua largueza da sua boa voontade ẽ aquel que iazia ena ribeira do natatorío de syloe xxx e viij anos de balde esperando mẽezinha eno movjmẽto de aquela augua Ca querendoo chamar aos remedios da saude disselhe queres seer sãao e entonçe el querelandosse que avja mjngua de aiuda de homẽ Disse senhor nõ ey homẽ que me meta ena pecina quandosse avolve a augua Mas o nosso senhor perdoador aa mjngua da sua fe e do seu nõ saber tornouho sãao asi como antes fora nõ por aquela maneira que el esperava mas por a merçee que el quise. dizendolhe levantate e toma teu leyto e vayte a tua casa E qual maravilha se disermos que estas cousas forõ feytas por o po [*Recto—Segunda coluna*]

der de deus quando outras cousas semelhantes destas obra a graça de deus aynda por os seus servos Ca entrando eno templo sam pedro e sam iohã demandavalhes esmola aquel tolheyto que nũca soubera andar depois que naçera do ventre de sua madre E eles nõ lhe derõ aquela moeda vjl que demandava o enfermo mas derõlhe o ofiçio de andar. E ao que esperava prazer de muj pequena aiuda enrriquecerõno de gualardõoes de saude a qual el nõ esperava. dizendolhe sam pedro. eu nõ ey ouro nẽ prata mas o que eu ey esso te dou. eno nome do nosso senhor ihesu xpo nazareno levantate e anda.

Capitulo. xvij. que a despensaçõ de deus nõ se pode escodrjnhar.

Podemos entender por estes exenpros que avemos ditos que tomamos dos evangelhos que deus procura a saude do humanal ljnhagẽ por maneiras departidas e sẽ conta. por carreiras que senõ poderiã escodrjnhar. e que move o cursso de algũus que o querẽ e o deseiã a mayor entendjmẽto. e outros que nõ [*Verso. Primeira coluna*]. querem constrangeos contra sua võotade E agora nos aiuda porque se conpram aquelas cousas que el entende que nos deseiamos a proveyto de nos. E agora aspira ẽ nos começos de santo deseio. ou danos começos de boa obra ou de perseverança E de ali he que quando oramos nõ tãsoomẽte o achamos defendedor e salvador mas aynda aiudador e reçebedor Ca ẽ esto que el primeiramẽte nos chama e nẽ o sabendo nos nẽ o querendo tragenos a saude pareçe que he nosso defendedor e nosso salvador. ẽ esto que quando nos esforçamos aiudamos e quando fogimos amoestanos e reçebenos. dizese nosso senhor e nosso defendjmento En cabo o santo apostolo tractando ẽ sua võotade esta largueza da despensaçõ de deus ẽ muytas maneiras e semelhando que era caydo en hũu peego muj fundo da piedade de deus que nõ ha cabo nẽ fjm chama a grande voz Oo alteza de riquezas da sabedorja e da sçiençia de deus. ca os seus iujzos nõ se podẽ escodrjnhar. e as suas carreiras nõ se podẽ sigujr Ca quẽ conhe.. [*Verso, Segunda coluna*].



Retalhos de um Adagiário

Os provérbios e locuções que se seguem são extraidos, ao acaso, de uma colecção composta de alguns milhares, em cuja organização trabalho há alguns anos, sem que—por causas bem contrárias à minha vontade—conseguisse, até hoje, dar-lhe impulso definitivo.

Bem ou mal, pouco provido de cabedal para entrar em assunto de semelhante natureza e de tal importância para o estudo folklórico, e, portanto, guiado por um critério indubitavelmente discutível, eu procurei anotar boa parte dos provérbios e locuções da minha colecção, com os materiais que me foi possível reunir—materiais pobres na qualidade mas que, agrupados com o adágio a que respeitam, talvez possam prestar algum serviço a quem um dia se dispuser à tarefa de organizar o conjunto do adagiário português.

Vivendo numa cidadezinha de província, sem o convívio de uma biblioteca pública, e dispondo apenas do escassíssimo recurso dos meus livros, e do generoso empréstimo de outros, feito por um ou outro amigo, eu não podia ter a vaidade de fazer uma compilação grandiosa.

Os artigos que agora publico são uma amostra do meu trabalho, cuja pouquidade scientífica sou o primeiro a reconhecer. Mas nem por isso deixarei de persistir no meu intento, tendo em vista o preceito, tantas vezes recomendado pelos mestres do folklore, de que em trabalhos de semelhante natureza se não deve desprezar nenhum elemento nem nenhuma versão, por mais inúteis e insignificantes que pareçam.

Leiria, 15 de Janeiro de 1916.

I

O homem ruivo e a mulher barbuda || de longe os sauda.

Êste provérbio encontra-se nas colecções de Bento Pereireira (1) e de Rolland (2).

---

(1) *Adágios Portugueses* (apensos à Prosódia há dela várias edições).

(2) *Adágios, provérbios, rifãos.* Há duas edições.

Teófilo Braga (*O Povo Português*, II, 344) diz que a parte do provérbio referente á «mulher barbuda» se explica pela crença, referida por Herodoto, de que em um templo perto de Halicarnasso, quando crescia a barba à sacerdotisa, estava para acontecer uma grand deesgraça.

Roux de Ling (*Proverbes Français*, I, 222) insere o antigo provérbio francês *Femme barbue, de loing la salue, un baston à la main*—e atribue-o à crença corrente na idade-média de que uma mulher com barba era bruxa. Esta razão parece-me mais aceitável do que a de Teófilo Braga, muito embora eu não conheça versão identica portuguesa.

Cf. o provérbio *A mulher barbada não dês pousada.*

Quanto à aversão manifestada contra os *ruivos* neste e noutros provérbios (1), parece que ela se funda na crença de que Judas era ruivo—crença corrente em Portugal e que em França deu origem à locução *avoir un poil de Judas*, isto é, *ter os cabelos ruivos.*

Vem a propósito um caso contado por Fernão Lopes, e que revela a má conta em que já no século XIV eram tidos os *ruivos*: Quando Henrique II, de Castella, deliberou invadir o nosso país, para responder à acção do rei português D. Fernando I, que, aliado com o duque de Lencastre, pretendia despojá-lo da coroa, alguns homens do seu conselho, mais tímidos e de vistas menos largas, opinavam que a guerra fosse adiada, alegando para isso várias razões. «El-rei, quando viu (diz Fernão Lopes) que todos eram daquele acordo, e nenhum desviava dele, deu-lhes em resposta dizendo: «Ou vós todos estais bêbados, ou sandeus, ou sois traidores.»—«Não já eu, senhor, disse o bispo (2) porque não sou ruivo.»—«Ah! bispo, disse el-rei, por mim dizeis vós isso», porque el-rei era branco e ruivo.—«Não senhor, disse ele, mas por este que aqui está»: a saber Pero Fernandez de Velasco, que estava junto com ele, que era um pouco como ruivo...» (3).

---

(1) Cf.: *Falso por natura, cabelo preto e barba ruiva. Ruivo de mau pêlo, mete o demo no capelo. Se o grande fosse valente, e o pequeno paciente, e o ruivo leal, todo o mundo seria igual. Para um coxo um careca, para um careca um ruivo, e para um ruivo um tiro.*

Com relação a animais: *A porca ruiva, o que faz isso cuida. Mais conhecido que cão ruivo.*

(2) O bispo de Siguenza.

(3) Transcrevo isto da *História de Portugal por Uma Sociedade de Homens de Letras*, I, 237.

Francês: *De femmelette barbue et divine, «libera nos, Domine»*.

Espanhol: *A la mujer barbuda, de lejos la saluda* (1).

Italianos: a) *Omo rosso e femena barbuta, da luntan tre mia la saluta, contre pière in man* (Veneto); b) *Donna barbuta, co'sassi la saluta* (Toscana); c) *Fimmina varvuta, di luntanu si saluta* (Sicília); d) *Rosso dal mal pelo, cento diavoli per cavèlo* (Veneto) (2).

Como se vê, são vários os provérbios italianos em desfavor dos *ruivos*.

Porêm, como segundo a tradição popular, Jesus Cristo tinha a barba um tanto ruiva, lá diz um provérbio siciliano: *Dui fôrn li russi fidili: Gesù Cristu e la vittedda di Surrentu* (3).

Latim: *Si ruber est fidelis, diabolus est in cœlis.*

II

A mordedura do cão cura-se com o pêlo do mesmo cão

Variantes:

a) **A ferida do cão cura-se com o pêlo do mesmo cão.**

b) **Do cabelo** [ou *do sangue*] **da bêsta, que te faz a mordedura, farás a cura** (4).

Deve procurar-se a cura do mal, na origem do próprio mal.

Segundo Teófilo Braga (5), a doutrina dêste provérbio foi origináriamente uma verdadeira receita para nos curar da mordedura do cão, e fornece-nos uma das antigas e numerosas

---

(1) Sousa Viterbo (*Portugalia*, I, 532, n.º 364) apresenta — entre vários outros adágios sacados dum códice do séc. XVI — o castelhano: *A la muger barbuda, de longe la saluda*, que nesse códice aparece acompanhado do seguinte *(sic)*:

Obvia cum fuerit barbis horrenda virago
Verbis parce, lapis primus, et alter eat
Turpe vir investis, turpi barbata puella
Ihac nullum in toto letrius orbe molum.

O adágio castelhano, como outros daquele códice, apresenta uma mescla das línguas portuguesa e castelhana, o que levou Sousa Viterbo a supor que a compilação houvesse sido feita por algum espanhol ou por qualquer colector que ao mesmo tempo se servisse de subsídios escritos nas duas línguas.

(2) Todos estes proverbios vem em Pitrè, *Proverbi Siciliani*, Palermo, 1880.

(3) Pitrè, *loco citato.*

(4) João Bonança, *Enciclopédia de Aplicações Usuais*, p. 889.

(5) *O Povo Português*, II, 348.

aplicações do preceito homeopático *similia similibus curantur,* segundo o qual o que produz a doença também a cura.

O povo português tem o ditado com o seu primitivo intuito prático.

Entre nós existe a crença de que a mordedura do cão se cura colocando-se sôbre ela uns pedaços de pêlo do mesmo cão, fritos em azeite.

Leite de Vasconcelos referiu a mesma superstição, mas restringiu-a à mordedura do *cão não danado*, segundo a versão que colheu na Beira-Alta ([1]). Todavia, em Portugal, a crença tem-se ampliado à mordedura do *cão danado*, como se vê em D. Francisco Manuel de Melo, *Carta de Guia de Casados*, p. 110 ([2]), onde se lê: «... mas deixai-me ver se acaso tem o cidrão a virtude do cão danado, cujos cabelos, se os põe na mordedura que ele fez, dizem que a sara logo.»

Curvo Semedo — referindo-se também ao cão danado — dá-nos uma variante de receituário no seu livro *Atalaya da Vida contra as Hostilidades da Morte* ([3]), onde prescreve que os cabelos do cão danado, cortados à tesoira e misturados com clara de ôvo, aplicados sôbre a mordedura do mesmo cão, *aproveitam muito.*

Taylor, citando a mesma superstição ([4]) transcreve, esta frase das Edas escandinavicas: «o pêlo do cão cura a mordedura».

Na Sicília existe crença idêntica. Di-lo Gubernatis, *Mythologie Zoologique,* II, 39: «En Sicile, quand quelqu'un est mordu par un chien, on coupe á celui-ci une touffe de poil qu'on plonge dans du vin avec un charbon ardent; on fait boire ce vin à la personne mordue.»

A variante *b)* oferece-me a novidade da substituição do *cabelo*, ou do *pêlo*, pelo *sangue*, e da indicação de que a crença não se restringe ao *cão*. Nesta última parte, a variante *b)* condiz com a versão do *Dicionário de Larousse*, referida na nota 7.

Francês: *Reprendre du poil de la bête.* ([5])

([1]) *Tradições Populares de Portugal*, p. 169.

([2]) Ed. do Pôrto, 1873.

([3]) O exemplar que consultei apresenta a falta de algumas das primeiras páginas, incluindo a do frontispício, mas tem o parecer dum dos membros do *Santo-Ofício* datado de 5 de Setembro de 1717.

([4]) *Civilização Primitiva*, tradução francesa. I, p. 98-99.

([5]) Esta locução vem no *Dic. de Larousse*, assim completada: «Chercher son remède dans la chose même qui a causé le mal, comme font les buveurs, qui dissipent la malaise que leur a laissé l'ivresse de la veille par l'ivresse du lendemain. Cette expression vient de la croyance populaire que le poil de certains animaux appliqué sur la morsure qu'ils on faite, en opére la guérison.»

Alemão: *Hundsbiss heilt Hundshaar.*

Italianos: *Con la pelle del cane si sana la morditura;* b) *Del can che morde, il pelo sana.*

Escocês: *Tak a hair o' the dog that bit you.* (1)

Provérbio da Lunda: *mazêŭ ma kabŭa akumŭoka ni uvije ŭa mŭéne kabŭa* (Dentes de cão tratam-se com o pêlo dele cão). (2)

III

Á terça-feira || não cases a filha nem urdas a teia (3)

Variantes:

a) **Ás terças e sextas-feiras, nem cases a filha nem urdas a teia.** (4).

b) **Á sexta-feira, não cases a filha nem lances a teia.** (5)

c) **Á terça-feira, não cases a filha, não urdas a teia, nem partas em navio para a terra alheia.** (6)

Espanhóis:

a) *En Martes, ni te cases, ni te embarques.* (7)

b) *Boda buena, boda mala, el Martes en tu casa.* (8)

c) *En Martes, ni tela urdas, ni hija cases.* (9)

d) *En martes, ni gallina eches, ni hija cases.* (Avila) (10)

e) *Nin en Viernes, nin en Martes cases les fies ni mués les vaques.* (Proaza-Astúrias) (11)

Em Hernan Nuñez, *Refrances:—En Martes ni tu casa mudes, ni tu hija cases, ni tu ropa tajes.*

---

(1) Eugène Rolland, *Faune Populaire de la France*, IV, 59. (Paris, 1877).

(2) Henrique de Carvalho, *Método Prático para Falar a Língua de Lunda.* Substituo por *ŭ* o «*u* breve» do autor, o qual falta na tipografia.

(3) Da tradição oral.

(4) Do jornal *O Futuro*, de Olhão, de 19—Janeiro 908.

(5) Teófilo Braga, *Superstições Populares em Portugal*, na Rev. *Á Volta do Mundo.*

(6) Francisco Maria Supico, *Almanaque do Arquipélago dos Açores*, 1868. É provérbio da ilha de S. Miguel.

(7) Francisco Rodriguez Marin, *Cinco Cuentezuelos Populares Andaluces* (in *La Enciclopedia*, 1880).

(8) *La Filosofia Volgar de Irean de Mal Lara* (impressa juntamente com os *Refranes*, de Hernan Nuñez, Madrid, 1619).

(9) Mal Lara, *ibidem.*

(10) L. Giner Arivau, *Contribuición al Falk-lore de Asturias. Folk-lore de Proaza* (*Biblioteca de las Tradiciones Populares Españolas*, Madrid, 1884).

(11) Os Espanhóis teem ainda, com relação à influência nefasta da terça-feira, o prov. andaluz *en todas partes tiene cada semana su mártes* (*El Folk-lore Andaluz*, Sevilla, 1882-83) e a locução *dar á uno con la del martes*, equivalente a maltratá-lo, enchê-lo de impropérios. (Obr. cit. na nota 5.

*

Os Atenienses, como os Romanos, tinham *dias nefastos;* nesses dias não se casavam, não começavam trabalho algum, não tomavam parte em assembleias, não administravam justiça. O décimo oitavo e o décimo nono dias de cada mês eram empregados em purificações. Havia um dia, nefasto entre todos, em que se velava a estátua da grande divindade políada. (1)

Não há dias nefastos oficiais no mundo moderno, como havia entre os romanos e os gregos, mas a crença supersticiosa contra as têrças e sextas-feiras está quási universalmente radicada no espírito popular.

*

Porque são tidos por *aziagos* aqueles dias?

Quanto à *têrça-feira*, atribuem alguns a sua sinistra influência à casualidade de terem ocorrido nesse dia fatalidades repetidas e consideráveis. (2)

Diz o padre Mariana, no cap. 20, liv. 14.º, da sua *Historia de España*, que «*al tiempo que el rey* (D. Jaime) *estaba en Játiva, los suyos fueron destrozados en Luxen. El estrago fué tal y la matanza, que desde entonces comenzó el pueblo à llamar à aquel dia, que era martes, de mal agüero y aciago.*»

Zurita, no cap. 100, liv. 3.º, dos seus *Anales*, refere mais extensamente o feito de armas e diz que «*segun Marsilio escribe, se decia aún en su tiempo, por los de Játiva, el martes aciago.*»

Transcrevo estes trechos de um artigo publicado em *El Folk-Lore Andaluz* (Sevilla, 1882-1883), o autor do qual expõe assim a sua opinião:

«La van preocupación de la influencia perniciosa del martes tiene, á nuestro entender, filiacion gentilica. Asi como el miercoles estaba consagrado à Mercurio, el jueves à Júpiter, el viernes à Venus, y á Saturno el sábado etc. estábalo á Marte el segundo dia de la semana. Sabido es que el dia dedicado al Dios de la guerra se destinaba á toda suerte de ejercicios corporales y violentos, que robusteciesen y agilizasen los miembros y los diestrasen para la lucha, prohibiéndose los placeres y todo cuanto enervase el cuerpo ó afeminase al individuo.»

(1) Platão, *Leis*, VII, p. 800, Filocoro, *Fragmentos*, 183, Xenofonte, *Helénicas*, I, 4,12—tudo citado por Fustel de Coulanges, *A Cidade Antiga*, tradução de Sousa Costa, Lisboa, 1911, I, 393.

(2) G. Arivau, obr. citada.

Com relação à *sexta-feira,* é possivel que se lhe ligasse uma ideia de desgraça, por ter Cristo morrido nesse dia, na cruz, e por causa do luto que reveste a Igreja no aniversário dessa morte, da tristeza dos seus cânticos e das suas cerimónias — muito embora, na opinião de alguns, devesse ser considerado como bemdito o dia que foi testemunha do suplício da cruz e em que foi resgatado o género humano.

Efectivamente nós dizemos *sexta-feira-santa*, os franceses *Vendredi-Saint* e os ingleses *Good-Friday.*

Pode tambem ter concorrido para tornar antipática a sexta-feira a circunstância de, segundo alguns doutores da Igreja (1), ter sído cometido o pecado original no sexto dia da criação do homem (sexta-feira) (2). O mesmo consta de uma lenda rabínica (3).

*

Entre nós, a superstição contra as *terças* e *sextas-feiras* está ainda larga e profundamente espalhada, vivendo vida nédia e fortalecida, não só entre a população rústica, mas também no espírito de muitas pessoas argutas, cultas e inteligentes — o que, pode dizer-se, sucede quási universalmente (4).

---

(1) Francisco Spirago, *Catecismo Popular Católico*, tradução de Manuel Abundio da Silva, Pôrto, 1908, I, 175.

(2) Em Inglaterra existe a mesma crença. V. nota 15, *in fine.*

(3) Giner Arivau, *ob. citada.*

(4) Na Escócia, a têrça-feira é dia feliz; a segunda-feira é que não: «Monduy was accounted an unlucky day on wich to begin a piece of work. There were parents who would not enter their children at school in this day. Tuesday was regarded as a lucky day for entering on any new work.»

A sexta-feira é tambem dia infausto: «Friday was specially avoided as the day on wich to begin any piece of work. It was very unlucky for a ship to sail on this day.» (Walter Gregor, *Notes on The Folk-Lore of the North—East of Scotland*, London, 1881, p. 149).

Refere esta mesma obra, que antes do uso do sabão na Escócia e quando ali se empregava o estêrco de vaca na lavagem da roupa, se dizia numa canção popular:

Her it washes on Friday
Hiz little skeel indeed.

— Eugène Rolland (*Faune Populaire de la France*, Paris, 1877, IV, 76) refere esta superstição do cantão de Auneau (Eure-et-Loir): «Il ne faut pas commencer la lessive un vendredi, si l'on ne veut pas être mordu dans le courant de l'année par un chien fou.»

— Em Espanha, *el mártes y el viernes son dias aciagos, y nada debe emprenderse en ellos porque saldría mal.* (Artigo cit. na nota 11, de pag. 46).

— Na Rússia o «mujik» não pode lavar-se à *sexta-feira* nem partir para uma viagem à segunda-feira, porque a pratica de qualquer dêstes actos constituiria prenúncio de grande desgraça. (Ladislau Batalha, *A Rûssia por dentro*, p. 217.)

— Diz Fernando Nicolay que encontrou num documento de 1675 uma carta de Colbert, na qual êste célebre homem de estado lamentava que uma esquadra tivesse adiado uma viagem em conseqüência de os marinheiros se terem recusado a partir à *sexta-feira.* (Sirvo-me de uma tradução em espanhol, por Juan Bautista, com o título *Historia de las Creencias, Supersticiones, Usos y Costumbres*—Barcelona, 1904).

Assim não se deve nesses dias: *a*) viajar (1); *b*) encetar qualquer emprêsa, trabalho ou negócio; *c*) entrar para nova residência (2); *d*) tomar posse de um emprêgo ou entrar no exercício dele; *e*) contrair casamento; *f*) baptizar filhos; *g*) sair pela primeira vez à rua depois de longa doença; *h*) inaugurar um estabelecimento; *i*) estrear roupa, calçado, chapéu, joias, etc.; *j*) deitar galinhas; *k*) cortar as unhas ou o cabelo; *l*) urdir a teia, etc.

*

As bruxas juntam-se com o diabo ás quartas e *sextas-feiras*. Segundo uma versão de Lisboa, também ás *terças-feiras*. Assim, é uma superstição muito vulgar na capital defumar as casas ás *têrças* e *sextas-feiras*, para se afugentarem as bruxas (3). Segundo outra versão, porêm, é para afugentar as *coisas más*, e deve defumar-se ao meio-dia. (4)

—No Minho, quem ás *têrças* e *sextas feiras* passar de noite por encruzilhadas, pode contar que se encontra com bruxas ou feiticeiras. (5)

É ás *têrças* e *sextas-feiras*, da meia-noite ás duas horas, que os lobisomens teem de fazer a sua corrida, visitando sete adros (cemitérios) de igreja, sete vilas acasteladas, sete oiteiros e sete encruzilhadas. (6)

—Ás *sextas-feiras* não é bom andar de noite, porque os lobisomens aparecem em forma de cavalo. (Vila-Flor). (7)

Outra versão (Vila Rial) diz que os lobisomens vão espojar-se nas encruzilhadas, transformando-se depois em cavalos, ás *sextas-feiras* (8).

---

(1) No Minho, às *têrças* e *sextas-feiras*, não se deve começar coisa que não se possa acabar antes da meia-noite. No Algarve, esta ideia esta expressa por outra forma: não é bom deixar de concluir obra ao sábado porque, se assim suceder, no domingo entra o bispo na catedral com o nariz torcido. (*O Futuro*, de Olhão n.º 783, de 19-I-908).

—Aquela superstição minhota tem a sua eqùivalente em Inglaterra: «Begin not a piece of work on Friday, or you will never finish it; neither must you set off on a journey nor put out to sea on a Friday, or some misfortune will befall you. The superstitions dread of placing any dependence on this day is almost universal. A tradition, I have heard, that Adam and Eve ate the forbidden fruit upon a Friday, assigns a very early origin to its unfortunate reputation.» (*West Sussex Superstitions*, in *The Folk-Lore Record*, London, 1878-1880, I, 13).

(2) Cf. *Tradições Populares do Cadaval*, por mim publicadas nesta *Rev.*, VI, p. 102, n.º 48.

(3) Consiglieri Pedroso, *Superstições Populares Portuguesas*. (*Positivismo*, II, 276 a 277).

(4) Idem, ibidem.

(5) *Almanaque de Lembranças*, 1870, p. 139.

(6) Oliveira Martins, *Sistema dos Mitos*, p. 295.

(7) Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, p. 263-264.

(8) Idem, ibidem, p. 264.

—Em Guimarães, o lobisomem passa ás *têrças* e *sextas-feiras*, fazendo tanto barulho como um *camboio.* (1)

—No Minho, os *corredores* andam todas as *têrças* e *sextas-feiras* a *correr fado*, em forma de animais, até que apareça alguma alma caridosa que lhes *corte o fado*, ferindo-os na cauda; se lho não fazem dentro de certo tempo, passam a lobisomens. (2)

Esta crença era antigamente (pelo menos até 1867) tão vulgar e arreigada entre o povo de Roriz, concelho de Barcelos, que os rapazes não saíam ao serão nas *têrças* e *sextas-feiras*, com mêdo do *corredor.* (3)

Em vista destes prejuízos—e de tantos outros—como não há-de o povo ingénuo e supersticioso, recear a influência dos dias que a sua ignorância lhe apresenta como fatídicos e aziagos?

Cf. os provérbios:

a) *Quem ri à sexta-feira chora ao domingo*, fundado numa crença popular a que já me referi no artigo que publiquei na *Rev. Lus.*, vol. VI, p. 97 e seguintes.

(Cf. também Consiglieri Pedroso, *Superstições Pop. Portuguesas*, in *O Positivismo.*)

Em Milão há prov. idêntico:

Chi rid in venerdì, piang in domenica; mas na Toscana a sexta-feira é substituida pelo sábado: *Chi ride in sabato, piange la domenica.* (Pitrè, *Proverbi Siciliani*).

Racine, na comédia *Les Plaideurs,* emprega o prov.: *Tel qui rit vendredi, dimanche pleurera.*

b) *Há de morrer a uma sexta-feira,* que se diz de uma pessoa avarenta, sovina, unhas de fome.

c) *Nascer a uma sexta-feira*, isto é, nascer em má hora, estar predestinado para uma vida infeliz.

Canção popular:

Chamaste-me triste, triste,
tristes são as *sextas-feiras;*
alegres são os domingos
para as mocinhas solteiras. (4)

---

(1) Leite de Vasconcelos, ibidem, p. 263.

(2) *Almanaque de Lembranças*, 1867, p. 114.

(3) Em Guimarães faz-se a seguinte distinção entre lobisomens e corredores: aquelês comem gente, e estes andam a *correr fado* em forma de animais. *Trad. pop.* de Leite de Vasconcelos p. 263).

(4) Da tradição oral do Alentejo. (A. T. Pires, *Sentinela da Fronteira*, n.º 333, de 12-VIII-84).

IV

Atirar a primeira pedra

Dizia-se, no sentido próprio, daqueles a quem, na lapidação [1] *competia atirar a primeira pedra ao condenado. No sentido figurado, significa ser o primeiro a acusar alguêm.*

Esta locução provêm daquele passo bíblico em que Jesus, amparando a mulher adúltera, a quem os Judeus tumultuariamente queriam apedrejar, disse: «Aquele de vós que se achar sem pecado, seja o primeiro que atire as pedras.» (*Qui sine peccato est vestrum, primus in illam lapidem mittat)*. Vid. *Evang. de S. João*, VIII, 7.

V

Bem prega frei Tomás...‖faze o que êle diz, não faças o que êle faz

Variantes:

a) **Bem o prega frei Tomás...;‖olha para o que êle diz, não olhes para o que êle faz.**

b) **Bem o prega frei Tomás...;‖se bem o prega, pior o faz.**

c) **Bem o prega frei Tomás...;‖bem o diz e mal o faz.**

Diz-se das pessoas que dão bons conselhos aos outros, mas que não praticam as acções que recomendam:

---

(1) A lapidação consistia em matar os culpados à pedrada, no que alguns querem ver mais a intenção do sarcasmo, do desprêzo, do que o propósito de agressão. Êste suplício — que se encontra em quási todas as sociedades, pelo menos na sua origem — foi usado, sobretudo, pelos povos do Oriente. A lei de Moisés condenava ä lapidação os adúlteros, os blafesmos, os adivinhos, os violadores do *sabbat*, etc.

Na Grécia, a lapidação era freqùente nos tempos primitivos, mas tornou-se rara nos tempos históricos; conserva sempre o caracter de vingança colectiva. Entre os Macedónios era castigo legal. Talvez acontecesse o mesmo em Cartago. Em Roma, só acidentalmente se menciona, e apenas para os revoltosos e como castigo militar. Nos Judeus e nos Hebreus foi uma verdadeira instituição.

O *Levítico* (XXIV, 14 e 16), o *Deuteronómio* (XIII, 11; XXI, 21 e XXII, 21 e 24), os *Números* (XV, 35) e *Josué* (VII, 25) enumeram os crimes punidos com êste suplício, que foi por largos tempo empregado.

Segundo o *Déuteronómio* (XVII, 5 e 7), as testemunhas de acusação eram obrigadas a lançar a primeira pedra. O que denunciava um delito, ao recordar o crime de que fôra testemunha, devia experimentar sentimento e indignação tais, que não podia vacilar em ser o primeiro executor do castigo que fizera caír sôbre o pecador.

Platão (*Leis*, 9) diz que os magistrados que tinham proferido a sentença, eram obrigados a arremessar a primeira pedra, como prova da sinceridade da sua decisão.

Até os animais éram condenados á lapidação. Pela lei de Moisés (*Exodo*, XXI, 29 e 32) o boi que matava alguem, ou o feria com as pontas, devia ser apedrejado.

Entre os Lusitanos eram apedrejados os parricidas: vid. Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusit.* II, 79, onde faz muitas comparações.

A teu forçoso argumento
Respondo *como frei Tomás:*
Faze o que o prègador diz,
Não faças o qae elle faz. (1)

Num artigo publicado a pag. 149 do *Alamanaque Bertrand* de 1910 afirma-se que o frei Tomás do nosso provérbio existiu e que foi êle o próprio que motivou e fez o provérbio.

Segundo o artigo, frei Tomás de Sousa se chamava o frade. Nasceu em Ponte da Barca, por 1530, e era filho natural de Manuel de Magalhães, morgado de Fonte Arcada. Indo para Lisboa aos 18 anos, vestiu o hábito de religioso no convento de S. Domingos e conseguiu pelo seu talento e pela protecção de que dispunha, ser nomeado prègador régio por el-rei D. Sebastião e ser escolhido pela rainha D. Catarina para seu confessor.

Freqùentando assiduamente o Paço, usando de grande liberdade na expressão do seu sentir, quis aproveitar a influência de que gozava, para corrigir, até onde lhe fosse possível, os vícios dos cortesãos e os maus costumes da côrte.

Foi então que um fidalgo, anónimo, lhe pregou na porta do quarto um dístico em que se dizia:

Aqui mora frei Tomás, que bem o diz e mal o faz.

O frade, que tinha veia, quando leu a inscrição, não a apagou, nem deu mostra alguma de ela o contrariar. Escreveu-lhe por baixo:

Fazei vós o que êle diz, e não façais o que êle faz.

Toda a côrte festejou a réplica, mormente depois de ver que o rei aplaudia a boa saída do seu prègador.

Esta versão encontra-se tambêm na *Enciclopédia Portuguesa*, de Maximiano de Lemos.

Sem entrar na apreciação da veracidade da anedota, tenho para mim que o provérbio não pode referir-se a frei Tomás de Sousa, o qual foi, efectivamente, prégador régio no tempo de D. Sebastião e confessor da rainha D. Catarina.

*

Entre alguns adágios que Sousa Viterbo extraiu de um códice do século XVI, que pertenceu ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e que aquele escritor deu a lume na revista *Portugalia,* I, 532, aparecem, sob os n.os 455 e 475, estas formas:

a) *Frei Thomaz...*

b) *Frei Thomas bem o diz...*

Ora frei Tomás de Sousa nasceu em 1530 e professou como

(1) Nicolau Tolentino, *Obras*, edição de José Tôrres, Lisboa, 1861.

dominicano em 1548, sendo portanto evidente que não podia atingir a nomeada que o levou à côrte, senão já mutto no âmago do terceiro quartel do século XVI — e é inadmissível que, se o prégador de D. Sebastião houvesse dado origem ao provérbio, êste se tivesse tornado tão conhecido e tão vulgar aindo dentro dos restantes poucos anos do mesmo século, que já então bastasse apenas enunciá-lo por mais de uma forma, e incompletamente, para ser logo compreendido por todos, à légua.

Alguns provérbios há, efectivamente, que se induzem das suas palavras iniciais — como por exemplo, *vozes de burro...* — mas dessa regalia gozam apenas aqueles que o transcurso de dezenas e dezenas de anos, até de séculos, familiarizou com o espírito popular.

Se efectivamente o fidalgo anónimo e frei Tomás escreveram as palavras da anedota, não vejo nesse facto senão uma aplicação oportuna e chistosa do provérbio, já então bastantemente conhecido, por certo.

*

Na tradição popular de alguns países existe a referência ao frade que prègava contra o roubo, mas que se ia apropriando do alheio. Parece ser o caso do nosso provérbio, expresso por outra forma.

A. C. Méry [1] apresenta a comparação popular italiana: *somiglia al frate che predicava che non se devesse rubare, mentre avea l'oca nel capulario.*

Cfr. o provérbio holandês: *De monnik preekte dat men niet stelen mogt, en hij zelf had de gans in zijne schapperade* (o frade prègava contra o roubo e tinha o ganso na despensa). [2]

Em inglês ha tambêm um provérbio, que não conheço nessa língua, mas que, segundo L. Martel, [3] se refere ao frade *qui prêchait contre le vol, tandis qu'il avait le boudin volé dans sa manche.*

Alúde ainda ao prégador o provérbio sciciliano: *Facit zoccu dicu eu, e num faciti zoccu fazzu eu, dici lu pridicaturi.* [4]

A forma francesa eqùivalente à nossa é — *fais ce que je dis, et non ce que je fais*, que corresponde literalmente ao provérbio veneziano citado por Joaquim de Araujo n-A *Tradição*, IV, 12: *Fate quello che dico io, e no fate quello che faccio io.*

---

(1) *Histoire Générale des Proverbes*, I, 343 (Paris, 1828-1829).
(2) Bohn, *A Polyglot of Foreign Proverbs*, London, 1857.
(3) *Petit Recueil des Proverbes Français*, p. 115.
(4) Pitrè, *Proverbi Siciliani*, Palermo, 1880.

VI

Bofetada, mão cortada (1)

Antigamente, como hoje, a bofetada era considerada como agressão infamante. Temos até um provérbio que diz: *Para uma bofetada, uma facada.*

Nos tempos feudais, o fidalgo combatia a cavalo, coberto com a sua armadura e com o rosto protegido pela viseira do seu capacete; o vilão ia a pé e com a cara a descoberto. Daqui, talvez, a conclusão de que receber uma bofetada eqùivalia a ser tratado como vilão. Por isso, a simples ameaça de bofetada era tida por ultrage mais grave que a mais violenta agressão.

---

(1) A pena de *mão cortada* é remotissima. No *Deuteronómio*, XXV, 12, há uma cominação de mão cortada: *abscides manum illius, nec flectèris super eam ullâ misericordiâ.* De Adonibezec, rei cananeu vencido por Josué, diz o *Velho Testamento* (*Juizes*, I, 6): *Fugit autem Adonibezec: quem persecuti comprehenderunt caesis summitatibus manuum ejus ac pedum.*

Uma lei de Atenas punia o suicídio com o cortamento da mão que havia cometido o crime; e não cause espanto esta punição, porque as antigas leis da Alemanha mandavam queimar os corpos dos suicidas, e em França procedeu-se contra êles, arrastando-se o seu cadáver pelas ruas, e enforcando-o depois. (*a*)

Os Visigodos, se o réu de crime de moeda falsa era escravo, cortavam-lhe a mão direita. (*b*)

Os Ostrogodos puniam os réus de arrancamento de marcos, sendo livres, com o cortamento da mão. (*c*)

Entre os Romanos, os desertores eram castigados com a amputação das mãos e das pernas. (*d*)

D. Afonso II, de Portugal, promulgou em 1211 uma lei, que mandava cortar os pés e as mãos aos fabricantes de moeda falsa e aos ourives que falsificassem oiro ou prata. O mesmo prescreveu uma lei de D. Afonso III. (*e*)

Nas *Ordenações Filipinas* não há já a pena de mão cortada para os crimes de moeda falsa, mas existe em outros casos, como por exemplo para o crime de *arrancamento de arma na presença do Principe, no Paço ou na Corte.* (Liv. 5.º tit. 39. § 1.º).

Na idade-média, a pessoa do alvazi era sagrada, e tinha a mão cortada quem o ofendesse. (*f*)

Parece que a pena de mão cortada, nos casos de moeda falsa, é de origem germânica. Vid. A. Blanchet, *Études de Numismatique*, I, 1892, p. 105, capítulo intitulado *L'amputation de la main dans les anciennes lois monétaires;* e cfr. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethn.*, IV, 130-132.

Ao crime de mão cortada se referem as cantigas populares:

a) Esta carta vai sem porte,
remetida a quem quer bem:
tem crime de *mão cortada*
se nela bulir alguêm.

b) Não ponhas o pé no meu,
nem a mão na minha cinta;
tem crime de *mão cortada*
quem com amor's doutros brinca.

NOTAS Á NOTA PRECEDENTE

(*a*) Pereira e Sousa, *Classes dos Crimes*, Lisboa, 1816, p. 303.
(*b*) Idem, ibidem, p. 58.
(*c*) Idem, ibidem, p. 354.
(*d*) Idem, ibidem, p. 69.
(*e*) *Portugaliae Monumenta Historica.*
(*f*) *História de Portugal, por uma Sociedade de Homens de Letras*, I, 116.

VII

Cão que ladra não morde

Variante: **Cão que muito ladra, pouco morde.**

Num fabulário português do século XV: *Cam que muyto ladra poucas vezes morde.* (1)

Popular:

Tenho corrido mil terras,
mil terras tenho corrido,
muito cão me tem lodrado,
mas nenhum me tem mordido.

Angolense: *Imbua ibôza ki ilumatê.* (Cão que ladra, não morde). (2)

No dialecto teto (Timor): *Aço haténo récin lá táta* (Cão que ladra, não morde). (3)

Crioulo de Cabo Verde: *Cachor que tâ ladrâ câ tâ mordê* (Cão que ladra, não morde). (4)

Francês: *Chien qui aboie, ne mord pas.*

Inglês: *A barking dog seldom bites.*

Alemão: *Hunde, die viel bellen, beissen nicht.*

Italianos: a) *Il can che abbaia, non morde;* b) *Can che abbaja, poco morde* (século XVIII); c) *Can che sbragia non morsega.* (Veneziano) (5)

Espanhol: *Perro ladrador, poco mordedor.*

Holandês: *Blaffende honde bijten mèt.* (Cães que ladram, não mordem) (6)

Ceiloense: *Cachôrro que ladrà nan murdê.* (7)

Latino: *Nemo canem timeat, qui non laedit nisi latret.*

VIII

Cheirar a alho (8)

Diz-se do homem de hábitos ordinários que não se trata, que não cuida de si.

---

(1) O fabulário existe na Biblioteca Palatina de Viena d'Austria. Vid. Leite de Vasconcelos, in *Rev. Lus.*, VIII, 99.

(2) Cordeiro da Mata, *Filosofia Popular em Provérbios Angolenses*, Lisboa, 1891.

(3) Rafael das Dores, *Dicionário Teto-Português*, Lisboa, 1907.

(4) Joaquim Vieira Botelho da Costa & Custódio José Duarte, *O crioulo de Cabo Verde* (in *Bol. da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série n.º 6, p. 325.).

(5) Joaquim de Araujo, *Provérbios Venezianos* (in *A Tradição*, IV, 12).

(6) Henry G. Bohn, *A Polyglot of Foreign Proverbs*, London, 1857.

(7) Tavares de Melo, *Folklore Ceiloense* (*Rev. Lus.* X, 110).

(8) Entre nós, o alho é muito aproveitado como condimento, mas goza de má fama. O povo das nossas aldeias usa-o como alimento. Nos arredores de Leiria co-

IX

Choram o meu e o alheio,|| por uma quarta de centeio

Êste adágio provêm do antigo costume das *carpideiras, choradeiras* ou *pranteadeiras*, que em Portugal assistiam aos defuntos e os acompanhavam á sepultura, chorando e arrepelando-se sôbre êles, para receberem uma gratificação [1].

---

mem-no com pão de milho (boroa), principalmente quando não há peixe. Existe o mesmo costume nas províncias do Norte. Um môlho de que o alho faz parte, e que é chamado *môlho de vilão*, bem mostra que outrora os altos e poderosos senhores desprezavam o alho, pelo uso que o *vilão ruim* dele fazia—e é talvez por isso que ainda hoje exalar cheiro a alho é ter cheiro a vilão e ser indigno dos salões. (Cf. o provérbio: *Vilão farto de alhos.)*

O Dicionário de Bescherelle refere-se assim ao uso do alho no Sul da França: «Dans les provinces méridionales, l'ail, qui a beaucoup moins d'âcreté que chez nous, est employé comme substance alimentaire, tandis que nous ne le regardons guère que comme assaisonnement».

Cf. os provérbios a): *Moça a quem sabe bem o pão, perdido é o alho que lhe dão;* b) *Onde alhos há, vinho haverá.*

[1] Por esta cerimónia começava a demonstração do sentimento, que quando se tratava de pessoa rial, se executava com muito maior excesso e maior número de carpideiras, as quais com as lágrimas e os gemidos misturavam louvores ao defunto, de quem, se era rei, faziam grandes elagios, dizendo do bom tratamento que dispensara ao seu povo, clamando que êle não vexara o país com tributos, que enriquecera o tesoiro, etc.; e com estes e outros elogios, gritando e soluçando, faziam mais lutuoso o régio funeral.

O papel das carpideiras teve grande voga entre nós, como se vê das Constituições de vários bispados e das posturas de diversas câmaras municipais.

Na Constituição do bispado do Pôrto (1687) lê-se: «Proibimos que nos dittos acompanhamentos, e enterramentos, e nas igrejas em que os defuntos se enterrarem, se consintam pessoas *que vão dando vozes discompostas, ou fazendo extraordinarios e desconcertados prantos.*» (Liv. IV, tit. II, const. 9, p. 471).

A postura da Câmara de Lisboa, de 1385, determinou: «Porque o *carpir e depenar sobre os finados* é costume que descende dos gentios, e é uma espécie de idolatria, e é contra os mandamentos de Deus, ordenam e estabelecem os sobreditos que daqui em diante nesta cidade nenhum homem ou mulher não *se carpa nem depene, nem brade sobre algum finado,* nem por ele, ainda que seja pai, mãe, filho ou filha, irmão ou irmã, marido ou mulher, nem por outra nenhuma pena, nem nojo, não tolhendo a qualquer que traga seu dó e chore se quiser . . . »

Diz frei Francisco Brandão (*a*) que o costume das carpideiras se acabou no tempo de D. João I, mas engana-se, manifestamente, porque nos nossos cronistas se acha memória de semelhantes costumes em épocas mui posteriores. Lá diz G. Vicente:

Prantos fazem em *Lisboa*
Dia de Santa Luzia,
Por el-rei D. Manuel
Que se finou nesse dia.

O uso das *carpideiras* existiu, mesmo, até muito mais tarde, pelo menos em localidades sertanejas. O segundo visconde Santarém (*b*) supõe que êle durava ainda nos princípios do século XVIII, mas parece que foi muito mais além, porque Leite de Vasconcelos, nas suas *Tradições Populares de Portugal*, p. 245, diz, no ano de 1882: «O costume das choradeiras está actualmente decadente. Em Vila Chã de Cangueiros (c. de Mondim) vigorava há anos (não sei se ainda). A respeito do Alto Minho deram-me a seguinte informação: — Na freguesia de Suajo, costumam ir *carpideiras*, mulheres com saia pela cabeça, a chorar ao pé do morto, para o que recebem uma posta de bacalhau, um vintém de pão, e vinho ou dinheiro correspondente a um quartilho.» Em Leiria existiu até ao ano de 1900, aproximadamente, o seguinte costume, que

X

Chorar [ou *falar*] na barriga da mãe

Diz-se das pessoas felizes, a quem tudo corre á medida dos desejos.

---

constituia, a meu ver, uma reminiscência das carpideiras: Os funerais eram, geralmente, acompanhados por umas quatro a seis mulheres, cada uma das quais levava uma vela acesa. Uma dessas mulheres conduzia de um taboleiro em que recolhia, no cemiterio, a cera distribuída aos convidados, ganhando pelo seu trabalho seis vintêns. As outras recebiam apenas o salário de quatro vintêns.

A literatura popular—êsse valioso e inexgotável repositório dos costumes que o pó dos tempos sepultou—conserva ainda a recordação das pranteadeiras, como vamos vêr:

No conto popular *A carpideira e a viüva* (pub. por Teófilo Braga, *Contos tradicionais*, I), diz aquela:

Estou a chorar
o marido alheio,
por um alqueire
de centeio;
não sei se m'o dão
meiado ou cheio.

Uma versão de Coimbra (vid. Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop.*, p. 244) diz: «Era uma vez uma mulher que estava a carpir um finado, e vai ao depois perguntou-lhe uma vizinha o que estava a fazer, e ela disse.

Estou aquí a chorar o marido alheio
por um alqueire de trigo ou de centeio;
não sei se m'o darão meio, se cheio.

Nisto a viüva do defunto por quem a outra estava a carpir, pôs-se a saltar no meio da casa e a dizer:

Há-de ser calcado (o alqueire)
e repimpado,
e ainda por cima
um grande punhado.»

A uma vêlha da Terra da Feira, ouviu Leite de Vasconcelos esta versão:

«Era uma vez uma mulher, cujo marido estava morto, e depois foi às vizinhas pedir se elas o vinham chorar com a saia preta pela cabeça, e as vizinhas começaram a dizer:

Ai! ai!
Quem há-de chorar o alheio
por um quarto de centeio!

A viüva respondeu-lhes:

Chorai-o mais bem chorado
que vos dou mais um punhado.»

O romance popular *D. Linda*, ouvido em Guimarães, a uma velha, por Leite de Vasconcelos (obra cit. p. 244), termina assim:

«Ela depois que o viu morto,
logo se pôs a cherar:
Chamem-me padres e frades
para o vir enterrar,
eu mando chamar senhoras
p'ra me ajudar a chorar».

Leite de Vasconcelos transcreve ainda, na mesma obra, a p. 245, um romance da Maia, no qual há este passo:

Bou dar c'o meu belho morto
entre as pedras do lagar,
atirei-lhe c'um fueiro,
acabei de o matar;
fui chamar as *choradeiras*
que o biesse chorar:
bem chorado ou mal chorado
bá o belho a enterrar.

Benito Losada, na revista *Galicia* (Coruña, 1877, fasc. 1.º) dá conta do costume po-

Esta benção baseia-se numa crença popular, segundo a qual a criatura que chorar ou falar no ventre materno, hà-de ser muito feliz, contanto que a mãe lho não diga antes dos 7 anos de idade.

---

pular das *choradeiras* na Galiza, como se vê das duas seguintes quadras:

Cando morreu Xan Pereiras,
veciño de Santa Comba,
chorando detras d'a tomba,
iban catro pranxideiras.

—Berrade mais—dilles Xan:
E unha mala cara pondo,
contesta:—Berro d'abondo,
p'ra dés cartos que me dan.

Vem a propósito, e não deixa de ser curiosa, a descrição de um funeral na ilha de S. Nicolau de Cabo Verde, com a intervenção de carpideiras. Faz a narrativa o cónego Joaquim da Silva Caetano, no *Bol. da Soc. de Geog. de Lisboa*, 3.ª série, n.º 6, p. 350 (ano de 1882), nos seguintes termos:

«O uso das carpideiras, acompanhando os mortos, fazendo o que chamam *guisa*, é usança que não tem sido possível extirpar completamente, mesmo com o auxílio das autoridades. Imaginem-se vinte, trinta ou mais pessoas caminhando por uma estrada fora, dois homens transportando aos ombros um cadáver amarrado a dois toscos paus, indo adiante quatro ou seis mulheres gritando com toda a fôrça dos pulmões, fazendo momices e imodestos accionados; vindo após o morto os homens, calados, taciturnos, e far-se há ideia de uma *guisa*. Pelo estranho dela se dão a conhecer os teres e haveres do finado ou da família que tem de concorrer com as despesas do nojo (*esteira*, lhe chamam) pelo espaço de oito ou mais dias, e por isso algumas se fazem ouvir a grande distância. Os pobres, porêm, não teem *guisa* porque não teem comida ou bebida para distribuir pelos que acompanham. Depositado o cadâver em uma casa, todos o rodeiam acto contínuo, e então homens e mulheres tudo grita, girando em volta, mandando saudades (*mantenhas*) para os amigos e parentes falecidos, e descrevendo as qualidades físicas e morais do morto. Em quanto dura a *esteira*, choram a horas certas, comem e bebem até à saciedade, e quem pela vez primeira observar a prática dêstes gentílicos costumes, que nenhum sentimento inspiram, admirar-se há do que vê e ouve.»

O *Velho Testamento* (*Jeremias*, IX, 16-17) refere-se às carpideiras, que o Senhor mandou chamar por causa da iminente tomada e destruição de Jerusalêm.

Até ao tempo de S. Jerónimo, como êle mesmo testifica, durou na Judea o costume das carpideiras (*c*). Da sua existência entre os Egípcios, fala o dr. Favret, *Funérailles et Sépultures*, Paris, 1868, p. 144.

Diz José Maria Sbarbi (*d*) que do povo hebreu passou a prática das carpideiras para os povos grego e romano, e dêstes para as mais nações, adquirindo com o tempo importância tal semelhante instituição, que à mulher que servia de chefe ou cabeça de cada grupo de carpideiras chamavam os romanos *praefica*. Tinha essa mulher o encargo de presidir ao grupo nos actos públicos e dar a estes o tom de tristeza que melhor estivesse em relação com as qualidades pessoais do defuuto ou com a mais ou menos pompa que as suas exéquias revestissem.

Que a prática das carpideiras teve voga entre os Gregos, vê-se da lei de Solon, referida por Fustel de Coulanges n-*A Cidade Antiga* (*e*) e pela qual se proibia que se seguisse, gemendo, o entêrro de um homem que não fosse parente.

Da existência das carpideiras entre os Romanos há, pelo menos, a prova da Lei das Doze Tábuas e o testemunho de Horácio, na *Arte poética*, quando diz:

«Ut qui conducti plorant in funere, dicunt,
Et faciunt prope plura dolentibus ex animo . . .»

A intervenção das carpideiras foi, naturalmente, estabelecida na Península durante a ocupação daquele povo conquistador; mas dos regulamentos do califa Yousef vê-se que aquela interferência se realizava entre Arabes, porque uma das suas disposições prescrevia a proibição de se *alugarem carpideiras para fingirem saudades que não sentiam*. (*f*)

Se actualmente não há carpideiras, que a tanto por cabeça chorem sôbre o ataúde dos mortos, existem os *mendigos fúnebres*, uma especialidade no genero. ex lo-

Existe a mesma crença na Andaluzia (1).

Outra versão diz, que a mãe não deve revelar a pessoa alguma que a criança lhe chorou ou falou no ventre, sob pena de cortar a sorte ao filho e de êste nascer anão ou gigante.

Os meninos que choram ou falam no ventre da mãe, chamam-se *bentos*, ou *meninos bentos*, teem uma cruz no céu da bôca (2), adivinham o futuro e são dotados de poderes mágicos contra as doenças. (Cf. *Bento é o varão que por si chora e por outro não*).

No libelo acusatório contra o feiticeiro Luis de la Penha (3) alega-se, entre outras coisas: «E assi confessou q. entendia q. adivinhava algumas cousas porque chorou no ventre da mãe, segundo lhe ella diz».

Adolfo Coelho (*Rev. Lus.* I, 182) fala de um *menino bento* que existiu perto de Viana do Castelo e que era procurado e consultado por pessoas que afluiam de todas as partes, porque tudo quanto êle dizia *saía certo*.

Leite de Vasconcelos alude, nas suas *Tradições Populares*, § 375, a um *bento* que conheceu na sua infância e de quem tinha muito mêdo. Êle era um homem encorpado, de voz pausada, e bêbado; vestia à moda antiga da serra: chapéu desabado de pano grosseiro, nisa (espécie de casaca muito curta) de saragoça com botões lisos de metal amarelo, calção também de saragoça, e grandes meias negras. De toda a parte o procuravam, pelo que várias vezes tinha sido condenado pelos tribunais. Quando ia ás curas, levava sempre uma burrinha para carregar os frutos que lhe davam, porque nunca aceitava dinheiro, segundo se dizia. Na ocasião de curar, fazia muitas rezas, bençãos, mesuras; pegava num Santo-Cristo suspenso posteriormente por

---

radores, de preferência, das missas e exéquias do sufrágio e dos enterros, que terminam quási sempre por uma espórtula mais ou menos avultada, segundo a quantidade dos mendigos e a devoção e os teres dos parentes ou amigos do defunto.

NOTAS A' NOTA PRECEDENTE

a) *Monarquia Lusitana*, part. VI, liv. XIX, cap. XXIV.

b) *Inéditos* (*Miscelânea*) coligidos, coordenados e anotados por Jordão de Freitas, Lisboa, 1914, p. 132.

c) Pereira de Figueiredo, *A Bíblia Sagrada*, anotação a *Jeremias*, IX, 17.

d) *Ilustración Española y Americana*, Madrid, ano L (1906), p. 346.

e) Tradução de Sousa Costa, Lisboa, 1911, I, 50.

f) Citação do Visconde de Santarem, no local cit. na nota *b*).

(1) *El Folk-Lore Andaluz*, Sevilla, 1882-1883, p. 413.

(2) Observa Leite de Vasconcelos (*Trad. Pop. de Portugal*, § 335-X), que é a cruz resultante da articulação dos maxilares superiores com os palatinos.

(3) Supliciado pela Inquisição, em Évora, aos 26 de Novembro de 1626.

uma fita, de modo que parecia firme, sem amparo, sôbre os dedos, e com isto iludia os crédulos. Receitava com freqùência defumadoiros, e bebidas feitas de água e cinzas da camisa dos doentes.

Há várias lendas da Igreja a respeito dos *meninos bentos*. De S. Bento, diz o padre Manuel Bernardes, na *Nova Floresta* (1): «E tanto madrugou para os louvores de Deos esta celestial avezinha (cujas asas despoes cobrirão todo o mundo), que ainda antes de sair a luz, & estando dentro do ninho, ou ventre materno, foy ouvido cantallos.»

Segundo o Evangelho, a mãe de S. João, esclarecida por luzes divinas ao ser saudada por Maria, que a felicitava por se manifestar nela a graça do Senhor, penetrou o mistério que se operara no seio da mãe de Jesus, e comunicando-se as suas vivas comoções ao fruto que trazia nas entranhas, *sentiu seu filho exultar em seu seio*. S. João, profeta desde o ventre materno, reconheceu e anunciou a presença do Salvador (2).

Observa Leite de Vasconcelos (*Ensaios Etnográficos*, III, 45) que o milagre dos filhos de Rebeca, mencionado nestas palavras «...geminos edidit, qui *in matris alvo exultasse* saepius traduntur», lembra a nossa superstição popular a respeito dos *meninos bentos*.

XI

Lôbo não mata lôbo

Variantes:

a) **Nunca um lôbo mata outro.**
b) **Com um lôbo não se mata outro.**
c) **Lôbo não manjeia lôbo** (3).
d) **De lôbo a lôbo não vai nada.**
e) **Cão não mata cão.**
f) **Um áspide não mata outro.**

Os maus, ou os da mesma profissão, não fazem mal uns aos outros.

Angolense: *Kimbúngu ka kaiê mukuá.* (Um lôbo não devora outro) (4).

Francês: *Les loups ne se mangent pas entre eux.*

---

(1) Lisboa, 1706, I, 234.
(2) *O Evangelho*, pelo padre Dehaut, tradução do padre A. Gomes Pereira, Pôrto, 1905, I, 179-180.
(3) Vid. a *Enciclopédia de Aplicações Usuais*.
(4) Cordeiro da Mata, *Filosofia Popular em Provérbios Angolenses*.

Ingleses: a) *Hawks do not pick out hawk's eyes;* b) *Dog does not eat dog.*

Italianos: a) *Il lupo non mangia della carne di lupo.* (Séc. XVIII); b) *Lupo non mangia lupo;* c) *Lupo non mangia mai ciccia di lupo.*

Espanhol: *Un lobo á otro no muerde.*

Latinos: a) *Canis caninam non est;* b) *Canis caninam non est mordere pellem.*

Confira: a) *Ladrão não furta a ladrão;* b) *Corvos a corvos não se tiram os olhos.*

XII

Pouca barba pouca vergonha

As barbas são consideradas como distintivo da virilidade, da coragem, da energia, da honra, da autoridade e do saber.

Um homem de longas barbas é prudente, sábio, recto, esforçado e valente; o grau da sua respeitabilidade está na razão directa da longura das suas barbas; as suas palavras são sentenças de oráculo, os seus conselhos seguros e infalíveis, o seu braço extremamente vigoroso e possante. Daí as expressões usuais: *ter barbas para uma emprêsa arriscada; empenhar as barbas* (1); *barbas honradas; boas barbas; fracas barbas; fazer* (ou *dizer*) *alguma coisa nas barbas de alguêm; respeitar, honrar* ou *desonrar as barbas,* etc., e, ainda, *ter bons bigodes,* no sentido de «ter aspecto varonil, boa presença»; *homem de bigodes,* para significar o indivíduo que tem firmeza de carácter.

---

(1) É sabido que D. João de Castro, nosso Vice-Rei da India, levantou ali um empréstimo, sob penhor das suas barbas. O *Almanaque Bertrand* de 1900, p. 259, cita um caso idêntico, precedentemente ocorrido, e narrado por Jacques de Vitry, na sua *História das Cruzadas,* liv. I, colecção de Guizot, t. XXII, p. 142.

Vitry, depois de dizer que os habitantes da Síria consideram como o maior dos opróbios que se lhes corte a barba, ou, sequer, que se lhes arranque um pêlo dela, conta que Balduino, conde de Edessa, tendo empobrecido, recorrera astuciosamente a seu sogro — um Arménio riquíssimo — a quem prevenira de que forçado pela necessidade, empenhara a barba aos credores. O Arménio, querendo salvar dêsse opróbio eterno a filha e o genro, deu a êste trinta mil besantes, sob promessa de que daí em diante nunca mais empenharia a barba, quaisquer que fossem as circunstâncias críticas em que se encontrasse.

Segundo o articulista do *Almanaque Bertrand,* a aproximação dêstes factos lança bastante luz sôbre o hábito oriental a que o nosso D. João de Castro recorreu, e faz-nos compreender mais vivamente a valia do penhor por êle oferecido aos seus credorés.

A barba não se cortava para ser deposta nas mãos dos prestamistas. Continuava a honrar a cara do devedor, o qual se obrigava sòmente ao opróbio de cortá-la, ou de se submeter a que lha cortassem, se faltasse à sua palavra, e portanto, à sua honra.

*

Vem de longes tempos a veneração dos rostos pilosos e a privação da barba como castigo. Já os pagãos guarneciam de boas barbas as figuras de quási todos os seus deuses e semi-deuses.

Refere a *Bíblia* (1) que Hanon prendeu os servos de David e lhes mandou rapar metade da barba.

Da *Bíblia* anotada pelo padre António Pereira de Figueiredo (nota aos *Reis*, II, X, 4) consta que foi êste, tambêm, o castigo que os Lacedemónios depois deram aos que na batalha davam costas ao inimigo. Cita aquele comentador o passao de Plutarco, na *Vida de Agesilau: Fugientibus ex acie ignominiae causâ barbam partim radunt, partim promittunt.*

Em nota aos *Números*, XXXV, 6, ensina ainda o padre A. P. Figueiredo que os imperadores romanos Graciano, Valentiano e Teodósio o Grande, por uma lei que anda no código de Teodósio o Moço, condenam a destêrro, a açoites e a perderem os cabelos e a barba a todos os que, de sua autoridade, tiverem tirado um homem da igreja.

Diz Vilas-Boas na *Nobiliarchia Portuguesa,* que os Egipcios nobres traziam longas barbas, por divisa de nobreza.

*

A consideração das barbas transparece, aqui e alêm, na nossa tradição popular.

Assim, há os adágios: a) *Queixadas sem barbas, não merecem ser honradas* (2); b) *Pouca barba, pouca vergonha;* c) *guarda-te de homem mal barbado e de vento encanado;* d) *cara sem barba, cara sem vergonha;* e) *comer à custa do barba longa* (3).

E temos as canções populares:

a) *Azeitona miúdinha,*
que azeite pode render?
O homem com pouca barba,
que vergonha pode ter?

b) *Espelho que não tem aço,*
vira-se para a parede;
o homem que não tem barba,
poucas falinhas com êle!

c) *Homem sem barba,*
fala amulherada,
muita festa p'ra festa,
mais disso nada.

(1) *Reis*, Liv. II, cap. X, 4.

(2) Leite de Vasconcellos, *Lições de Philologia*, p. 87.

(3) I. é:—à sombra da autoridade, antigamente denotada pela longa barba dos magistrados, fidalgos, etc., à custa ou à sombra deles (*Colecção de Provérbios* do Perestrelo da Câmara, p. 20).

Aqueles nossos provérbios casam-se com o provérbio espanhol: *a poca barba, poca verguenza* e com os italianos: a) *Poca barba, e men colore, sotto il Ciel non è il peggiore* (séc. XVIII); b) *L'omu senza varva è un gran minchiuni* (Sicilia); c) *Dio me varda da l'omo de poca barba* (Veneto). [1]

Mas, se o povo assim se manifesta em favor das másculas barbas, tambêm não oculta a aversão a tais pêlos, quando êstes ensombram um rosto feminino, como expressa nos provérbios: a) *A homem ruivo e a mulher barbuda, de longe os saúda;* b) *A mulher barbada não dês pousada.*

Como se vê do primeiro dêstes dois últimos provérbios, a *barba ruiva* é que não merece confiança ou consideração. A confirmá-lo tem ainda os provérbios: a) *Falso por natura, cabelo preto e barba ruiva;* b) *Ruivo de mau pêlo mete o demo no capelo;* c) *Se o grande fosse valente, e o pequeno paciente e o ruivo leal, todo o mundo seria igual;* d) *Para um coxo um careca, para um careca um ruivo e para um ruivo um tiro.*

Está no mesmo caso a *barba de três côres,* da qual diz outro provérbio: *Barba de três côres, barba de traidores.*

As barbas são igualmente objecto de veneração entre alguns povos africanos, como testemunham Capelo e Ivens, aos quais certo soba ofereceu generosa retribuição para que êles implantassem no seu rosto lampinho alguns cabelos das compridas barbas que ostentavam. Dizem aqueles distinctos exploradores do continente negro que as suas barbas causavam por toda a parte a estupefacção do belo sexo e a inveja dos homens. E acrescentam: «A barba, segundo as opiniões mais autorizadas, é objecto tão importante na África, que por si só pode decidir da escolha de um homem para chefe de estado» [2].

*

Em muitas localidades de Portugal, os homens do povo costumam deixar crescer a barba e o cabelo em sinal de sentimento, principalmente por morte de pessoa de família.

Esta forma de revelação de pesar é antiqùissim. O sapateiro Pedro Esteves, que ficou celebrado na história com a alcunha de *Barbadão*, sabendo que sua filha Inês Pires mantinha relações amorosas com D. João I — de quem aquela houve dois filhos — de tal forma se sentiu do procedimento da filha que, não obstante a alta gerarquia do amante, jámais quis tornar a ver Inês Pires; e

(1) Pitrè, *Proverbi Siciliani*, Palermo, 1880.
(2) Capelo & Ivens, *De Benguela às Terras de Iáca*, I, 77.

como manifestação da sua mágua, tomou as resoluções de deixar para sempre crescer as barbas, provindo-lhe daí a alcunha de *Barbadão*.

Diz-se na *Enciclopédia das Familias*, ano XI, p. 267, que foi tal o sentimento da nação portuguesa por ocasião da morte do rei D. Manuel, *o Venturoso*, que, alêm do burel, da almáfega e dos mais trajes lutuosos com que a nação se cobríu, até aos barbeiros foi proíbido fazerem barbas e cortarem cabelos por espaço de seis meses — determinação que rigorosamente se cumpríu.

Já Tito Lívio, aludindo no pesar que ao povo romano causou a prisão do consul Manlio, diz, no Liv. VI: *Conjecto in carcerem Manlio, satis constat magnam partem plebis vestem mutasse, multos mortales capillum ac barbam promisisse* (1). Á primeira vista, parece que isto contraria o que atrás se disse na referência a leis dos imperadores Graciano, Valentiniano e Teodósio. Mas não: a frase de Tito Lívio denota apenas que os Roromanos — que usavam longas barbas — manifestavam o seu pesar e o seu luto descurando o tratamento destas e não lhes cortando as extremidades de tempos em tempos (2).

*

Segundo J. Novicow, na sua obra *A Emancipação da Mulher*, não se pode contestar que existe um laço entre os órgãos genitais e aquilo a que se chama os caracteres sexuais secundários. Assim, os homens, quando eunucos, não teem barba.

Já Brás Luis de Abreu dissera no *Portugal Médico*, p. 342, § 197: «A barba pêcca, e despovoada de cabelos em idade não competente, como a dos Lampinhos e Eunuchos, insinua fraqueza atreiçoada, e debilidade astuta, e infiel. Já Marcial reprehendeo semelhante barba». Ed. de Coimbra, 1726.

Em Mondim da Beira diz-se que a um homem que trabalha na meia não cresce a barba. (3)

Aos provérbios depreciativos dos homens privados de barba, contrapõeem os lampinhos: — *Deus deu a barba a uns e a vergonha a outros.*

Leiria, 15 de Janeiro de 1916.

José Maria Adrião.

(1) M. Gilbert — Charles le Gendre, *Traité Historique et Critique de l'Opinion*, tomo 3.º p. 672-673 (Paris, 1761).

(2) Idem, Idem, p. 673.

(3) Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, p. 256.

TEXTOS ANTIGOS PORTUGUESES

VI

(Cf. *Revista Lusitana*, xv, 177)

As duas narrativas que ora trago a lume foram extraídas do Codice alcobacense n.º 771, do qual o snr. Pedro de Azevedo já aqui (vol. xvi, pag. 101) deu um excerto e que compreende a mais, como aliás informa o respectivo indice, as composições seguintes: uma bastante extensa, pois ocupa nada menos de oitenta e nove e quasi meia folhas, contando as duas que faltam, segundo declaração do mesmo, dividida em quarenta e oito capitulos, de conteúdo místico, devendo, porêm, notar-se que no verso da folha xcviii apenas linha e meia foram escritas, estando a parte restante em branco, seguindo-se-lhe uma folha que começa pelas palavras *a ti meesmo* e tem a numeração c e continuando-se até ci, onde apenas se escreveram cinco linhas, dizendo a ultima a tinta vermelha: *aqui se acaba o livro de Ysaac*, tendo o verso dessa folha sido escrito mais de metade, mas depois inutilizado por uns traços cruzados o que aí se escrevera. Na folha imediata cii lê-se: *capitulo que fala em quantas maneiras peca o homem eno pecado da aciidia e som* xii e no verso da ciii, cinco linhas antes do fim, encontra-se o mencionado excerto, o qual se estende até fols. cviii, em cujo verso ha assinaturas, frases, notações musicais etc. e imediatamente depois uma folha que não pertence aqui, pois tem o n.º xcix, mas continua o verso da xcviii, como indica uma chamada que neste se lê, estando a seguir os textos que vão adiante, dos quais o primeiro se estende de fols. cx, Rº, a fols. cxvi, Vº, principiando o segundo na folha seguinte, cxvii Rº, e vindo a terminar a fols. cxix Rº, em cuja parte inferior se escreveu: *Sequitur* e *começase a vida de sancta Maria egiciaca e do sancto homem Zozimas*, a qual verdadeiramente só se inicia no verso, concluindo-se no da folha cxxxv, até pouco mais de meio, lendo-se a seguir: *Incipit vita sancte Pelagie edita a Jacobo Diacono*, ou seja a *vida de Santa Pelagia*, versão inteiramente identica á que se acha no codice 266 e já aqui (vol. x, 179) publicada. No verso da folha cxlvi, logo no principio, lê-se: *capitulo: que nobre e sancta cousa he guardar o homem sua consciencia*, seguido doutros até o fim do volume intitulados: *da oraçom per que os homeens guanham a gloria do parayso; da alta contemplaçom, a qual he sobre toda oraçom* e finalmente: *como he maa cousa e muyto*

de esquivar a companhia e conversaçom das molheres. Do que deixo escrito vê-se que o conteudo do volume concorda com o indice nele existente e, segundo parece, coevo com o livro, apenas com a diferença de indicar a folha CXX para a vida de santa Maria egiciaca, mas é evidente ter havido alterações da parte do encadernador na colocação das folhas, como já notou o snr. Azevedo. É mesmo possivel que a colocação defeituosa das várias partes de que ele se compõe ascenda ao tempo da sua organização, porquanto o citado indice diz que nas treze folhas desaparecidas figurava desde I a XI uma composição intitulada XII *mandamentos que o bispo Athanasio deu ao duque Antioco* e esta devia preceder imeditatamente a intitulada *vida do duque Antioco*, como se depreende do seu começo e se verifica pelo codice n.º 283, existente na Biblioteca Nacional, que contem de fols. LIX, V° a folhas LXVI, V° e a seguir um ao outro os respectivos originais latinos. Donde estes fossem extraidos não me foi possivel haver noticia, pois não os encontrei nem nas *Vitae Patrum* que, na Idade Media, foram a fonte aonde principalmente se foi buscar a hagiografia em lingua vulgar do tempo, tanto lá fora, (1) como cá, do que são exemplo as biografias das santas Pelagia, Thais (Tarsis no codice 266), Eufrosina e Maria Egipciaca, insertas em latim e português em codices da mesma proveniencia que o 771, nem tampouco no *Speculum historiale* de V. de Beauvais, nem ainda na *Legenda aurea* de J. de Voragine, onde aliás se acham, como é notorio, bastantes das lendas que figuram no agiologio cristão, apenas na sua obra *Commentariorum de Alcobacensis MS bibliothecae libri tres* Fr. Fortunato de S. Boaventura nota a pag. 570, quanto ao primeiro, que Montfaucon o considera entre os apócrifos de santo Atanasio.

Passando ao estudo da linguagem usada nos textos a seguir, a sua comparação com a empregada noutros do tempo (seculo XIV ou principios do XV) mostra-nos perfeita identidade, mas o haverem sido vertidos do latim contribuiu de certo para o emprego não só de grafias alatinadas, que de forma alguma representam a fala de então, como são *enlecto, provecto, sancto, perfecto, delectar, aceptar, dillectos* ou *dellectos*, *fecta* (a par de *feita*), *dicto, plancto, regno, multo, terribili, duru, usu, in,* mas tambem destes e outros vocabulos literarios: *abstinencia* (ao lado do popular *aster*), *revocar, ergo, convivios* etc. Isso não obstante, a palavra *males* ainda aparece sem o *-l-* intervocálico, que per-

(1) Cf. Gaston Paris, *Littérature française au moyen âge*, § 145.

dera regularmente, embora lá se ache *maleza*. Começam tambem a notar-se já contracções nas vogais dobradas, do que são exemplos evidentes estas: *as*, *recebeo*, *revocou* em vez de *aas*, *recebeo-o*, *revocou-o*. Quanto á forma *ouvelhas*, a existencia de *ouelhas* faz crer que nela a repetição da consoante é apenas gráfica.

Direi agora como procedi na respectiva transcrição. No intento de torna-los acessiveis ao maior numero de leitores, continuei o processo, quasi sempre por mim seguido, de pontua-los á moderna, a ortografia, porêm, respeitei-a, desfazendo apenas os breves e representando por *m* o sinal de nasal empregado no codice, excepto quando lá se encontrava *n*. Entre as abreviaturas desfeitas figuram o verbo *guardar*, que escrevi *gardar*, sem contudo poder afirmar, embora muito inclinado a pensar, que assim se proferia ao tempo, e o nome *Deus*, que escrevi assim e não *Deos*, como pretende o snr. Epiphanio Dias (cf. *Rev. Lusitana*, VIII, 179, nota 1), por te-lo encontrado com esta ortografia noutro códice de linguagem similhante, a *Cronica dos X primeiros Geraes da Ordem de S. Francisco*, que sob o n.º 94 se guarda na Biblioteca Publica e está sendo impresso entre as publicações da Academia das Sciências de Lisboa.

J. J. NUNES.

Começa-sse a vyda do duque Antioco que depoys ffoi abbade

Quando esto ouvyo Antiocho, screveo todo em o livro do seu coraçom e muyto apressa ffoy-sse logo ao moesteyro e penssando em seu coraçom, disse: Se eu quiser seer e viver soo, crecer-me-á argulho e soberva, porem melhor he star em o moesteyro sso obediencia e conssiirar e veer a vida e converssaçom dos monjes, e assy com a graça de Deus poderey proveitar e aver boa ffin. E, como o penssou, assy o ffez. E, depoys que emtrou no moesteyro, non penssava que vivya e converssava antre homeens, mays tiinha que vivya e morava com angios, e com todo boo desejo, plazer grande e alegria compria e fazia o que lhe mandavam. Toda honrra, requeza e dignidade e vãagloria do mundo e ponpa reputava e avya por nen hũa cousa; outra cousa non cuydava sse nom em a doctrina e mandamentos do sancto bispo Athanasio. Era muyto humyldoso e avya muyta caridade e amor grande aos monjes, esgardando sempre na vida eternal e perduravyl e nos promytimentos de nosso senhor Jesu Christo. Os monjes que esto viam eram muyto hedifficados, porque o virom muyto rico, em muyta honrra, criado em muyto viço e dillectos, e agora nom

sse avia por homeem, elle que ffora em alguum tempo livre, nem honrrado, e por que com toda humildade ffazia toda obra, aynda muyto reffece, e glorifficavam e davam graças a Deus, que muyto mays dá aos homeens do que elles demandam.

Veendo o emmigo em el tanta emsinança, disciplina e graça, non o pode soffrer e semeou e espargeo, assy como melhor pode, a peçonha da sua maa arte e tenptou de empeecer a este homem e servo de Deus. E o abbade e toda a congregaçom, veendo em el tanta fe e humildade e gram bondade, contra seu proposito e voontade e fazendo aynda el planto e gram doo, o ordenarom e fezerom preposto ao abbade e despenseyro e moordomo dos beens do moesteyro, o quall com muy grande obediencia e humildade e por [1] proveyto do moesteyro tomou o officio.

Este per muytas vezes por proveito do moesteyro hya aa ciidade, em a qual achou huum diacono seu amigo que avya nome Pisto, e per quantas vezes viinha aa ciidade pousava com el. Este diacono avia hũa filha, a qual huum lector per nome Aleyxandre corronpeo e ouve de virgindade. Veendo o lector a moça prenhe, com temor e vergonha e por non seer descuberto, emsinou-a que o peccado e mal que el fezera, que o posesse e dissesse que o fezera Antiocho. E, depoys de XL dias que a moça paryo, o diacono, seu padre, sse querelou do mal que lhe era feito ao bispo, o qual bispo muyto a pressa emviou por a moça e com muytas ameaças e grande espanto a preguntou que todavia lhe dissesse quem commetera e lhe fezera aquel mal. A qual respondeo e disse que o monje Antiocho, que per muytas vezes hya a casa de seu padre e pousava com el, fezera aquel mal. A qual cousa o bispo e todos que com el estavam creerom, e logo muyto apressa e com gram sanha emviou ao moesteyro e lho trouxessem com toda deshonrra a ciidade, e assy foy feito, E quantos ende stavam tantas sentenças davam; hũus o emjuriavam de palavras, outros lhe cospiam no rostro, outros com as mããos o fferiam, outros o empuxavam e mal tragiam. O qual assy mal tragido o bispo preguntou sse commetera e fezera tanto mal e que o confessasse. Antiocho respondeo em seu coraçom: Eu se diser verdade, a mynha verdade nom seera creuda e mays creerom a ssua mentira. Estando assy o bispo e os creligos e todo o poboo, altas vozes braadou a moça e disse contra el. Que podes tu dizer? Tu non podes negar que tu non fezeste

[1] No original *pro*.

este mal, ca tu geeraste este infante e de ty naceo. Por que ás vergonha conffessar o mal que tu fezeste? Emtom Antiocho, servo de Deus, com grande amargura e afflliçom de seu coraçom, gemendo, suspirando, disse: Dade-me esse infante, que diga se he assy, como sua madre diz, e se o geerey eu ou nom, e per el o Senhor Deus mostrará e provará a verdade. E tomou o infante em suas mãaos e levantou seus olhos ao ceeo e disse ao infante: Eu te conjuro per o nosso Senhor Jesu Christo que me digas se foste de my geerado. Entom o infante per a graça de Jesu Christo deu gram voz e disse: Nom. Oo servo de Deus, tu desta cousa linpo es ante Deus, mays o lector Alexandre geerou este scandalo e fez este mal. Quando a manceba vyo tal prova seer feita, nom per homeens, mays per Deus, cayo ante os pees de Antiocho e expirou, e o bispo, por que creo mal e de ligeiro, pedi-lhe perdom. E o lector Aleixandre partio-sse e foy-sse nom longe da ciidade e emçarrou-se em hũa pequenina cella, vestido em huum saco, carregado de fferro; ataa o dia de sua morte, com muyto planto e choro e gemido, fez digna penitencia por o peccado.

Como o mancebo que furtou a ssaya a pobre se tornou a servir Deus.

E, tornando-sse Antiocho da ciidade pera o moesteyro, chegou a el ao caminho huum mancebo e deitou-sse ante os pees de Anti[o]cho, rogando-o e dizendo: Servo de Deus, perdoa-me; porque crii de ligeyro e como nom devía aquella moça, cospy em tua face. Emtom o servo de Deus, Antiocho, disse a el: Por o que a mym fezeste nom chores, mays chora, jejũua [1] e faze penitencia por a saya que furtaste a hũa muy prove molher viuva. E tu, que avias e tiinhas cinquo sayas, que bem podias mudar, furtaste da viuva hũa soo que tiinha. Quando esto ouvyo o mancebo, maravilhou-sse muyto e estremeceo todo, por que lhe disse como furtara hũa saya e como a tomara de noyte. E ffoi-sse a ssua casa e filhou as suas cinquo sayas e a outra que furtara e levou-as todas sseys e deu-as a vyuva e rogou-a que ffossem ambos lançar-sse aos pees de Antiocho. E, quando Antiocho os vyo jazer ante ssy e vyo que o mancebo sse doya muyto do pecado que fezera, extendeo sua mãao e levantou-o de terra e deu-lhe osculo e beyjo de paz. Entom disse o mancebo ao Antiocho: Senhor, sse me mandares, jajũuarey [2] muytos dias, por que pequey muyto. E

[1] No original *jejuna*.
[2] Idem *jajuunarey*.

Anti[o]cho disse: Em quanto jajũares, que farás? El respondeo: Visitarey meus amygos e procurarey meus negocios e, quando for ora de vespera, comerey. Entom disse Antiocho: Esso nom he jajuum, porque, se tu jajũares e diseres mal ou proffaçares dalguum, ou lhe fezeres [1] emgano, ou fezeres rica cea aa vespera, ou comeres ou beveres muyto, ou fezeres ou cubiçares algũas cousas torpes, a que aprovecta tal jajuum? aster-te das viandas e fazer maaes e torpidades e deleitar-te em elles? O jajuum boom e perfecto he gardar o homem ssua boca de todo maao dizer e de toda palavra maa e ouciosa e ssuas orelhas de todo maao ouvyr e non dar, nem fazer mal por mal e, quando veer ora de vespera, nom coymas outra cousa, se nom pam e agua, e os manjares que fezeres para teu comer dá-os ás viuvas e aos orffõos e aos pobres, e assy sey humildoso, e a tua humildade fará a elles provecto, e elles rogaróm a Deus por ty, e assy seerás scripto nos ceeos. E, quando esto ouvyo o mancebo, logo asinha deu todo o que avia a pobres e seguyo o Antiocho e ffoy-sse com el e emtrou em o moesteyro e viveo em toda abstinencia, humildade e paciencia, com planto, choro e gemidos, e viveo huum anno e, acabado, deu a alma a Deus e *requievit in pax.*

Como Antiocho foy electo abbade.

E depoys desto tres annos o abbade daquell moesteyro deu a alma a Deus e, ante que sse finasse, o bispo da cidade o veo visitar e o abbade o rogou que lhe prouvesse ffazer, depoys de ssua morte, abbade este santissimo Antiocho, e assy rogou toda a congregaçom, os quaes o rogarom que aceptasse o tomasse a abbadia. E o sancto homem, com muy gram planto e choro e contra seu talante aceptou e tomou e foy ordenado abbade, ao qual o sobredito abbade encomendou todos os monges e ffrades e deu a alma a Deus e *requievit in pace.*

Como dous monjes sse sayrom e fugirom do moesteyro.

E, depoys dous annos que o dito Antiocho ffoy abbade do dito moesteyro, dous ffrades, fracos e de pouco saber, de noyte fugirom do moesteyro e, assy como o cam que torna a comer a vyanda que regeyta, assy estes ffrades se lançarom aos viços e dillectos do mundo, vagando e participando em el como ante. Por a ffugida e departimento dos quaes o sancto Antiocho e

[1] No original *feceres*.

servo de Deus era muyto afflicto e tormentado e de dia e de noyte rogava e fazia oraçom a Deus por elles. E, estando el com os monjes a ora de noa em oraçom, o benaventuyrado Antiocho ficou os geolhos e ffoy rapto e levado em spirito. (1) E depoys desto, per spaço de algũas oras, penssarom os ffrades que via el algũa vison. E, acabada a noa e ssua oraçom, partiron-sse do oratorio. E depoys acerca de sol posto o sancto servo de Deus Antiocho sse levantou, dando muytas graças a Deus e dizendo: Gloria seja dada ao Senhor. E outra vez: Gloria ao amador e fazedor e criador de todas as cousas, nosso senhor Jesu Christo, todo poderoso. Entom veerom os ffrades a el, rogando-o que lhes dissesse a visom que vira. (2) O qual fez oraçom e, feyta, disse: Eu ffuy levado per huum angeo a huum canpo, qual non o ssey, o qual me amostrou huum pastor que gardava e pascia muytas ovelhas. Estas ovelhas eram muyto alegres e andavam en bõos prados e de muytas boas hervas, e o pastor sse alegrava muyto com ellas. E o angeo me disse: Vees este pastor? (3) E eu dixe: Vejo, senhor. E el disse a mym: Este he o angeo dos dellectos, que engana e corronpe as almas dos servos de Deus e lhes revolve os corações e as voontades de todo bem e boom penssamento, pera que esqueeçam e olvydem sua devoçom e voto que prometeram e nom servam a Jesu Christo, ao qual sse derom e fezerom de ssy voto em seendo em pequena hydade, e saen-sse (4) e partem-sse dos moesteyros e andam vagos en (5) muytos viços e em ponpas e vaydades do mundo e son per este angeo enganados e tragidos a perdiçom e a morte per sempre perduravyl. E depoys desto fomos a huum outro lugar e mostrou-me huum outro pastor, a vista do qual era muy espantosa e terribil e na maão tragia huum bagoo duro (6) e com muytos noos e com el huum açoute. A vista deste pastor era muyto pessima e maa e terribil (7) e espantosa de veer, do qual eu ffuy muyto temeroso. Este pastor veo e furtou as ouvelhas da grey do primeyro pastor, e trouxe-as a huum lugar muyto streyto e aspero e de muytos spinhos e cardos cheo e comprido assy e tanto que as ovelhas nom podia[m] andar nem sayr dantre elles. Estas ouvelhas eram em

(1) A margem: *como Antiocho foy rapto.*
(2) Idem: Da *visom do abbade Antiocho.*
(3) Idem: *E dos pastores que vio.*
(4) No original *saan-se*: cf. adiante *saae[m]*.
(5) Idem *in.*
(6) Idem *duru.*
(7) Idem *terribili.*

muy grande coyta e affliçom, por que este pastor as ameaçava e fferia e tragia muyto mal d'huum cabo pera o outro. Eu, veendo que as feria assy e tragia mal, fuy muyto triste e doy-me muyto dellas e dixi ao angeo: Ó senhor, que pastor he este tam sem caridade que nom ha misericordia nem piedade com estas ovelhas? E el me disse: Este he o angeo da penitencia, que toma os servos de Deus que erram e andam ffora do boom desejo e obras e voto que prometerom e sse saae[m] dos seus lugares e andam vagando pello mundo em dellectos e viços da carne, comprindo seus desejos. Este angeo primeiro dá a estes muytas afflições, tribullações, infyrmidades muytas; recebem aynda de muytos, no mundo onde andam, muytas injurias e grandes dãpnos e outros maaes e, quando veem que lhes nom vay ben, nem fazem seu proveyto no mundo, vem-lhes na mente e no coraçom a vida celistial e o bem que leyxarom. E, depoys destas muytas afflições passadas, vem este angeo da penitencia e torna-os a sseu lugar e correge-os e castiga em boa disciplina e doctrina. E entom penssam em seu coraçom e nembram-sse dos maaes e obras que fezerom no mundo e dam gloria e graças a Deus, que he justo e dereito juiz e justamente rege e governa todas as cousas, e as pennas e afflições que elles ouverom forom por seus merecimentos. E disse-me o angeo. Todos os ffeytos e actos carnaaes som dellectos e toda cousa, em que toma sabor e faz de boa voontade com prazer do mundo, sanha ou soberva, ponpa, etc. E o monje bevodo ou que faz propria voontade ou outra cousa ssemelhavyl viço lhe he; estes actos e obras ssom muyto empecyviis aos servos de Deus. Outros viços e dillectos e sabores ha hy que som gram bem aos servos de Deus: obrar bem, continencia, paciencia, obediencia, vigilias; por estas obras fugem a morte e guaanham e ham a vida perduravyl *in secula seculorum*. Estas cousas me mostrou o angeo e tornou-me a meu lugar. E poremde, hyrmãaos, viinde e demos graças ao muyto poderoso Deus, por que benigno, (1) piadoso e misericordioso he e soffre e ha paciencia nas malezas dos homeens e os tira do pecado e trage a penitencia e leva a vida eternal.

Como os ffrades que fugirom se tornarom ao moesteyro.

E depoys acabo de pouco tempo os dous ffrades que fugirom do moesteyro encorrerom em muytas afflições e tribulações e grandes doores. E a huum delles naceo na ylharga hũa landoa

(1) No original *begnino*.

e plaga e ffoy lançado e levado a hũa albergaria e per tres vezes per phisicos ffoy talhado e nom o poderom saar. O outro ffoy presso e posto em carcer, emçarrado e carregado de fferro e em lugar muy scuro e ffedorento bem gardado. O sancto servo de Deus nom cessava fazer oraçom por elles, e as suas orações forom ante Deus e Deus ouve misericordia e compassom com elles, e de poys de dous messes soltou-o das cadeas e prisões em que jazia. E el sayo-sse de nocte do carcer e veo ao outro, que jazia na albergaria muyto doente e emfermo e em seus pees nom podia andar e o endussera primeiramente que sse sayssem do moesteyro, e poss-llo em seus ombros e trouxe-o e veo-sse com el ao moesteyro. E, quando esto ffoy per o porteyro ao ssancto homem dicto, deu muytas e grandes graças ao muy poderoso Deus e, ffecta oraçom por elles, recebé-os com pax e com muy gram prazer, e o monje, que era chagado e doente muyto, logo, fecta a oraçom, ffoy ssãao. E estes monjes, que vagando andarom, com toda humilldade fezerom penitencia do que fezerom, andando fora do moesteyro, e tal e tam grande que todos os ffrades sse maravylhavam do seu plancto e afflliçom e lagrimas. E per tres annos compridos fezerom digna penitencia e plazivyl muyto ao nosso senhor e salvador Deus e assy derom ssuas almas a Deus, ao qual he e seja honrra, gloria e senhorio pera ssempre amen.

Outra vez aconteceo que, estando este benaventuyrado Antiocho leendo por o livro dos mandamentos que o sancto bispo Athanasio lhe fezera e disera, quando primeiramente o ffez monje, delectando-sse em elles e leendo-os com prazer com grande alegria, huum dos ffrades, scuytando e com toda diligencia ouvyndo e penssando nas palavras delles, disse a el: Senhor, estes castigos e mandamentos cousas grandes e maravylhosas som e podem alegrar muyto os corações dos que os gardarem e fezerem. E aynda disse: Senhor, estes mandados som duros, graves e caros de fazer e duvydo sse podem seer gardados. E o sancto homem com o ssembrante sanhudo emtom respondeo e disse: Oo homem molle e fraco e pera pouco, como a molher, ffrio e tepido, por que te torvas e duvidas? Nom conhoces a grandeza e nobreza de Deus, quanto he grande, forte, maravylhoso e muy poderoso. E el formou e fez o mundo por o homem e deu-lhe poderio e senhorio sobre todallas (1) cousas que ssom sso o ceeo, na terra e no mar e sobre as aves que voam no aar.

(1) No original *todalhas*.

Em como assy seja verdade que Deus he senhor e poderoso de todas as cousas, como pode seer que nom seja senhor e poderoso destes mandamentos? Dy-me: Rey David nom venceo Golias, gigante, homem forte, armado e gram batalhador? Certo ssy. E venceo por sseo poderio e per sua virtude e fforça? Certo nom, mays per boom proposito e ffe, teendo e creendo firme em sseu coraçom que Deus o ajudaria, e por a ffe e sperança comprida que ouve em Deus ouve victoria e venceo o gigante com hũa pedra. Ora, amygo muyto amado, tornemos a ffalar em sam Stevom, que foy primeyro martyr, quantas feridas e pedradas ouve e recebeo dos judeus! e nom pode morrer, ataa que el rogou e demandou a Deus que recebesse o sseu sspirito. Pera que avemos de contar as virtudes e obras e fectos dos homeens? Se queres, ffalemos em aquella sancta molher, Judyth, muy mays forte que todos os homeens, que venceo o muy forte e poderoso de muitas gentes, Ollofernes, nom por ssua virtude propria, mays per voontade e poderio de Deus. Esta sancta molher nom penssou, nem cuydou sua fraqueza e como era molher, nem disse, nem penssou que em a ciidade eram e stavam muytos fortes batalhadores e aviam uso (1) de batalhar e nom ousavam de sayr da ciidade, nem pensou como era molher e fraca e como avya d'yr a hũa tam grande hoste e antre tantos homeens armados. Esto todo reputou e ouve por nen hũa cousa e, armada de e ffe sperança, emtrou e foy com firme coraçom e deiitou-sse e fez oraçom e, assy armada per ffe, sse foy e matou Olophernes, nom ela, mays o muy poderoso Deus, ao qual sse ella de todo coraçom e voontade deu, e assy cortou a cabeça do seu contrairo e emmiigoo. Tyremos ergo de nós toda duvyda e priguiça e ajamos firme ffe e sperança, por que o Senhor Deus por aquelles que a ham usa das virtudes e a elles dá esforço pera todo bem fazer. Dy e rogo-te que me digas: que virtude ou que esforço ouve o ladrom posto na cruz? certo nem huum, salvo que soo ouve ffe e de todo o coraçom creo, por a qual ffe mereceo primeyro que outro nem huum emtrar no parayso. Ou qual virtude ouve aquella molher que com myrra e aloes ungeo o nosso senhor e lavou com suas lagrimas os seus pees e ffoy salva, sse nom pura e verdadeyra fe? Nom te quero dizer da ffe e batalhas de Thecla e sancta Enes e de sancta Euffemia e de outras muytas molheres martires, que nom podem seer contadas, e todas em dia do juyzo ham de receber do nosso senhor Jesu

(1) No original *usu*.

Christo coroas pera sempre, por a gram fe e esforço que ouverom. E aquelles que ssom fracos e duvydosos de coraçom, os quaes ora o diaboo spanta e poem temor e tremor, e que dizem que nom podem ffazer bem ovyróm e veeróm depoys as molheres e os infantes e os menynos cantando em o parayso em muy grande gloria, dando graças e louvores ao muy alto Deus, e elles hyram e seeram dados a pena pera sempre. Porem te digo que todo o homem que de coraçom e voontade prometer e quiser servir a Deus pode gardar e cumprir e fazer estes mandamente, mays os que som duros de coraçom e de pequena fe nom os pode[m] gardar. E porem vos, que ssodes fracos, temerosos e duvydosos, avede sperança e ffe de todo coraçom e voontade em o Ssenhor e logo sem nen hũa duvyda conhoceredes que nom ha cousa mays ligeyra, nem mays segura, nem mays leve que servir a Deus em esta cavalaria e seer monje de Jesu Christo e nom servir ao mundo e as cousas misquinhas del, por que os que a Deus servem de coraçom emtraràm e possuyram o reyno dos ceos, e aquel que o busca aquel o acha, e aquel que o pede o dam, e aquel que fere e bate aa porta, aquel abrem. Assaz he muyto mesquinho, vãao, sandeu e de pouco saber aquel que em este mundo quer aver plazer e alegria e depoys no outro aver plazer e gloria com Jesu Christo. Porem, hyrmãaos, en este tempo pequeno que avemos corramos e servamos a nosso senhor Jesu Christo, por que el he fonte de vida e rayz de toda bondade; a el seja louvor e gloria *in secula seculorum*, amen. *Explicit vita ducis et abbatis Antiochi.*

Este he o dicto e vida de huum monje de Roma que grande no paaço do emperador foy.

Veo em outro tempo huum monje da ciidade de Roma, o qual ouve no paaço do emperador gram lugar. Este morou em o monte que he dicto e chamado Stiti antre os ffreguesses da igreja. Este avya huum servidor que o servia e lhe ministrava as cousas que avya e lhe faziam mester. Veendo o creligo da igreja a ffraqueza deste monje e como fora criado e vivera no mundo em muytos viços e dellectos, das cousas que el tiinha e lhe Deus dera e das offertas que viinham a ygreja ministrava e partia com el. O qual monje em o dicto lugar de Stiti viveo per XXV annos, e era muyto grande contenplador e por os actos de fora conhocia as emtenções e condiçõoes e feitos dos homeens em tanto que era dito e avydo por propheta. Huum monje dos grandes do Egypto, ouvyndo ssua fama, partio-sse do Egipto e veo-o

veer, pera saber o modo seu de viver, sperando de achar em el vida, modo e converssaçom mays streyta. O qual monje em sua emtrada o ssaudou e, feyta a oraçom, sse poussarom. Veendo o monje hospede como este monje que el veera buscar estava vestido de pannos nobres e delicados e almocella e pelle em que dormya e cabeçal sso ssua cabeça e os pees lavados e com calças, ffoy 'scandalizado dentro em ssy, por que non era tal custume antre os servos de Deus em aquel lugar, mays usavam e ffaziam abstinencia mays streita em todo. O velho romaão era, como já dixe, contenplador e avia graça de prophecia, e emtendeo que o monje hospede era escandalizado em el por o sseu modo de viver e disse ao seu servidor: Ffaze hoje boom dia por este monje que veo. E o servidor cozeo hũas poucas de verças que tynha e, depoys que ffoy hora honesta pera comer, comerom. E o velho por ssua emfirmydade tiinha huum pouco de vinho e aquel beverom. E, depoys que foy hora de vespera, disserom XII psalmos e dormirom e outros XII disserom de nocte. E, como foy manhãa, o monje do Egipto disse ao velho: Roga e faze oraçom a Deus por my. E ssayo-sse e ffoy-se scandalizado e pouco hedifficado. E, yndo ja huum pouco fora da cella, veendo o velho que hya scandalizado e querendo-o saar e reconciliar, enviou pós el e revocou-[o] e trouxeo aa cella e recebé-o com grande amor e com muyta caridade e preguntou-o de qual provyncia era. E el disse: Eu som do Egipto. E o velho disse e preguntou: De qual ciidade? E el respondeo: Eu nom fuy de ciidade, nem vivy, nem morey em ella. E o velho o perguntou: Ante que ffosses monje, que fazias e que officio usavas na aldea e lugar em que moravas? E el respondeo: Era gardador dos agros. E o velho o perguntou: Onde dormyas? E el respondeo: No agro. E disse: Tiinhas algũa cousa strada? E respondeo: Eu no agro avya de teer strado e cama em que dormisse? E o velho disse: Em que dormyas? E el respondeo: Em terra ssem outra cousa. E o velho romãao disse: Em no agro que comyas ou que vinho bevyas? E respondeo: Pam e bevya agua, que tal he o comer e bever nos agros. E o velho disse: Como ergo vivyas? E respondeo: Comya pam seco e das hervas que achar podia e bevia da agua. E o velho disse: Que gram trabalho e forte vida! E ffez-lhe outra pregunta: Avyas banho em que te lavasses? E el respondeo: Nom, mays, quando queria, lavava-me em no ryo. Depoys que o velho o preguntou e soube del todas estas cousas e soube os seus trabalhos e o modo da sua vida que ouvera e ffazia ante que fosse monje, querendo-o hedifficar e fazer em el

proveyto e qualquer bem, contou-lhe e disse toda sua vida que ouvera e qual fora, quando era secular e vivya no mundo, e disse: Este mesquinho de mym que tu vees sey certo que eu ffuy da gramde ciidade de Roma e avia gram lugar ante o emperador e em sseu paaço. E o monje que veera do Egipto, em seu dizer e começo de suas palavras movido e pungido em seu coraçom, com todo boom desejo e boa e pura entençom ouvya o que o velho dizia. E disse: Eu leyxey Roma e viin a este hermo. E aynda disse: Eu avya muytas e grandes casas e muytos dinheiros e pecunyas e todo leyxey e desprecey e viin pera esta pequena cella. E aynda disse: Eu avya lectos cubertos de ouro e com roupas muy preciosas e de muyto valor, e por esto deu-me Deus este almadraque e esta pelle. As mynhas vestiduras eram de [tam] gram preço e de [tam] gram valor que nom podiam seer extimadas, e por estas nobres trago e uso (1) de aquestas viis. (2) E aynda disse: No meu jantar sse despendia muito (3) ouro, e por aquel nobre jantar deu-me Deus hũas poucas de verças e huum vaso pequeno de vinho; avya muytos servidores que me serviam, e por todos elles deu-me Deus este huum; por os banhos que avya, lavo os pees com hũa pouca de agua; e por mynha emfirmidade e fraqueza uso (1) e trago estas pequenas calças e piugas; e por laude, rabeca e citola e outros strumentos musicos em que me delectava em meus comeres e meus convyvios, digo XII psalmos de dia e XII de nocte; e por os peccados que ante fazia, ffaço prazer pouco e serviço pequeno e sem provecto a Deus. E porem te rogo, oo padre, que nom sejas scandalizado por a mynha emfirmidade. E, quando esto ouvyo o monje que veera do Egipto, (e) em ssy meesmo penssando, disse: Maldiçom he a mym, por que de muyto trabalho e de muytas afflições do mundo viin ao hermo a repouso e a gram ffolgança, e o que emtom nom tiinha, nem podia aver, agora o tenho, mays tu de muyto bem, viços e dillectos e requezas e plazeres do mundo, de tua proprio voontade, veeste em muyta affliçom, em muyta humildade e gram proveza. Do qual sermom e dizer o monje do Egipto ffoy muyto ediffficado e conssolado e fycou muyto seu amygo e assy sse partio pera sua cella. E muytas vezes e muyto ameude o viinha veer e visitar por sua conssolaçom, por que era o servo de Deus complido da graça e odor do Spirito ssancto. *Laus et gloria sit Christo. Amen.*

---

(1) No original *usu*. (2) Idem *viins*. (3) Idem *multo*.

TRADIÇÕES POPULARES DE BARROSO

(Concelho de Montalegre)

(Continuação da pág. 302, vol. xviii, fasc. 3-4)

VI. — COSTUMES

I. **Vida infantil.** — Quando se lava uma criança pela primeira vez deita-se a agua ao longo duma porta e diz-se:

A agua a correr,
E o menino a crecer.

(Cortiços).

Se é rapaz deita-se a agua á rua e diz-se:

O mundo é p'rós homens.

Se é menina deita-se atrás duma porta.

(Montalegre).

Em casa estranha, quando se péga numa criança, diz-se:

Se em todas as mãos crêças,
Só nas minhas não desmerêças.

(Montalegre).

Quando se vê uma criança pela primeira vez, diz-se:

«O Senhor te benza e te ponha a virtude».

Ás crianças de peito põe-se no pulso esquerdo uma figa benzida.

Uma criança é voltada frequentes vezes no berço para não ficar com a cara mais gôrda dum lado do que do outro.

E' costume fazer-se o batismo duma criança dentro de oito dias depois de nascida. A criança é conduzida pela parteira acompanhada pelos padrinhos. Uma rapariga conduz uma caneca com agua, uma toalha e sal. A madrinha dá o enxoval e paga á mulher que conduz a criança. O padrinho dá a baeta á criança, uma galinha, e uma vela de 120 reis ao padre, e paga aos rapazes que pegam nas velas e tocam os sinos. Os rapazes que vão á espera da *rebatina* (dinheiro, confeitos, etc.), se os padrinhos não lhes atiram nada, dizem:

Remoinho, remoinho,
... para o padrinho

Remoinha, remoinha,
... para a madrinha.

II. **Vida religiosa.** — O dia de Santa Cruz é considerado como o maior dia-santo do ano.

No domingo de Ramos levam algumas pessoas á igreja para serem benzidos. Levam tambem varas de azevinho, e com elas esfregam depois as barrigas das vacas quando doentes.

Nas ruas por onde passam as procissões é de uso espalhar diferentes hervas, alecrím, flôres, etc. Nas janelas põem-se colchas e toalhas.

Santos advogados:

S. Sebastião, fome, guerra e leitões; S. Antonio, porcos; S. Luis, vista; S. Bras, garganta; S. Frutuoso, cão *derramado* (danado); S. Salvador, gado; S. Jeronimo e Santa Barbara, trovoada.

Entre as diferentes promessas feitas aos santos ha: a de pesarem-se a centeio ou a cêra; a de darem de joelhos em redor duma igreja, em geral, nove voltas; a de irem descalços com uma vela na mão em qualquer procissão; a de irem os filhos vestidos de anjos ou de penitentes, conforme as procissões. E' costume assistir ao cumprimento da promessa a pessoa em intenção da qual esta é feita.

Quando o paroco vai *tirar o folar*, coloca-se em uma mesa alguma das coisas seguintes: um *trigo*, uma laranja com uma moeda de prata ou cobre, *ofertas brancas* (ovos), uma *bica* de manteiga, um ou mais arrateis de açucar, tudo coberto com uma toalha. Do lado de fóra da porta colocam-se cobertores ou mantas que servem de tapetes.

Num dia aprazado de Setembro ou Outubro levam em carros ao paroco a lenha para queimar durante o inverno, que por sua vez os obsequeia com abundante jantar.

As mulheres e as crianças quando passam por um padre dizem: «Bote-me a sua benção».

Em Mourilhe, no dia de S. Brás, depois da procissão, bebem na igreja uma pinga d'agua que lhes dá um dos mesarios, passando-lhes depois o paroco no pescoço uma vela de cera. Algumas pessoas levam para casa algumas garrafas cheias da mesma agua.

Homens e mulheres vão á missa sempre com as capuchas.

Em algumas povoações há o hábito de cantar na igreja durante a missa.

Quando alguem deixou de cumprir o preceito quaresmal, diz-se que «ficou como as messes de Santo Adrião» (Montalegre).

No sitio em que alguem é assassinado ou morreu de desastre, põe-se uma pequena cruz de madeira.

Para desviar uma trovoada é bom deitar no lume hervas

santas (ramos de oliveira, alecrim, loureiro, cangorsa [1]) benzidos na igreja em domingo de Ramos); nas frèguesias de Padrôso, Padornélos e Donões vão tocar os sinos da igreja.

Quando troveja, é Deus que está a ralhar. E' costume rezar o *credo em cruz*.

Emquanto ceiam na noite de Natal põem no fogó do lar um bocado de carvalho *berinho* e, acabando de cear guardam o tição para o pôrem no lume quando *tôa* (troveja) porque o fumo dêles livra dos raios.

De noite por ocasião de trovoada só se acendem candeias de azeite.

Durante uma trovoada não devem estar as crianças á janela, porque podem ficar *enjagadas* (enfezadas).

III. **Vida domestica.** — Em Barrôso ha apenas duas refeições: o jantar, entre as 9 e as 11 horas, antes da saida do gado para o pasto; e a ceia, a refeição mais abundante, á noite.

Sempre que se sai de casa para guarda do gado, qualquer trabalho ou mesmo simples passeio, é costume levar-se a chamada *merenda*, que consta de pão de centeio.

Quando se acaba de comer o caldo em casa alheia, diz-se «Deus dê saude a quem o fez»; ao que se responde: «Bom proveito lhe faça.»

Se se oferece com insistencia alguma coisa a alguem, se aceita díz: «Já que tanto ateimas, vá lá.» Se se responde «em cortesia, não quero,» não se insiste mais.

Quando se aceita um copo de vinho, diz-se ao bebê-lo: «á saude»; ao que se responde: «que lhe preste.» Acabando-se de beber, é delicadeza voltar o copo a escorrer, ou coloca-lo voltado.

Quando alguem vai a casa estranha e lá o obsequeiam com uma tigela de leite, ao acabar de bebê-lo diz: «Santo Antonio guarde a vaca»; ao que o oferente responde: «E o bezerrinho que o mamou.»

Quando alguem chega a logar onde se está comendo, diz logo antes de qualquer cumprimento: «Coma, que bem lhe preste» ou «Faça-lhe bom proveito;» ao que se responde francamente: «Assim fará, se fôr servido.»

Subsiste o habito de patrões e criados comerem do mesmo prato e beberem pela mesma vasilha.

Quando alguem anda até tarde em jejum e tem entrado em

---

[1] Congossa.

casa alheia sem que lhe ofereçam de comer, diz: «Já fui a casa de F..., mas não tirei o freio.»

Quando alguem deixa cair um bocado de pão, diz: «Para as alminhas.»

E' costume dormirem nús.

Quando alguem mata uma raposa, é costume irem pelas portas pedir ovos.

Saudações: da manhã: «Bons dias lhe dê Deus» ou «Venha com Deus.»

A quem anda trabalhando: «Deus os ajude.»

De quem chega: «Salve-o Deus,» ou «Guarde-o Deus.»

Da noite: «Boas noites nos dê Deus,» ou «Deus nos deixe passar boas noites; adeus passem bem a noite; o Senhor lhe dê as mesmas.»

De despedida: «Adeus até amanhã, se Deus quiser,» ou «Então adeus e mais companhia», ou« Santínha, até mais vêr.»

É expressão de agradecimento: «Muito obrigado ós teus fabôres, se precisares d'alguma coisa que t'eu possa fazer 'stou ás ordes; Muito obrigadinho»; a que se responde: «Não haja (1) por isso,» ou «não por isso.»

Para agradecer uma coisa de que não se precisa diz-se: «Muito obrigado,» ou «Muito agradecido, não me faz preciso.»

Depois de alguem responder o nome da terra a que pertence, costuma o interrogante dizer: «Por muitos anos e bons», ao que se responde: «E vossemecê que os conte,» ou «E vossemecê que os veja.»

O tratamento usual dos sobrinhos aos tios e ás vezes aos pais é «sr.» e «você.» Ao avô chama-se «paizinho.» Dá-se tambem o nome de «tio» a qualquer individuo desconhecido ou de certa idade.

E' costume muito antigo deixar-se ao filho mais trabalhador a terça parte da herança.

Eis os presentes que em Montalegre é costume oferecer ás pessoas de amizade nas diferentes epocas do ano: Pelo Entrudo: orelheiras, pés de porco, pernicos e chouriços.

No 1.º de novembro: vestuario, lenços, saias, etc.

Pela Pascoa: folar (pão cozido com carne), cabritos, manteiga e ovos.

Pelo S. Martinho: vinho e castanhas.

E pelo Natal: bacalhau, polvo, manteiga e ovos.

---

(1) [Deve ser *nanja*? J. L. de V.].

Ha o costume de presentear o paroco por ocasião das confissões geraes.

Se se diz a alguem que tem um porco ou um bezerro bom, logo responde: «Santo Antonio o guarde» ou «Se Santo Antonio o guardar.»

Em cima do lar, mesmo iminente ao fogo, costuma estar pendurada uma corrente de ferro, a que chamam *gramalheira*, que sustem na extremidade inferior uma caldeira para aquècer água para os usos domesticos.

E' costume deitar-se sal no lume para fazer desaparecer o fumo produzido pela lenha que arde mal.

IV. **Morte e funeraes.**—As mulheres, quando estão de luto por morte dos maridos, tiram os brincos, e cortam o cabelo, deixando apenas á frente uma pequena cabeleira; usam lenço preto e meias rôxas. Os viuvos deixam crescer a barba, pelo menos durante um ano.

Quando morre alguem da casa, é costume tirarem as campainhas ao gado em sinal de luto. Subsiste o habito de o defunto ir para a cova de barba rapada.

No caixão mete-se uma bula, um rosario, e medalhas de santos a cujas confrarias pertencia o morto (Fiães do Rio).

Quando qualquer pessoa está moribunda, é costume tratar logo dos preparativos do enterro, compra de vinho, etc.

O pagamento ao paroco por uma *cabeceira*, ou entêrro de cabeça de casal, varia nas diferentes frèguesias, constando de certo número de alqueires de centeio, em geral 18, alguns arrateis de cêra, geralmente 14, um carneiro que a irmã do padre vai escolher no rebanho e 1500 reis ([1]). O padre que canta a missa recebe 2.500, e os que vão ao oficio de corpo presente 1.000 reis, e levam uma missa a 300 reis. Se se trata de *meia cabeceira*, é a contribuição no centeio reduzida a metade. Se os padres fazem o serviço gratuitamente, é-lhes oferecido o jantar. Os vizinhos que foram com o gado no *dia obito* comem á noite.

Oito dias depois do ofertorio é oferecido um jantar aos homens que conduziram o cadaver, aos que foram chamar os padres, etc.

As pessoas que velam o cadaver tem pão de centeio e vinho. Emquanto o cadaver se conserva na igreja, distribue-se á porta o *carôlo*, que consta de pão e vinho.

([1]) Cf. *Revista Lusitana*, v. 13, pag. 19.

Em algumas freguezias fazem-se ainda os enterros dentro das igrejas, e nestas ha um logar reservado para o paroco.

V. **Vida pastoral e agricola.**—As pessoas e tambem os animaes que foram mordidos por cães *derramados*, é costume leva-los a S. Frutuoso (Montalegre), prometendo-lhe uma ou mais cabeças de gado, e comerem pão depois de terem tocado com êle algumas vezes a imagem do santo.

Todas as vacas teem nomes: Eis os mais usados: *Cuca, Ruda, Galheira, Formosa, Cereja, Dourada, Mourisca, Galanta, Cordeira, Castanha, Pinheira, Briosa, Redonda, Galharda, Cabana, Oliva, Beleza, Burmelha, Goucha, Marela, Laranja.*

Ha nomes mais usados em certas povoações do que noutras.

Perguntando a um lavrador em Outeiro a significação daqueles nomes respondeu-nos:

Briosa, que é opiniosa e *hábel*, que tem brio em tudo o que faz.

Galharda, quando tem as galhas abertas e puxadas.

Cabana, galha decida á frente;

Pinheira, galhas direitas acima e viradas ó fora.

Os bois são designados pelos nomes de *Castanho, Louro, Marelo, Cabano* e *Pisco.*

As cabras tem tambem os nomes de *Pinta, Branca, Marela, Estrela, Mõna, Brava, Franjuda, Côrça, Goucha*, e *Cabana.*

Ha o costume de dar a um animal o nome da terra d'onde veio, e o mesmo acontece com as pessoas.

Os lavradores, quando de noite não ouvem o som das campainhas postas no pescoço das vacas, logo ficam apreensivos por as suporem doentes.

Para afugentar das córtes os ratos, queimam nelas calçado velho e cascos de vitela, e se se trata de afastar as febres dos animaes, faz-se um defumadouro de galhos de carneiro, ruda, fosforos, solas velhas, e alecrim.

No Domingo-Gôrdo costumam os pastores levar comsigo boas merendas e comerem-nas juntos.

E' muito vulgar os pastores usarem capotes de palha (a que chamam *croças,* luvas e polainas. Quando o godalho vem arripiado do monte, diz-se:

De verão bom era,
De inverno nunca t'eu tivera.

(Fiães do Rio).

Em Montalegre, no dia 1.º de Maio, enfeitam as pastoras o

melhor godalho dos seus rebanhos com fitas e flôres, e levam-no pelas ruas da povoação, dizendo, ao som de pandeiro e castanhêtas:

Senhores! aqui se apresenta o bicho godalho,
O grande comedor de lameiros,
O grande saltador d'hortas
Rão tão prão, viva o Maio, viva o godalho!

e quadras como a seguinte:

A Ana das Talhadas
Era uma grande realista:
Os rapazes da vila
Deram-lhe cabo da crista.

Em Cortiços no mesmo dia as pastoras enfeitam o godalho com flores do Monte e fitas de sêda no lombo e na cauda, uma laranja dependurada em cada côrno, na cabeça uma boneca a fiar, e ao pôr do sol conduzem-no para a povoação na frente do respectivo rebanho, guiado por duas pastoras vestidas de branco.

No verão, quando o sol está ao Sul, chamam-lhe «estrela com que o boi môsca.»

Em Vilar de Perdizes os criados tem alimentação, *usos* e soldada. Se são homens, constam os usos, para cada um, de dois pares de calças, tres camisas de linho cru, um par de sócos, e respectivos concertos. Se raparigas, uma saia de burel, uma *saiola,* tres *inaguas,* um par de sócos, dois lenços, e dois pares de meias.

No tempo das segadas é em Barroso costume juntarem-se os vizinhos, e trabalharem em comum (1). Algumas vezes os lavradores contratam gente que anda á geira e constitue ranchos. A geira no verão regula por 500 reis a sêco, no inverno por 360 a 400 reis sêcos.

Nas segadas todos os trabalhadores comem nas casas onde trabalham, regulando a geira dos *atadores* por 550 reis, e a das *seitoiras* por 300 reis a 360 se são homens, 200 a 240 reis se são mulheres.

A alimentação no tempo das segadas consta de pão e vinho, de manhã cêdo, a que chamam *parva;* o almoço ás 8-9 horas consta de carne ou bacalhau com batatas, vinho e *caldote* (caldo). Ao meio dia o jantar é de composição semelhante ao almoço. A merenda é a comida (refeição) mais forte: consta de arroz e carne de duas qualidades (toucinho e cabra ou carneiro), e vinho. A ceia consta de carne com batatas e caldo.

(1) Dos vestigios de comunismo que ainda ha em Barroso trataremos noutro logar.

Ao acabar a malhada da cabeceira do ultimo *eirado*, se o fiador não está presente com o vinho, os malhadores agarram o dôno da casa, deitam-no no *painal* (1) e levam-no em charola em volta da eira, emquanto outros com os malhos no ar vão cantando e fazendo algazarra. Por ultimo, e emquanto não aparece o fiador, deixam-no cair algumas vezes a corpo môrto.

A malhada do ultimo eirado chama-se *do galo*, que os malhadores devem comer na ultima noite, mas que nunca comem.

Em Montalegre é costume dar a cada trabalhador, alem da geira e da alimentação, uma cigarrilha ou um vintem de cigarros.

Antes de se começar qualquer serviço faz-se o sinal da cruz.

Para desmamar os bezerros põem-lhes os lavradores no focinho uma taboinha com pregos.

Nomes dos mezes: *De S. João* (Junho), *de S. Tiago* (Julho), *de S. Miguel* (Outubro), *dos Santos* (Novembro), *de Natal* (Dezembro).

Quando se deitam os ovos a uma galinha, diz-se:

Em louvor de S. Salvador,
Saiam todos frangas e um cantador (ou galador).

Quando a galinha acabou de chocar os ovos, se sucede ficar algum mais atrasado, é costume metê-lo uma mulher no seio a fim de salvar o pintainho. Em Padornélos, quando se deita uma galinha, põe-se sal nos ovos, fazendo uma cruz e dizendo:

Em louvor de S. Amador,
Que saiam todos frangas
Só um cantador.

E quando *tôa* (troveja) e está uma galinha no chôco, deitam *cagalhêtas* de cabras nos ovos para não ficarem *grôlos*. As galinhas deitam-se de modo que em quarta feira de trevas estejam os pintos nascidos. Se os ovos fôrem do mês de Maio, os pintainhos hão de nascer no mesmo mês, e se assim não fôr saem todos tôlos.

E' costume muito arreigado criar-se o gado vacum a meias. Assim um individuo pode comprar uma vaca por 50.000 reis, entrega-a ao lavrador, e a cria que tiver é vendida aos 4 a 5 meses, dividindo-se pelos dois o produto da venda, sendo a vaca propriedade do individuo que a comprou e confiou ao lavrador. Chama-se «andar a vaca a meias». Pode dar-se o caso de o indi-

(1) Lençol que as mulheres manejam durante a malhada.

viduo comprar duas bezerras de 4 a 5 meses, e confiá-las a um lavrador; passados dois anos vendem-se, sendo o lucro dividido pelo proprietario e lavrador. Chama-se a isto «andarem ás medras». Pode ainda dar-se o caso de haver combinação na ocasião da compra, para ao fim de dois anos cada um ficar com a sua vaca, repondo o pensador o custo respectivo. Se o proprietario quiser ficar com a melhor, tem de repôr a diferença entre as duas.

Quando os lavradores se levantam, e vêem o ceo vermelho ao nascente, dizem: *chuva de repente*; se é ao mar; *velhas a sòlhar*.

Quando se vê o arco-iris diz-se:

Arco da Velha,
Vai-te deitar,
Que as moças novas
Querem-te capar
ou
Vão-te capar.

Em Vilar de Perdizes dizem:

Arco da Velha,
Vai-te deitar,
Que dizem as moças
Que t'hão de capar.

Arco da Velha
De ponta
Marinheiro
De pé.

Em Fiães do Rio diz-se que o arco-irís tem um pinto na ponta que pousa no chão.

VI. **Casamento.**—Na manhã do dia de noivado, o noivo, acompanhado dos seus amigos, dirige-se a casa da noiva, que está rodeada pelas suas amigas, vestidas de trajos domingueiros, e com aneis e grossos cordões de ouro, em geral pertencentes a outras pessoas. Depois o noivo, acompanhado da sua comitiva, sai de casa da noiva para um dos extremos da povoação a esperar os cantadores que tem sido prèviamente contratados. Chegados estes, organiza-se um cortejo, cantando os cantadores ao som de harmonicos e rabecas, e dirigindo-se a casa da noiva; logo que ali chegam, um deles acompanha o noivo até á corôa da escaleira, cantando em cada degrau uma cantiga como as seguintes:

Adeus ó vida da minha vida!
Aqui chegou o prègador,
O vinho já o cá temos
Sáia a noiva com a flôr.

O' vida da minha vida,
Tambem o guardar é bô:
O chapeo que leva a noiva
Era do pai do avô.

Anda, Rosairinha, anda,
Vem descendo a escaleira,
Diz adeus á tua mãe,
E á vidinha de solteira.

A vidinha de solteira,
Esse tempo já lá vai!
Diz adeus á tua mãe,
Juntamente com teu pai.

Anda, Rosairinha, anda,
Vem descendo cá p'r'ó estrado:
D'aqui a nove meses
Teremos um bàtizado.

Uma das pessoas de mais consideração, das que acompanham o noivo, bate á porta do sobrado, e perguntando-se-lhe de dentro: *Quem é?*—Responde: *Gente de paz.*—*Que pretende? Gente, honra e fazenda.* Torna-se de dentro: *Entre, que tudo encontrará;* ao mesmo tempo que se abre a porta, atirando então a noiva com um lenço ao noivo. Os noivos pedem a seguir a benção aos pais, fazendo a mãe da noiva uma choradeira a que chamam *fazer o pranto.*

Organiza-se depois o cortejo nupcial, indo na frente a noiva seguida pelas suas amigas que conduzem saquinhos com confeitos e amendoas, e a seguir o noivo com a sua comitiva, dirigindo-se todos á porta do adro, onde passam debaixo de um arquinho feito de era, fitas brancas e encarnadas, flôres artificiaes, e uma laranja pendurada. Emquanto o cortejo se dirige para a igreja, alguns amigos dos noivos dão tiros para o ar nas ruas transversaes da povoação ([1]). Chegado o cortejo á igreja, onde os noivos pouco antes se confessaram e comungaram, ouvem todos ali uma missa, ficando durante ela o noivo do lado superior do arco da igreja, e a noiva um pouco mais abaixo. Depois da missa o padrinho conduz a cruz que está na sacristia, e coloca-se debaixo do arco, ficando o noivo á sua direita e a seguir a noiva e a madrinha.

Efectuado o casamento cai sobre os noivos grande aguaceiro de confeitos, depois do que se dirigem a casa dos pais da noiva onde os espera uma abundante bôda, no fim da qual chegam varias pessoas com presentes oferecidos á esposada, constantes de *ramos*, que são delgadas hastes de madeira cobertas com papel de côr e com flôres suspensas e doces dispostos em forma piramidal.

Um dos ramos é sempre oferecido pela madrinha, e no oferecimento dizem-se versos como estes:

Aqui tem este raminho,
Da minha mão delicada:
Se algum dia foi solteira,
Agora está casada.

Aqui tem este raminho,
Da minha mão se lhe oferece:
Num é como eu quero,
Nim como a senhora merece.

Aceite este raminho,
Por vir da mão de quem vem:
Eu não era merecedora,
D'alcançar tão rico bem.

([1]) Em 1 de Junho de 1874 houve um casamento na povoação de Penedónes, consumindo-se na bôda 4 vitelas e 3 pipas de vinho, e deram-se salvas durante oito dias, nas quaes se gastaram 400 kilos de polvora.

Os cantadores indicam então por meio de cantigas o numero de doces que as pessoas presentes, começando pelas de mais respeitabilidade, devem tirar, continuando os descantes e danças até alta noite.

Se a noiva tiver alguma mancha, não ha tiros nem ramos.

As raparigas que assistem ao casamento, a fim de casarem depressa, vão disfarçadamente para trás duma porta, e ali comem tres amendoas com a perna direita no ar.

VII. **Vária**. — Os nomes dos dedos das mãos são os seguintes: *Mendinho, seu vizinho, maior de todos, fura-bolos* e *pai de todos* (Montalegre); *Mendinho, redondinho, pai de todos, fura-bolos* e *mata-piolhos* (Pitões); *Mendinho, rosmaninho, pai de todos, fura-bolos* e *mata-piolhos* (Fiães do Rio); *Mendinho, fernandinho, pai de todos, fura-bolos* e *mata-piolhos* (Tourem); *Mendinho, segundinho, terceiro, quarto* e *polegar. Mendinho*, este diz que adivinha, este diz *que quer pão*, este diz *que se vá roubar*, este diz *alto lá* (Cortiços); *Mendinho, seu vizinho, pai de todos, fura-bolos, mata-piolhos.* Dedo *mendinho*, este *vai á lenha*, este *vai ós ovos*, este *frita-os*, e este *come-os* (Pedroso).

Quando se pergunta a alguem se tem cara de ladrão, êle logo responde: «ladrão não sou, mas cara de ladrão tenho, e tu teos cara de burro»; ou: «Mais vale ter cara de ladrão que de burro».

O 1.º de Abril é o dia dos enganos.

Ás raparigas que andam a aprender a costurar costuma dizer-se-lhes que fazem calças para o cuco, e que se as não fazem, êle vem e tira-lhes os olhos. «Vai pôr as calças ao cuco num carvalho» (Pitões).

Quantas vezes o cuco repetir o canto, tantos anos faltam a uma pessoa para se casar. Por isso os moços, ao ouvirem o cuco, costumam dizer:

Cuco de Maio, quantos anos
Cuco de Aveiro, me dás de solteiro?

Quando ouvem cantar o cuco pela primeira vez, dizem alguns: «Este ano já não morro sem ouvir cantar o cuco», e se anda em jejum: «Aquele apanhou-me em jejum».

Quando ouvem cantar a *parpalhaça* (codorniz), contam os gritos, e quantos ela der, tantos tostões custa o alqueire do pão nesse ano.

Em geral ha em cada povoação um calvario, um cruzeiro e

um relogio de pedra que marca as horas por meio da sombra da faca (ponteiro fixo).

Quando um rapaz tira um dente, deita-o ao lume e diz:

Dente fóra, dente fóra,
... na cova.

Em Pitões atiram-no para tras a fim de nascer outro.

No dia de S. Martinho é costume reunirem-se varios individuos e levarem para o monte castanhas e vinho. O que mais se embriagar fica «Juiz de S. Martinho», e faz-se gala em adquirir aquela classificação. No final da patuscada gritam: «Viva S. Martinho, a cabaça e ó vinho».

Em Montalegre as farmácias estão abertas só de manhã. No resto do dia, quando alguem precisa de algum medicamento, vai chamar o farmaceutico a casa.

Em Fiães do Rio põem os taberneiros á porta um ramo de louro.

Quando uma rapariga não é honesta, os rapazes agarram-na e metem-na num pôço. Procede-se do mesmo modo com algum rapaz extranho á povoação e que ali vai falar com alguma rapariga. Só o largam depois que êle promete «pagar o vinho».

Quando casa uma rapariga não virgem ou viuva, põem-lhe á porta, na vespera do casamento, cornos e chocalhos, e por meio duma buzina de chifre dirigem insolencias aos noivos. (Cortiços).

Nas vesperas de S. João e S. Pedro trancam-se as ruas com cancelas, portas, arados, etc. (Cortiços).

Ha o costume de irem buscar a casa extranha algumas brasas acesas para acender o lume.

No meio da Quaresma faz o rapazio a chamada *serração da velha*, e para isso arranjam uma panela de barro, colocam-lhe na bôca uma pele e ao meio quatro sedas de cauda de cavalo unidas a um pauzito que produz um som especial. Dirigindo-se ás portas das velhas dizem, fingindo chorar: « Minha menina, deixa os teus netinhos».

Em Tourem os rapazes levam de dia para fóra da povoação um boneco de palha que representa uma velha, e vão dizendo em cantilena: «Ó minha velhinha», ao mesmo tempo que fazem barulho com *roncas* e chocalhos. De noite *atrancam* cordas nos caminhos. Em Fiães do Rio levam os rapazes um serrão de pau e um cortiço ás portas das velhas e gritam:

— Ó minha avòzinha!
— Que é lá isso?
— Venha a velha
P'ró cortiço.

Em Pitões com um cortiço e uma serra de madeira fazem que serram, e fingindo que choram dizem:

Ó minha avòzinha,
Tanta tigela de papas me deste!

VII. — CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

1 — No 1.º de Janeiro levantam-se cedo e lavam-se bem, para começarem bem o ano, e não terem preguiça durante êle.

É bom lavar-se uma pessoa na manhã de S. João antes de nacer o sol, mas fóra de casa, em agua que tenha sido orvalhada.

Á meia-noite, em ponto, de S. João as raparigas deitam um ovo num copo d'agua para no dia seguinte verem a sorte que no futuro as espera. Ao deitarem o ovo dizem:

S. João de Deus amado,
S. João de Deus querido,
Deparai-me a minha sorte
Neste copinho de vidro,
ou
Que Deus me tem prometido.

ou
Está meia-noite a dar,
E eu a minha sorte a deitar,
Para vêr o que Deus tem
Para me dar.

Tambem na mesma noite põem tres favas atrás do cantaro, uma com casca, outra sem ela, e outra só com metade da casca. De manhã vão com os olhos fechados tirar uma á sorte: se vier a que tem casca inteira, é sinal de casarem bem; se for a que estiver meia despida (meia casca), nem bem nem mal; se a que não tem casca, casam mal.

Tambem na noite de S. João e na de S. Pedro as raparigas batem ás portas de nove casas diferentes, mas não devem falar com ninguem. No dia seguinte antes do nacer do sol põem-se á janela, e é com o primeiro rapaz que virem que devem casar, ou com pessoa parecida.

2 — Quando uma galinha canta de galo, deitam-na no dia seguinte fóra por uma janela das traseiras da casa, com a cabeça dela voltada para dentro e dizem:

Trista com trista,
D'órredor da minha casa
S. João Batista!
Trista com trista,
D'órredor de tudo quanto é meu
S. João Batista!
Trista com trista,
D'òrredor desta vila toda
S. João Batista!
(Montalegre).

Tambem ha quem a coma e ao degola-la diga:

Sorte com má sorte
Por ti venha a morte. (Montalegre).

Em Cervos *escorricham-na* e dizem:

O que tu adivinhas
Por ti te venha.

Em Pitões, mal ouvem uma galinha cantar de galo, deitam-na fora por uma janela dizendo:

Boa sorte, ruim sorte,
Por tí venha a morte!

Em Covêlo do Gerez matam-na ou vendem-na, gastando o dinheiro em calçado.

Galo que canta fóra de horas, é sinal de mau agouro.

Quando se compra uma galinha, passa-se em cruz por cima do lume, e diz-se:

Irás e virás,
E para casa tornarás.

3 — O umbigo duma criança é guardado para que os ratos o não comam, e a criança não saia ladra como eles. Em Cervos queimam-no. A envide deve deixar-se maior aos rapazes que ás raparigas. As parteiras dizem: «É macho, deixa-se-lhe a *embide* maior».

4 — Uma mulher gravida não pode passar por baixo de corda que prenda um animal, porque lhe vem as *libres* (¹) ao pescoço, e abafam a criança ao nascer; não póde passar por baixo duma roseira, para a criança não nascer com sinais no corpo; não deve tocar no baço de qualquer animal, para a criança não nascer escura; não deve comer polvo, para não ter um bicho em vez duma criança; não deve cheirar uma flor, para que a criança não traga algum sinal; não deve ir ao pé doutra que esteja com as dôres do parto, para que não lhe venham as mesmas dôres; não póde ir a um batizado, porque lhe morre a criança que vai batizar ou a sua.

Uma mulher com criança de peito, sempre que sai de casa para vêr um defunto, deve levar pão e sal, para não dar á criança o ar do defunto.

No quarto da parturiente deve estar acesa uma candeia de azeite emquanto a criança não é bàtizada.

Uma criança que já fale não deve beijar outra de berço, porque pode perder a fala.

(¹) No vocabulario barrosão que publicarei na *Rev. Lusitana* se explicará esta e outras palavras.

Quando as crianças nascem com as mãos abertas, serão francas; no caso contrario, agarradas ou sovinas.

As raparigas que nascem de bruços não terão filhos.

Não é bom uma pessoa negar-se quando é convidada pela primeira vez para apadrinhar uma criança. Fica mal bàtizada a criança, se os padrinhos se enganarem no credo. As crianças bàtizadas ao morrerem, vão directamente para o ceo, onde pedem primeiro pelos padrinhos e depois pelos pais. Se tiverem mamado na mãe, passam pelo fumo do purgatorio.

Quando uma mulher pare uma criança morta, para sé não repetir este sucesso, deve ir á ponte da Misarela munida dum pucaro com que se colhe a agua para a criança ainda no ventre ser bàtizada pela primeira pessoa que ali passar, nem que seja um pobre do fôrno [1], á meia-noite. Quando uma criança tem rutura, levam-no á Misarela, bàtizam-na lá tres pessoas, e fazem-na passar tres vezes por uma fenda aberta num carvalho *berinho*, depois do que ligam a ferida que depois vai fechando á medida que vai ligando a arvore. O Diabo fez a ponte da Misarela numa noite, por aposta que perdeu, pois ainda lá se vê uma pedra por colocar no seu logar. Depois de feita, ninguem podia passar nela por causa do Diabo, mas um padre que ia passando para dizer missa tirou do bolso uma laranja e atirou-a pela ponte adiante, fazendo-o fugir [2].

Uma mulher parida deve, ao acabar de beber, deitar fóra uma pinga do liquido, a fim de que outra tambem parida, se beber o resto, não lhe leve o leite (Cortiços). Para fazer secar o leite a uma mulher, deve qualquer fêmea comer-lhe os restos da comida, e para o fazer voltar deve a louça em que comer ser dada a lamber ao mesmo animal e comer-se o resto que êle deixou (Pitões). Para que seque o leite ás mulheres que andam a criar, faz-se qualquer das seguintes coisas: põe-se nos seios um lenço de bolso sujo que tivesse sido usado por um homem; espremem-se os seios de modo que o leite caia nas cinzas da lareira; cheira-se ou esfrega-se o peito com ruda; tambem é bom pôr entre os peitos um pente. Se o leite secar a uma mulher, para lhe voltar, tem de ir lavar com vinho ou leite os pés de S. Mamede, em

---

(1) [Em algumas terras do Norte, quando se está a cozer o pão no fôrno, e chega um pobre que pede esmola, é da praxe dar-lhe um pedacinho de pão, porque o contrário seria pecado. Refere-se a isto a expressão *pobre do fôrno* que figura no texto?—J. L. de V.].

(2) Á lenda da ponte da Misarela se refere Leite de Vasconcellos nos *Ensaios Ethnographicos*, II, 65, e I. de Vilhena Barbosa num artigo publicado no *Commercio do Porto*, Novembro de (?)

Cambêses, e bebê-lo depois. Uma fêmea parida rouba o leite a uma mulher, se comer os seus sobejos ou lamber a louça em que esta acabou de comer; e para o fazer voltar, tem de comer um bocado de pão passado pela baba dum animal.

Quando cai leite ao chão, não se deve cuspir nêle, para que não seque á fêmea.

Quando uma vaca está parida, não se deve dar o leite dela sem uma pedrinha de sal para que não lhe fuja (Cortiços).

Quando uma mulher anda a dar leite a uma criança e tem uma *dada*, benze-a, fazendo com a criança uma cruz sobre o peito dizendo:

Dois t'a deram,
Tres t'a tiraram,
Com as pessoas da Santissima Trindade,
Padre, Filho e Espirito Santo.

Esta operação deve ser feita durante tres dias, e tres vezes em cada um (Cortiços).

Quando nasce uma criança, é bom mostra-la á lua durante tres noites dizendo:

Lua, luar,
Deste-me um filho,
Ajudai-m'o a criar
P. N. e A. M.
(Cortiços).

Não se deve mostrar ao espelho uma criança que ainda não fala, porque isso lhe retarda o falar.

Se alguem saltar por cima duma criança, tem de tornar a *salva-la* para que cresça.

Não é bom cortar as unhas e o cabelo ás crianças emquanto não falam.

Até aos dois anos as mães cortam com os dentes as unhas das crianças.

A primeira camisa que é vestida a uma criança, é guardada para com ela a poderem defumar, se algum dia tiver gôta.

Quando dá um ataque a uma criança, é bom tirar-lhe a camisa e queimar-lha.

É sinal de morte ter a criança recemnacida uma veia azulada a aparecer no nariz.

Quando uma criança é *aluada*, corta-se uma moeda de 100 reis, e prende-se-lhe ao pulso esquerdo.

Quando as crianças teem o sono trocado, dormindo de dia em logar de o fazerem de noite, é bom pôr-lhes a roupa na bôca do cantaro.

Não se deixa sair cousa alguma para fóra de casa, quando nela ha uma criança por bàtizar, a fim de que não saia ladra (Padornelos). Quando ha uma criança por bàtizar não se deve deixar sair lume de casa (Cortiços).

Para matar as bichas a uma criança, cortando-lhes a cabeça, deita-se-lhe *feluge* nas cruzes e raspa-se depois com uma navalha de barba.

A mulher menstruada não deve tocar na carne que está no sal, no leite destinado a manteiga, etc. Se olha para um relogio, fá-lo parar.

Não é bom pisar o sangue da menstruação.

As mulheres a quem falta a menstruação defumam-se com pênas de perdiz.

Ás crianças durante uma ou duas horas depois de bàtizadas, não se deve dar de mamar, para que, se algum dia cairem á agua, dêem tempo que chegue alguem que as livre de morrerem afogadas.

5. — Quando ha bruxaria em casa, em qualquer pessoa ou objecto, ou quando se sai de casa com o gado para venda, deve este ser benzido com a fralda duma camisa suja de um homem.

Se algum animal domestico tem parto dificil, procura-se um homem para deitar a fralda de fóra.

Por causa das Bruxas é bom trazer no bolso um anel, agulha ou canivete, de aço. As Bruxas de noite disfarçam-se em animais. Deus tem mais poder que as Bruxas. As Bruxas entram pelas fechaduras. As Bruxas, se forem feridas, transformam-se em pessoas. Emquanto uma criança não é bàtizada, é bom pôr debaixo do travesseiro uma tesoura aberta por causa das Bruxas, que fogem do aço. Para afugentar as Bruxas, prende-se numa casa do colete uma cruz de ruda, e põe-se ás vezes ao pescoço das vacas. (Pitões). Uma ferradura colocada na face exterior da porta da cosinha, afugenta as Bruxas (Pitões).

Para curar o mau olhado que alguem por inveja deitasse a um animal, é bom esfrega-lo com uma carapuça, camisa, carpim do pé esquerdo d'um homem ou ceroulas sujas.

As casas de comercio, para evitarem o mau olhado e a bruxaria, teem uma ferradura de cavalo na face interior d'uma porta. Ha de ter sido achada, e tem melhor virtude, se o tiver sido em jejum. Tambem se usa para o mesmo fim um par de cornos de carneiro preto colocados num buraco do interior da casa.

Tambem para combater o mau olhado é bom trazer no bolso uma *alha* (alho sem dentes).

Quando dá um mau ar numa pessoa, deve ser defumada com hervas bentas, e as cinzas deitadas numa encruzilhada, mas a pessoa que lá as levar não deve ter medo, nem olhar para trás depois que as deitar no chão.

Se aparecer á porta de casa uma bica de manteiga, foi ali posta por Bruxa que deseja mal na *fazenda, perca* em casa, doença, etc. Se se cardar muito com uma carda de cardar a lã até se desfazer, aparece no dia seguinte a cara da pessoa que pôs a manteiga ao pé da porta toda *crivada* (cheia de feridas). (Padornélos).

Para afugentar as Bruxas deve dizer-se:

Por cima de carvalhelhos (1)
E por baixo de silvaredos.

Uma Bruxa, para morrer, tem de passar o novelo a outra.

Quando se encontra uma Bruxa, para a fazer fugir, deve dizer-se:

Tu és ferro,
Eu sou aço;
Tu és Bruxa,
Eu t'embaço.
Primeiro me *biu* Deus a mim
E á pata (2) que te pariu a ti.

Na vespera de S. João metem-se nos buracos das fechaduras e das janelas ramos de sabugueiro para não entrarem as Bruxas que naquela noite andam á solta.

Quando o lume *espirra*, é bruxaria e sinal de que alguem está a falar mal da casa. Deita-se-lhe então sal e diz-se:

«Anda, fala agora».

No dia seguinte aparecem arrebentados os labios do maldizente.

Quem tiver uma cruz na palma da mão está livre de Bruxas.

6. — Os eczemas que aparecem no corpo são atribuidos ao *côxo*.

Mão que mata toupeira fica com virtude para talhar o *côxo*.

A toupeira trocou os olhos pelo rabo do sapo. Este, vendo-se perseguido, ourina para o perseguidor, e se a ourina lhe chega aos olhos, fica com o *coxo*.

Quando se atira uma pedra a um sapo, deve fechar-se a boca.

Quando se dobra uma camisa que acabou de ser lavada e sêca, cospe-se-lhe tres vezes para matar o *coxo*, e diz-se:

Côxo lembrado
Não é pegado.

(1) [*Carvalhêdos?* — J. L. de V. (2) Eufemismo.

Para cortar o *côxo*, queima-se palha dos alhos e deita-se a cinza em azeite com que se untam as feridas. A pessoa que fizer a operação deve estar em jejum, cuspir para o chão uma vez, e depois tres vezes nas feridas (Cortiços).

Em Pitões deita-se azeite numa malga com saramago e molhando nêle a galha duma vassoura diz-se:

> *Côxo* e *recôxo*, vai-te d'aqui;
> Vassoira do lar anda atrás de ti.
> Pela graça de Deus e da Virgem Maria
> P. N. e A. M.

Para curar a *cochicha* (doença no pescoço) deve-se dormir com a cabeça sobre uma molhelha.

Para fazer mudar uma doença d'uma para outra povoação, vai-se lá lavar a roupa d'um doente.

Quando a alguem aparece uma nevoa num olho, deve a primeira pessoa que a viu chegar-lhe o sangue duma picadela do seu dedo mendinho da mão direita. É condição essencial ser feita a operação pela primeira pessoa que a vir (Cortiços).

Para curar a *triz* (ictericia) deve-se tomar durante nove dias um ovo quente com tres piolhos vivos. Para curar a mesma doença pode-se ainda fazer o seguinte: ourinar durante nove dias ao pé de certa planta á margem dum rio, ou ourinar em jejum, e durante nove dias, numa vasilha de ferro, e pondo-a depois ao lume, assistir á evaporação.

Para curar a doença imaginaria chamada *espinhela cahida*, deve o paciente deitar as mãos a uma trave e suspender o corpo tres vezes. Ha outra receita que consiste em uma pessoa puxar por um dos dedos polegares do doente e ao mesmo tempo untar com azeite a parte do pulso correspondente a uma veia. Se esta der um estalido, está curada a espinhela. Tambem se usa o seguinte: a mézinheira passa com um pé nas cruzes da doente que está deitada de bruços, e depois de se levantar suspende-a tres vezes. Esta operação faz-se durante tres dias consecutivos.

A quem se solta o sangue pelo nariz ou dá o mal da gota é bom pôr nas costas uma cruz de palha sem que êle o saiba.

Para fazer passar os soluços a alguem deve-se-lhe meter um susto, ou deve a pessoa que os tem engulir tres vezes o *xupo* sem tomar respiração.

7. — Os raios quando caem enterram-se sete metros na terra e vão subindo um metro por ano; findos os sete anos, o raio está á superficie sob a forma de uma pedrinha polida e aguçada,

que leva para casa quem a encontrar, por trazer felicidade e guardar das trovoadas.

Ter imagens de gesso em casa é sinal de infelicidade.

7-A. — Dizem que os lobos só tem uma tripa.

8. — Quando a candeia se conserva quasi apagada e com morrão, é sinal de sofrimento das almas do purgatorio. Quando a candeia *espirra* muito, é sinal de falatório (Padornélos).

Borboleta branca em volta da luz, é sinal de carta, boas noticias.

Em Pitões borboleta em volta da luz, não se lhe faz mal, porque é uma alminha.

Não é bom haver dois *lumes* (lares) na mesma casa.

Quem cospe no fogo é judeu, e quem brinca ou ourina no lume ourina na cama.

Quando cai o murrão da candeia, é sinal de presente ou visita.

As crianças que morrem sem batismo vêem o morrão de candeia depois que os pais a apagam (Cortiços).

De noite aparecem luzes azuladas, que são *alminhas a penar.* Quando passam pela gente parece que vão a bufar e nos carvalhidos dizem suavemente: Restitui, restitui! (Cortiços).

Em alguns sitios aparecem luzes, que são alminhas a cumprir promessas.

Ao pé do lume não se deve falar em ninhos, porque vão lá as formigas.

Quem bebe com a candeia na mão, bebe o juizo.

9. — Na noite de Natal fica a mesa posta porque as alminhas vão lá comer as migalhas.

Não se dá o fermento depois do pôr do sol, por ser mau agouro.

A quem emprestar o fermento depois do pôr do sol vão-lhe os filhos todos para a vida militar (Padornélos).

É grande pecado ter o pão de costas para baixo; e é sinal de ladrões em casa.

As crianças, que comem a massa (farinha amassada), tornam-se muito faladoras.

Comer o primeiro bocado que se tira dum pão é sinal de casar cedo.

10. — Se alguem engulir um cabelo de mulher, nasce-lhe uma cobra no estomago; metido na agua, transforma-se tambem em cobra.

De cada cabêlo branco que se arranca, nacem muitos mais.

Como o homem dorme mais voltado para o lado direito, tambem dêsse lado na cabeça nascem mais cabelos brancos (Cortiços).

11. — Em Cabril ha certos penedos inacessiveis e arredondados aos quaes as raparigas atiram pedras, que se lá ficam, são sinal de que se casam.

Em Paradela ha tambem um daqueles penedos, a que as raparigas atíram pedras com o pé direito.

Não se deve casar ás terças e sexta-feiras, nem no Entrudo e na Pascoa.

Unhas com pintas brancas são sinal de tantos amores quantas as pintas.

Puxando os dedos das mãos, quantos estalidos derem, tantos amores se têm.

Chover nas bodas é sinal seguro de felicidade.

Quando um dos namorados oferece um lenço ao outro, é sinal de findar o namoro.

Quando se empresta uma vassoura d'uma casa para a outra, é sinal de se juntarem os casaes.

Para fazer sair de casa alguem de quem se não gosta põe-se atrás duma porta uma vassoura com a *fronça* (rama) voltada para cima, tendo antes disso batido com ela tres vezes no chão (Padornélos).

Varrer á noite a casa para a rua é deitar fora a fortuna.

12. — Não se deve fazer a barba á terça-feira, porque anda o Diabo á solta, nem á sexta, porque nesse dia a fizeram os judeus a Nosso Senhor.

Quando se volta um banco de pernas para o ar, anda o Diabo em casa.

No dia de S. Bartolomeu anda o Diabo á solta.

13. — Se duas pessoas bebem ao mesmo tempo num pôço, uma bebe sangue e a outra *materia*.

Se num rego de agua bebem duas pessoas símultaneamente, morre a de baixo.

Á meza duas pessoas que bebam ao mesmo tempo podem tambem morrer simultaneamente.

Em se abrindo ao mesmo tempo a boca a duas pessoas, hão de ser compadres.

Quando a alguem se abre a boca, faz na sua frente cruzes com o polegar da mão direita.

14. — Comer a ponta da lingoa do porco é sinal de falar muito.

Porco morto em mingoante encolhe na panela.

Comer tromba de porco faz quebrar a louça.

Não se devem matar porcos por ocasião da lua-nova ou quarto-mingoante, para não mingar a carne.

Quantas estrelas se contarem, tantos cravos nascem nas mãos.

Vêem-se os quartos da lua olhando-se para ela pelo pano (fundo) duma peneira.

O sol atirou á lua com uma mão cheia de cinza, e a lua atirou-lhe com um agulheiro de agulhas. — Complete-se esta lenda com o que diz Leite de Vasconcellos na *Trad. pop. de Portugal*, §§ 7-9.

15. — Andar para trás é ensinar o caminho ao Diabo.

Se a orelha direita está quente, estão a falar bem de nós; se a esquerda, estão a falar mal. Sendo a parte inferior, é mulher; a superior indica homem.

Deve-se dar esmola ao primeiro pobre do dia. Não é bom dar esmola do *meio-dia p'ra cima* (isto é, depois do meio-dia). É sinal de pobreza.

Quando cai a tesoura, é sinal de carta.

Oferecendo-se algum objecto, se este cai ao chão, é porque foi dado de má vontade.

Achar uma agulha é sinal de miseria.

Não é bom falar quando uma porta bate com o vento.

O dedo mendinho faz-se crêr ás crianças que tem o poder de adivinhar.

Sobrancelhas unidas, sinal de larapio.

Dentes *ralos*, mentiroso.

Para se tirar um argueiro dum olho deve esfregar-se atrás da orelha do mesmo lado.

Fazendo uma cruz com saliva no braço ou pé dormente, logo êle melhora.

As mães dizem aos filhos, quando vão para a vida militar, para um emprêgo, etc., que entrem com o pé direito.

16. — Não se deve levar para casa a pele da cobra; por ser sinal de questões judiciaes.

A pele da cobra é boa para curar a tosse aos animaes.

Piar de coruja ou de môcho, uivar de cão, corvo a grasnar, são sinais de mortorio (morte).

Entrar em casa um bezouro negro ou uma *vêspera*, borboleta preta em volta da luz, quebrar um vidro ou espelho, entornar azeite, são sinaes de mau agouro.

Crê-se que os animaes falavam no principio do mundo.

Dia de S. José chegam as andorinhas.

O cuco chega a 10 de abril e retira a 10 de junho, porque não quer vêr os *medouchos*.

O cuco vai comer os ovos ao ninho do *chasco*, e deposita lá os seus.

Vinho entornado na mesa é sinal de alegria.

Não é bom ter dó quando se vê matar algum animal, para não lhe custar muito a morte.

Os lagartos são amigos dos homens e inimigos das mulheres. Com as cobras sucede o contrario.

É benta a lingoa dos cães, e cura as feridas que ela lamber.

Uma ferida deve vedar-se com teia de aranha para sarar mais depressa.

Se um caçador encontra um môcho, é «galinhaço», isto é, mau agouro.

Quando se passa pelo espojadoiro dum burro ou dum cão, deve-se cuspir tres vezes.

As cobras vão mamar nas vacas que ficam de noite no monte (Pitões).

Mordedura de cobra á sexta-feira não tem cura.

Pessoa mordida por cão *derramado* (danado) vê um cão na agua.

17. — Sinaes de chuva: entrarem muitas moscas em casa; aparecerem salamandras e *sapinhas;* catarem-se as galinhas; juntarem-se os pardaes, e doerem os calos.

De bom tempo: espirros de bode.

18. — Sinaes de fortuna ou dinheiro fresco (estar para vir): pulga na palma da mão esquerda; ourinar cão á porta; petiscar um fosforo, ardendo toda a massa, sem se acender o pavio.

19. — Creem que já houve dinheiro de sola. — Cfr. Leite de Vasconcellos, *Elencho das lições de Numismatica*, I, 18, nota 3.

20. — Dizem que não ha ninguem no mundo que ouça uma missa com verdadeira atenção, e que se salvará quem a ouvir com atenção completa e perfeita.

Quando na igreja cheira muito a cera, ou quando os sinos *tocam com paixão*, é sinal de morte.

É ato de piedade deitar-se uma mão de terra por ocasião de alguem se enterrar.

Quando a terra sobe na sepultura, é sinal de que a alma foi para o ceo.

A S. Miguel deu Nosso Senhor a balança para pesar as almas no Ceo.

Os fogos-fatuos pensa o povo que são *alminhas* do outro mundo.

21. — Quando alguem tem um pesadelo atribue-o ao Trasgo, e diz que se volta a «pestana» do figado (Montalegre).

Em Pitões diz-se que é o Tardo (1).

Pôr as meias á cabeceira da cama faz sonhar muito.

Os sonhos tem a seguinte significação:

Ovos	contos, intrigas.
Galinhas	pênas (desgostos) e prejuizos.
Ajuntamentos	morte.
Que caiu um dente	morte em parente.
Dinheiro em prata	fortuna.
» » cobre	desgosto.
Uvas brancas	lagrimas.
» pretas	letras (cartas).
Aguas claras e roupa lavada	fortuna.
Defunto	é para se lhe rezar por alma.
Santos	satisfação.
Cobras	vida arrastada.
Piolhos	miseria.
Carvão	dinheiro.
Que pessoa viva está morta	dobra-lhe a vida.
Ouro	«fézes» (desilusões).
Carne fresca	morte na familia.

22. — Na primeira sexta-feira de março é bom as mulheres irem junto duma silva-macha, e, cortando as pontas das tranças, atarem-nas a um ramo, dizendo:

Eu prendo aqui o meu cabelo
P'ra crecer tanto como esta silva.
Com a graça de Deus e da Virgem Maria
P. N. e A. M.

Consoante cresce a silva, assim cresce o cabelo (Padornélos).

23. — Crê-se que se o sangue de pessoa assassinada cair numa pedra, nunca mais sai.

VIII. — ENSALMOS

1. — Para tirar o *argueiro* dum olho:

Corre, corre, cavaleiro,
Tira-me este argueiro
Que aí vem Nossa Senhora,
Que m'o tirará primeiro.

(1) *Tradições populares de Portugal*, do snr. dr. J. Leite de Vasconcellos, p. 292.

Deve dizer-se tres vezes.

2. — Para passar o terçol ao vizinho fazem uma grande fogueira, por cima da qual a pessoa que o tem passa a cara varias vezes, dizendo em voz alta:

Agua, agua,
Qu'arde a casa do triçol!

Depois desfaz-se a fogueira ás pedradas.

3. — Para afugentar o nevoeiro:

Nevoeiro, nevoeiro,
Vai p'ra trás daquele outeiro,
Que lá está o teu tio
A comer um bom carneiro.

4. — Para fazer desaparecer o *farafalho* (borbulhas na lingoa) a uma criança, leva-a uma mulher durante tres dias, e em cada um a tres fontes diferentes, em cada uma das quaes molha um pano vermelho que contenha dentro tres pedrinhas de sal, passa-o pelos labios da criança, e, atirando-o para as costas, diz:

Farafalho, vai-te d'aqui;
O paninho vermelho vai atrás de ti.
Pela graça de Deus e da Virgem Maria
P. N. e A. M.

Em cada fonte deixa um pano, e deve regressar por caminho diferente, não falando com ninguem, nem olhando para traz.

5. — Para talhar a *zipéla* diz-se, ao mesmo tempo que se fazem cruzes com uma faca diante do rosto do padecente:

Faca que cortas a carne e o pão,
Corta este zipelo, zipela e zipelão,
Pela graça de Deus e da Virgem Maria.
P. N. e A. M.

Ha tambem a seguinte oração, que deve dizer-se tres vezes ao dia:

Pedro-Paulo (1) foi a Roma,
Pedro-Paulo veio de Roma,
Jesus Christo encontrou:
— Que vai lá, Pedro-Paulo?
— Muita zipela e zipelão.
— Torna lá, Pedro-Paulo, e corta-a.
— Com quê, Senhor?
— Com corda de esparto,
Pena de galinha,
Raminho de oliveira.
Esta zipela, zipelão
Nunca mais lavraria.
Aqui te acerco,
Aqui te arrodeio
P'ra vir bem e amor
Como vem as cinco chagas
De Nosso Senhor.
Pela graça de Deus e da Virgem Maria
P. N. e A. M.

(1) Acerca d'esta expressão, vid. Leite de Vasconcellos, *Lições de Philologia*, pag. 315.

6. — Para talhar o *côxo* diz-se a seguinte oração tres vezes ao dia:

Rata, ratão,
Cobra, cobrão,
Sapo, sapão,
Aranha, aranhão,
Bicho de toda a nação,
Tudo corto.
Aqui te acerco,
Aqui te arrodeio,
P'ra vir bem e amor,
Como vem as cinco chagas
De Deus Nosso Senhor.
Pela graça de Deus e da Virgem Maria
P. N. e A. M.

Se a oração apanhar os quartos da lua, abate logo o *côxo*.

7. — Para cortar o *fogo ardente* (inchação e erupção da pele no tempo das segadas):

— Onde vais, S. Belentino?
— Senhor, ao fogo ardente vou fugindo,
De morte me vai perseguindo.
— Torna atrás, S. Belentino, e corta.
— Com quê, Senhor?
— Com nove galhinhas de gesta negral,
Nove pedrinhas de sal,
Nove paninhos vermelhos.
Aqui te acerco,
Aqui te arrodeio,
P'ra vir bem e amor,
Como vem as cinco chagas
De Deus Nosso Senhor.
P. N. e A. M.

Deve ser rezada durante tres dias, e, em cada um, tres vezes. Quem está a benzer deve atirar para trás com uma das galhinhas, das pedrinhas e dos paninhos.

8. — Para fazer com que o caracol deite os corninhos de fora, dizem os rapazes:

Caracol, col, col,
Põe-na tenda ao sol.

9. — Para fazer sair uma *largata* da parede, dizem repetidas vezes, tendo pedras na mão para lhe atirarem:

Largatinha, sai, sai,
Que lá vem o teu pai
C'um *arrate* de carneiro
Que roubou ao carniceiro.

ou

Largatinha sai, sai,
Que teu pai foi aos lobos,
Tua mãe vem já.

10. — Para fazerem sair o grilo da toca com uma palheira, cantarolam:

Grilo, grilote,
Sai cá p'r'á porta,
Que t'andam as cabrinhas na horta.

11. — A um insecto chamado *joaninha*, dizem:

Joaninha, vôa, vôa,
Leva as cartas a Lisboa;
Se passares pela minha porta
Darei-te pão e cebôla.

12. — Para fazerem sair uma doninha da parede, dizem repetidas vezes:

Feia, feia,
Cassóla, cassóla.

13. — Para agarrarem uma vespa, espetam uma mosca numa palhinha, e dizem repetidamente:

Zirizir-zão, zão, zão.

14. — Para fazerem ir o gado para a córte no tempo do calor, dizem:

Arraba, arraba,
Pica, pica,
Qu'anda môsca
Na botica.
Z-z...

15. — Para desadormecer um pé, diz-se:

Desadormece pé, desadormece pé,
Que 'stá o lobo atrás da casa do Tomé.

IX. — DITADOS TOPICOS

1. — Viva Barroso, que é palheiro velho!

2. — Montalegre, altas torres, muitos carvalhos, poucas flôres.

3. — No mês que tenha «R», não comas laranjas nem vás a Montalegre ([1]).

4. — Em Montalegre, tres meses de verão, tres de inverno, e seis de inferno ([2]).

5. — Montalegre, terra de muitos Moraes e de pouca moralidade.

6. — Os da vila || são cães de fila.

7. — Senhora das Tribulações,
Que moraes na serra da neve,
Pedi a Deus que nos livre
Dos ladrões de Montalegre.

8. — Coelheiros, os de Medeiros.

9. — Pretinhas as de Travassos da Chã.

10. — Salta-sêbes os de Peirezes, Paredes, Gralhós e Codeçoso da Chã.

11. — Negrões, || trinta moradores e sessenta ladrões; ou Negrões, || trinta vizinhos, quarenta ladrões, e o pároco quarenta e sete.

([1]) No nosso papel de colector fiel das tradições populares, claro está que ninguem nos póde acusar de menos respeitosos das cousas e pessoas de Montalegre ao publicarmos este e os seguintes ditados e cantigas.

([2]) [Ha um ditado análogo a respeito de Miranda. — J. L. de V.].

12. — O boi de Donões *podeu, podeu* c'o da vila.

13. — Tarouqueiros os de Outeiro, Cortiços e Donões.

14. — Os de Padroso dizem aos de Padornélos:

Tarouqueiros de Padornélos,
Acabai de taroucar;
Comesteis um burro morto,
Sexta-feira ao jantar;
Tinha murrões como dedos,
Não lh'os quisesteis tirar;
Dissesteis que era gordura
Para com ela engordar.

Por sua vez, os de Padornélos dizem aos de Padroso:

Os de Padrôso são lacaios,
Comeram o burro morto
Quinta-feira ao jantar;
Tinha bichos como dedos,
Não os quiseram tirar;
Diziam uns para os outros: —
Isto tudo é fartar!

15. — Os de Gralhas são cabriteiros, comeram a cabra e esqueceram-se do vinho.

16. — Os de Meixide fizeram uma bôda, nada lhes sobrando, nem nada lhes faltando. Ou: Na bôda de Meixide não sobejou comida, nem faltou fome.

17. — Covas e Pinho com vinho; Vila da Ponte sem vinho; e Covêlo do Gerêz ‖ vale por todos três.

18. — Covas e Pinho com vinho, Vila da Ponte sem vinho, mas lugar por lugar ‖ Capeludos d'Aguiar.

19. — Polainudos os de Cambêses.

20. — Burriqueiros os de Meixêdo.

21. — Scorna-cruzes ou cruza-veigas os de Solveira.

22. — Jarrêtas os de Vilar de Perdizes.

23. — Arriateiros os de Santo André.

24. — Os da Ponteira são cucos. É arriscado cucar na povoação. Ha na povoação um monte onde se diz que se separam os cucos.

Na Ponteira ‖ deram-nos bem de comer, e deitaram-nos numa eira.

25. — Carabunhas os de Vila Nova.

26. — Quando não chover em domingo de Ramos, não comem os de Vila Nova a vaca.

27. — Fidalgos, os de Covêlo do Gerez.

28. — Fidalguinhos, ou rabinos, os de Loivos.

29. — Peixeiros os de Cidróz.

30. — Papa-ventos os de Ferral.

31. — Penseiros os de Viveiro.

32. — Carrapatos os de Pardieiros.

33. — Borra-ladeiras os de Santa Marinha.

34. — Caroceiros os de Nogueiró.

35. — Rabaceiros ou couveiros os de Paradela.

Fomos a Paradela || queriam-nos dar caldo, mas não tinham tigela.

36. — Vesguinhos os de Fiães do Rio. Os de Fiães oferecem de beber a um amigo depois d'êle já ir longe.

37. — Arreguicha, Covelões!

38. — Cabril pousa foles em Chão de Moinho.

39. — Cornos os da vila (de Cabril).

40. — Os de Ladrugães, sfola-gatos e mata-cães.

41. — Os de Travassos do Rio são carraceiros.

42. — Os de Lama são leirões.

43. — *Largatos* os de Firvidelas.

44. — Formigas os de Brandim.

45. — Cinzeiros os de Vilaça.

46. — Carvoeiros os de Sabuzêdo.

47. — Celoureiros os de Pitões.

48. — Leites quentes os de Antigo d'Arcos.

49. — Saias 'marelas os de Cervos.

50. — Largateiros os de Pedrario.

51. — Pêgos os de Vilarinho (de Cervos).

52. — Formigueiros os de Sarraquinhos.

53. — Ovelhas os de Zebral.

54. — Vasa-ôdres os de Sacozêlo.

55. — Muito vagar teve Deus
Quando fez a Séla e Sirvozêlo,
S. Pedro e á Ponteira,
E Nigueiró e Sacozêlo.

56. — Definados de Braga,
Escouça malgas Lovainhos,
Maus homens do Carvalho,
Mal lavados Arrechão,
Sai o grilo aos do Torrão,
Porqueiros do Sudro,
Contrabandistas de Salamonde,
Poucos e taes de Ruivaes,
Esfola cabras das Boticas (1),
Papa-ventos de Lamalonga,
Saca-bolsas do Codeçôso,
Mata-lebres de Paio Afonso,
Manteigueiros de Acoimbró,
Perdigotos da Venda da Serra,
Escorna-cruzes das Alturas,
Azeiteiros d'Atilhó,
Perfumados das Lavradas,
Arremete a Carvalhelhos,
Arranca-nabos de Beça,
Capa-cães de Seirões,
Rabinos das Quintas,
Pica-burros das Boticas (2),
Cucos da Pastoria,
Caramboleiros das Casas dos Montes,
Pouca nobreza ha em Chaves.
Padeirinhos de Faiões (3).

(1) Povoação perto de Ruivães.

(2) Séde de comarca.

(3) Cf. a «Oração do Almocreve», na *Revista Lusitana*, vol. 10.º, pag. 323. — Na minha versão suprimi alguns versos, por terem cruezas que não podem aqui publicar-se.

X.—DITADOS VARIOS OU PROVERBIOS

1.—Fole pequeno, fole de veneno.

1-A.—A pior saída é a da porta.

2.—Carro velho á porta quebra.

3.—Quem não cria, não fia.

4.—Quem não cria, espia.

5.—Quem não mente, não é filho de boa gente.

6.—Mal vai á raposa quando anda aos grilos, mas pior quando anda aos ovos.

7.—Quem não trabuca, não manduca.

8.—Em casa daquêle home, quem não trabalha não come.

9.—Um cavalo bom, duas esporas boas; e um cavalo ruim, uma (1) que passe dum lado ao outro.

10.—Ao resto da teia é que se sabe o fiado.

11.—O negociante e ó porco sabe-se depois de morto.

12.—O conforto é o alivio dos tristes.

13.—Onde a pêga tem os ovos, lá tem os olhos.

14.—Burro velho não toma andadura, e se a toma pouco lhe dura.

15.—Quem torto nasce, tarde e mal, ou nunca se endireita (2).

16.—A herva ruim não a séca a giada.

17.—Ruim é o passaro que nasce na ruim ribeira.

18.—Gado de bico || nunca faz o amo rico.

19.—Quem não guarda o que é seu || não guarda o alheio.

19-A.—Quem lhe doe o dente, esgravate a gengiva.

20.—Quem lhe doe os dentes, que lhe ate um lenço.

21.—Quem lhe doer a cabeça, que lhe ate o lenço.

22.—Vale mais fabricar o nosso ao longe do que o alheio ao perto.

23.—Cuidados alheios é matação dos asnos.

24.—Um carro sem duas rodas não pode andar.

25.—Duas pedras duras não fazem farinha.

26.—A quem boa arvore se encosta, boa sombra o cobre.

27.—Os homens conhecem-se pelas palavras e os bois pelos galhos.

28.—Esmola que mata o pobre, não lhe devia aparecer.

29.—Casa feita, pêga morta.

---

(1) [Isto é, uma bala? J. L. de V.].

(2) Este ditado anda ligado a uma lenda em que figuram Nossa Senhora, a mula do presepio, os *fentos* e a silva.

30. — Tempo que tempera a noite, e mulher que é d'oitro || não ha firmeza nem num nem noitro.

31. — Vale mais cair em graça, que ser engraçado.

32. — Ha sól que rega, e chuva que seca.

33. — Quem quiz casar, sempre casou; se não foi onde quiz, foi onde topou.

34. — Não procures menina p'ra te casares nos domingos, dias de festa e feiras.

35. — Quanto maior é a nau, maior é a tormenta.

36. — Quem se não sente, está morto.

37. — Não compres a quem comprou; compra a quem herdou, que não sabe o que lhe custou.

38. — Faz o teu filho herdeiro onde pegar a nevoa em janeiro.

39. — Não sirvas a quem serviu, nem peças a quem pediu.

40. — Quando não ha vento, não ha mau tempo.

41. — Quando Deus quer, chove com todos os ventos.

42. — Quem o alheio veste, na praça o despe.

43. — A neve é branca, mas põe os corações pretos.

44. — Bexigas e sarampêlo, tres vezes ao pêlo.

45. — Vêr o *arujo* no olho alheio, e não ver a tranca no seu.

46. — Onde ha fumo, ha fogo.

47. — Onde ha pão, ha migalhas.

48. — Na veiga p'ra um mes, e na eira p'ra um ano. (Alusão ao centeio).

49. — Bota-me no pó (diz o centeio)
E de mim não tenhas dó;
Bota-me na lama,
Chora-me na cama.

50. — Presunção e agua benta cada um toma a que quer.

51. — Um ano que o serôdio abona, sempre se deve queimar.

52. — Se não neva no dia de Santa Luzia, neva para o outro dia.

53. — Ano de muita neve, ano de muito pão.

54. — Não ha mal que sempre dure, nem bem que se não acabe.

55. — A honra da mulher tambem está na lingoa.

56. — Não faças aos outros o que não queres para ti.

57. — Guarda que comer, e não guardes que fazer.

58. — Vale mais dobrar do que torcer.

59. — A preguiça nunca mantem bons criados.

60. — Sterca e não marques, e verás com quem partes.

61. — O cão e ó menino vão para onde lhe fazem o *agarimo* (afago).

62. — Ó menino e ó borracho põe Deus a mão por baixo.

63. — Tu que sabes e eu que sei, cala-te tu que eu me calarei.

64. — Valem mais cinco na mão, que dez a voar.

65. — Vale mais quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga.

66. — Mãos que não dais, porque esperais?

67. — Cada um é para o que nasce.

68. — Quem nasce p'ra pobre, não chega a rico.

69. — Quem nasce p'ra cinco, não pode chegar a dez.

70. — Beber sem comer, é cegar e não ver.

71. — Comer sem conta, viver sem honra.

72. — Quem anda desanda.

73. — Quem espera, desespera.

74. — Desconfiar de cão que não ladra, e homem que não fala.

75. — Cão que ladra, não morde.

76. — Depois de minha filha casar, não lhe faltam maridos.

77. — Depois do meu porco vendido não lhe faltam compradores.

78. — Depois de burro morto, cevada ao rabo.

79. — Falar não enche barriga.

80. — Dá-o Deus na eira, tolhe-o Maria na masseira.

81. — Quem não tem bois, antes ou depois.

82. — Quem semeia, colhe.

83. — Quem quiser vêr o aranhão é meter-lhe a candeia na mão.

84. — Quem quiser vêr o Diabo é falar-lhe na pele.

85. — Acompanha com os bons, serás um dêles; acompanha com os ruins serás peor do que êles.

86. — Usa, serás mestre.

87. — Só dura a mentira, emquanto não chega a verdade.

88. — Quem paga o que deve, sabe o que lhe fica.

89. — Quem quer ser pobre sem *no* sentir, é meter obreiros e deitar-se a dormir.

90. — Quem não poupa sal nem lenha, não poupa coisa que tenha.

91. — Guardar da risa p'r'á chora. (Da fartura para a fome).

92. — Quem promete o seu antes que morra...

93. — Homem prevenido nunca é vencido.

94. — Criança que se não ri ao fim dum mês, ou é tola ou o pai que a fez. (Alusão ás crianças que se não riem para quem lhes faz festa).

95. — Leve o Diabo a mãe que pariu um filho tôlo. (Alusão ás pessoas que não cuidam dos seus interesses).

96. — Giada na lama, chuva na cama.

97. — Vento soão, chuva na mão.

98. — Quem se veste de ruim pâno, veste-se duas vezes por ano.

99. — Quem quer vai, quem não quer manda.

100. — Quem bem decrua, bem entravessa.

101. — Madrasta, o nome lhe basta.

102. — Em tempo de guerra, mentira como terra.

103. — Fazer bem a algumas pessoas é como manteiga em focinho de cão.

104. — Fazer bem, e não saber a quem, seus perigos tem.

105. — Quem lava focinho a burro preto, perde sabão e tempo.

106. — Caldo sem pão só no inferno o dão.

107. — Quem come arroz com pão é lambão.

108. — Quem tem capa, sempre escapa, e quem a não tem, escapa tambem.

109. — Homem de capa no verão ou é pobre ou ladrão.

110. — Quem liso vive, liso fica.

111. — Um homem para ser rico, ou hade herdar ou roubar.

112. — Feliz daquele que nace de pé no mundo.

113. — Arde mais a lenha verde do que pedras enxutas.

114. — Quem bem nos fala, mal nos quer.

115. — Livrai-vos do mau vizinho da porta.

116. — Com teu amo não jogues as peras, come as maduras e dá-te as verdes.

117. — Porco de mês, cabrito de tres, moça dos dezoito aos vinte e tres.

118. — Quem aos vinte não é, e aos trinta não tem, aos quarenta não é ninguem.

119. — Quem c'o a traça anda, a traça o lenha.

120. — Quem com porcos se deita, com porcos se levanta. (Alusão ás pessoas pouco limpas).

121. — Quem com ... joga o vinte, ... sai ... pedinte.

122. — Vozes de burro não chegam ao ceo.

123. — Mais vale tarde, que nunca.

124. — Pobre, nem quêto nem calado.

125. — Pés quentes, cabeça fresca, não haverá mal nenhum.

126. — Homem barbado, homem honrado.

127. — Quem se arrepende, salva-se.

128. — D'onde se não esperam as coisas, é que elas veem.
129. — Quem muito fecha, pouco aperta.
130. — Mulheres, mulas e mulêtas escrevem-se todas c'o as mesmas letras.
131. — Atrás de nós virá quem de nós bom fará.
132. — Mais vale «bem fiz eu» do que «se eu soubera».
133. — A palavra do «eu fiz» é muito bonita, mas a palavra do «eu fizera» é muito feia.
134. — Deus cose direito com linhas tortas.
135. — A lingoa tem bom fiador.
136. — Não faças mal com esperança de te vir bem.
137. — Não *nas* faças com tenção que as não pagues.
138. — Quem muito jura, muito mente.
139. — Pescador de cana come mais do que ganha.
140. — Pescador de cana nem p'ra fumar ganha.
141. — Ossos da *suão*, barba untada e barriga em vão.
142. — Quem se deita sem ceia, toda a noite rabeia.
143. — Quem muito dorme, pouco aprende.
144. — Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.
145. — O comer, o ranhar e o coçar, todo o mal é começar.
146. — Almoçar com um caçador, jantar com um lavrador, e cear com um arreeiro.
147. — Montalegre e Monforte, merenda e capote.
148. — Bôlo quente, muito na mão, e pouco no ventre.
149. — Bôlo frio, pão cozido.
150. — Quando não ha pão, come-se bica.
151. — Em ano de fome não ha ruim pão.
152. — Quem eu quero não me quer, e quem m'a mim quer não me faz conta.
153. — Faz-me rico, que riquissimo faço-m'eu.
154. — Vale mais um ano á volta do que nunca a casa.
155. — Quem troca caminhos por atalhos, nunca lhe faltam trabalhos.
156. — Á terça-feira não cases a filha, nem urdas a teia.
157. — Quem quiser que o seu menino creça, ... rape-lhe a cabeça.
158. — Muitas vezes põe-se o ramo numa banda, e vende-se o vinho na outra.
159. — Cabrito que não berra, não mama.
160. — Ha tres qualidades de *homes: home*, *homezinho* e *homezão*.

161. — Mulher barbuda, vaca embiguda, o que uma faz, a outra cuida e o seu dono ajuda.

162. — A mulher governadeira traz a filha na dianteira.

163. — Fole pequeno, fole de veneno.

164. — Galinha de campo não quer capoeira.

165. — Diz a caldeira p'r'á certã: tira-te lá, não me enferretes.

166. — Quem anda devagar, anda muito.

167. — Quando a esmola é grande, o santo desconfia.

168. — Muitas vezes as coisas dadas saiem mais caras do que as compradas.

169. — Quem tem muito mel, come um com o dedo e outro com a colher.

170. — Quanto mais raros se matam, mais raros ficam.

171. — Um dia é do caçador e outro da caça.

172. — Onde existires, faz como vires.

173. — Tudo o que cai na rêde é peixe.

174. — Aos homens tudo a comer e nada a saber.

175. — Filhos não tenho, netos me dão canceiras.

176. — O bicho que eu como, não me come a mim.

177. — Quem porcos lhe faltam, tonças lhe roncam.

178. — Sai o linho á linhaça e o diabo á sua casta.

179. — Perca-se um amigo, não se perca uma resposta.

180. — Cabra manca não tem sésta, e se a tem pouco lhe presta.

181. — Quem é de mel, as moscas o comem.

182. — A boca diz o que o coração dita.

183. — Esbarrar não é cair.

184. — Quem foge, não quer guerra.

185. — As pessoas que nos querem bem são as que nos podem dar mais prejuizos.

186. — Cada um sabe das suas dôres, e Deus das de todos.

186-A. — Só se veja, quem só se deseja.

187. — Bem fala o doente p'r'ó são.

188. — Não cases a filha onde haja sogra e cunhada.

189. — Albarda-se o burro á vontade do dôno.

190. — Do cerejo ó castanho bem me amanho; ‖ do castanho ó cerejo mal me vejo.

191. — Aquilo que mal começa, mal acaba.

192. — A ovelha ruim tolhe as outras todas.

193. — P'ra cá do Marão mandam os que cá estão.

194. — Janeiro, giadeiro.

195. — Em janeiro leva-me ao palheiro (diz a ovelha).
196. — Uma castanha em janeiro vale um carneiro.
197. — Quem quiser o bom alheiro, plante-o no mês de janeiro.

198. — Em janeiro
Sobe ao outeiro:
Se vires negrejar,
Põe-te a cantar;
Se vires verdejar,
Põe-te a chorar.

199. — Em fevereiro chega-me ao lumedeiro (diz a velha).
200. — Fevereiro, cada sulco seu regueiro.
201. — A neve de fevereiro derrete-a a velha...
202. — Fevereiro quente traz o diabo no ventre.
203. — Fevereiro matou a mãe á sêde.
204. — Março pelarço, as noites c'os dias e as messes c'os marcos.
205. — O sol de março queima a dama no paço.
206. — Março marçagão, ao meio-dia cara de homem honrado, e á noite ou breja ovelha ou cai-lhe o rabo.
207. — Março marçagão, de manhã cara de cão, de dia cara de homem honrado e á noite cara de vilão.
208. — A neve de março é dura como o aço.
209. — Pascoa em março, fome ou mortaço.
210. — Na Pascoa enfeitam-se as tolas, e na Senhora da Lapa as moças todas.
211. — Ramos molhados e Pascoa enxuta, ano de muita fruta.
212. — Valem mais duas trovoadas entre março e abril, do que o carro e o carril (1).
213. — Entre março e abril o cuco ha de vir, ou el-rei está morto ou o fim do mundo p'ra vir.
214. — Quem quiser o alho cachapernudo, plante-o no mês do Entrudo.
215. — Em abril abre a porta á vaca e deixa-a ir.
216. — Em abril abre-me a porta e deixa-me ir (diz a ovelha).
217. — Em abril agoas mil.
218. — Coriscadas de abril matam *no* pôrco no covil.
219. — Neve do cuco por abril, depois vem a da arada.
220. — Em abril vai o carro onde não deve ir.
221. — Abril quantas falopas de neve deitou, quantos grãos de pão criou.
222. — De maio para abril pouco vai que rir.

---

(1) Este ditado anda ligado a um conto popular.

223. — Maio louro, *ni* meio louro.

224. — Ahi vem *no* mês de maio, ahi vem *no* mês da cocaina, mas *num* faço conta de romper muita polaina.

225. — Maio pardo, ano farto.

226. — Maio, turvo.

227. — Maio, moço.

228. — Fraco é o maio que não rompe uma crossa.

229. — Maio serôdio e maio temporão, a espiga com o grão.

230. — Mamaio me mõlha, mamaio (1) me enxuga.

221. — S. João claro como o olho do galo fá'lo ano a Deus louvado.

233. — Junho, ceitoira ao punho.

234. — Poupa, poupa pão p'ra maio e lenha p'r'àbril, e o melhor tição p'r'ó S. João.

235. — A chuva em S. João talha o vinho e não dá pão.

236. — Quem o melhor quiser, semeie pelo S. Miguel.

237. — *In* agosto dá o sol pelo rosto.

238. — Agosto, malha a teu gosto.

239. — Até á Senhora d'Agosto malha a teu gosto, da Senhora d'Agosto por diante a suor do teu rosto.

240. — Se queres teu homem morto, dá-lhe sardinhas em maio e couves em agosto.

241. — Em agosto secam as fontes, e em setembro ardem os montes.

242. — Em setembro ou secam *nas* fontes ou leva açudes e pontes.

243. — Natal, inverno carual (2).

244. — Entre Santos e Natal, inverno carual.

245. — Quem quiser o bom alhal, plante-o no mês do Natal.

XI. — DITOS E FRASES POPULARES

1. — Abrir as agoas (= abrir a agoa d'um pôço).

2. — Á certa confita (= exactamente).

3. — Adeus, minhas encomendas!

4. — Adeus, temos conversado!

5. — Adeus, vá com Deus. haja saude.

6. — A gente deve andar ás suas comodidades.

7 — A gente, já vê... (frase empregada com freqùencia numa conversa).

---

(1) [Deve entender-se *má'Maio* por *mau Maio*. Fenomeno de próclise, como *má'pecado*, etc. J. L. de V.]

(2) O mesmo que *crual*.

8. — Agora é que são elas.

9. — Agora pago eu outra roda de vinho.

10. — Ah! malandros, que vos escangalho! e a posta mais pequena que vos fica é a das orelhas (= expressão de ameaça a rapazes).

11. — Á hora de comer sempre o Diabo traz mais um.

12. — Ai homes! (expressão de admiração).

13. — Ai Jesus! (expressão de medo).

14. — Ai que pôço!

15. — Ainda bem não era morto, já estava esfolado.

16. — Alagar [1] uma parede (diz-se quando alguem está a ourinar junto dela).

17. — A lei que é para uns, é para os outros.

18. — Alguem lhe quer falar (diz-se a quem deixa cair um objecto mais duma vez).

19. — Alminhas vos gozem (diz-se quando se sacodem as migalhas duma toalha).

20. — Amanhã ha pagamento? (diz-se a quem traz a berguilha [2] desapertada).

21. — A modo d'um (= parecido com um).

22. — Andar á roda (= á vez).

23. — Andar ás aranhas.

24. — Andar ás cambalhotas.

25. — Andar ou ir aos gambosinos.

26. — Andar com uma pessoa: «Sant'Antoninho, onde te porei?»

27. — Andar em calças pardas.

28. — Andar de casa na cêsta (diz-se de quem anda a mudar de casa).

29. — Andar de Jou p'ra Jales [3] (= mudar com frequencia de casa ou de terra).

30. — Andar a estudar p'ra galgo (= andar muito magro)

31. — Andar numa dobadoira.

32. — Andar numa fôna.

33. — Aquele não é dos que deixam fazer o ninho atrás da orelha.

---

(1) [Creio que *alagar* está aqui no sentido de «derribar», «deitar a baixo»: usa-se neste sentido em algumas partes.—A frase de que se trata diz-se noutras regiões: *deitar a baixo uma parede*.—J. L. de V.].

(2) = braguilha.

(3) Dois lugares.

34. — Aquele não tem a bêta (diz-se de quem profere obcenidades).

35. — Aquele sabe-a toda.

36. — Aquele é que *abeza* uma saia quadrada (= intrujão).

37. — Aquele já não ouve cantar o cuco (está muito doente).

38. — Aquele por ora inda não sabe o que é peixe-agulha.

39. — Aquele já marca passo (está bebado).

40. — Aquele está em cólicas.

41. — Aquilo parece que tem diabrilhos.

42. — Arreganhar a tacha (= mostrar os dentes).

43. — As que morrem solteiras...

44. — Bem fala o são c'o doente (= o rico com o pobre).

45. — Bem, bem, não tem dúvida, nós cá 'stamos.

46. — Bem 'stá!

47. — Bem te conheço, pau de laranjeira!

48. — Bem postado (= bem vestido. Pitões).

49. — Bô, bô.

50. — Bom bai (= é isso, não ha dúvida).

51. — Bote-me a sua benção, ó padrinho. — Em Padrôso ouvi um rapaz dar uma especie de grito como que para chamar a atenção do padrinho antes de pronunciar a frase. A resposta é: «Deus te cubra».

52. — Burro branco não come o lobo.

53. — Cada um governa-se.

54. — Cá o nosso Barrôso é mui bravo (aspero, frio).

55. — Canta, que logo bebes.

56. — Chegar os touros (= levá-los ao campo para se liarem).

57. — Chuvinha de molha-tôlos (= miuda).

58. — Cobrir o boné (= pô-lo na cabeça).

59. — Coisas á tôa não se fazem.

60. — Começa o dia cêdo (diz-se d'alguem que se ri muito logo de manhã).

61. — Compra um cão negro, ou come uma crista de galo atrás d'uma porta (diz-se a alguem que tem mêdo).

62. — Comer o caldo (frase muito empregada por alguem que convida um estranho a passar uns dias em sua casa).

63. — Cortar as asas a alguem (= cercear-lhe os abusos).

64. — Curar a bebedeira.

65. — Dar casca.

66. — Dar um cascarrão.

67. — Dar no vinte (= acertar).

68. — Dar ao esfregão (=estar sempre a falar; e tambem: estar de costas direitas, não fazer nada).

69. — Dar, dá o relogio horas.

70. — Dar tudo em aguas de bacalhau.

71. — D'aqueles tres por nove ruas (alusão a alguem que se quer classificar de muito velhaco).

72. — De caminho (=a seguir).

73. — De mentes em quando (= de vez em quando).

74. — Deitar a manápula a alguma coisa.

75. — Deitar a fatexa (=a mão).

76. — Deve de haver (=deve haver).

77. — Deu-lhe a mosca (diz-se da rapariga que foge de casa para namorar).

78. — Deus lhe fale na alma (=referencia a pessoa já falecida).

79. — Digo-lhe eu (=é verdade).

80. — Do pão do nosso compadre || grande fatia ao afilhado.

81. — Em barda (=abundancia).

82. — É da geração ou do mesmo tronco.

83. — É, é, sim senhor.

84. — Ele é perto.

85. — Ei! carocha, o que aí vai.

86. — Êle 'stá i o meu tio?

87. — É tudo ao fundo (=a decer).

88. — É tudo ao pique (=a subir).

89. — Em cortesia, não quero (quando se ateima com alguem para aceitar alguma coisa, e êle responde com aquelas palavras, não se insiste mais).

90. — É-me tarde p'ra m'ir embora.

91. — Então como vai essa bizarria?

92. — Então lá vai á saude (cumprimento ao beber-se um copo de vinho oferecido).

93. — É p'ra diante! no mar anda || quem p'ra nós ganha (diz o dono da casa por ironia á sua governanta quando esta é perdularia).

94. — Esgravatar p'ra fóra (diz-se duma mulher franca, perdularia).

95. — Esbarrar não é cair.

96. — Espera aí, que já bebes (ameaça).

97. — Esta vida não chega a netos, || nem a filhos completos.

98. — Esta é pelo preço da chuva (=é dada).

99. — Está o ar muito fino (diz-se quando ha baixa temperatura).

100. — Está um dia de S. Fernando, ‖ ri-se o moço e chora o amo (dizem os criados quando não saiem de casa por causa da chuva).

101. — Estar á mão de semear.

102. — Estar de trombas.

103. — Estar como o parvo no meio da ponte.

104. — Estar a meio pau (= com algum vinho).

105. — Estar com a «tia Joaquina» (= bêbado)

106. — Estar á quinta pergunta (= não ter dinheiro).

107. — Estar em pêlo (= em jejum).

108. — Estar entre as dez e as onze (= meio bebado).

109. — Estar com a esquerda em frente (= bebado).

110. — Estar meio azul (= bebado).

111. — Estar do meio dia p'r'á noite (= bebado).

112. — Estar em ponto de rebuçado (= zangado).

113. — Estar em ares de marcha.

114. — Estar levado da breca.

115. — Estar estrumado (=ter comido o suficiente para poder beber).

116. — Estás um gamardo Dias!

117. — Estava levada da má ventura (= encolerizada).

118. — Estava ó par das coisas (= conhecia muito bem o negocio).

119. — Eu demoro pouco tempo, o que tenho de fazer é um *istante* (instante).

120. — Estoura-vêrgas.

121. — Estraga-albardas.

122. — É uma religião d'isso (= ha muito).

123. — Falar de mais.

124. — Fala com esta pedra! (diz ás vezes uma mulher quando questiona com outra, ao mesmo tempo que volta uma pedra no chão)

125. — Fazer esquerda, rodar (= roubar).

126. — Fazer cêra (= trabalhar pouco).

127. — Fazer ou dizer cousas do arco-da-velha.

128. — Fazia um vento, qu'eu sei lá!

129. — Faz-lhe umas queixadas (diz-se a quem deixou passar qualquer oportunidade).

130. — Ferver em gargalão ou cachão.

131. — Ferve mentiras (diz-se duma vasilha que tem simplesmente agua a ferver, e quando alguem pergunta o que está a ferver).

132. — Ficar a ver navios no Alto de Santa Catarina.

133. — Fica-te, mundo, cada vez a pior!

134. — Fica-te, mundo, e ficarás,
Mil e tantos viverás,
E a dois mil não chegarás.
(Palavras atribuidas a Christo).

135. — Fulano é um stroi-tudo,
Come carne na caresma,
E bacalhau no entrudo.

136. — Gastar cêra com ruim defunto.

137. — Graças ao Senhor!

138. — *Ha de ganhar muito com isso!*

139. — Hade fazer pela vida como o burro pela albarda (diz-se de quem é indolente).

140. — Ha ali muita alma de riqueza (diz-se de algum sitio onde consta haver tesouros encantados).

141. — Haja saude, e côza o fôrno.

142. — Homem sem homem não presta p'ra nada.

143. — Home, tu já andaste a estudar nas Covas de Salamantiga? (1) (diz-se de quem se quer fazer esperto. — Pitões).

144. — Home! Homes! Homes essa! (expressões de admiração).

145. — Hoje não te viu a raposa (diz-se a alguem que fez um bom negocio).

146. — Horas, dá-as o relogio.

147. — Ir abaixo de Braga.

148. — Ir de braço cobrado (diz-se de alguem que vai levar um presente).

149. — Ir a pé calcante (latinismo).

150. — Ir num pé e vir noutro.

151. — Isso é dos livros (= é cousa certa).

152. — Isso fia mais fino.

153. — Isso tem que se lhe diga.

154. — Isso, tó rôla!

155. — Isso tem bicos.

156. — Isto não é engenho d'agua.

---

(1) [Alusão ás Covas de Salamanca, onde, segundo a lenda, se ensinava magia: cfr. F. Adolfo Coelho, *De algumas tradições*, Paris 1900, pp. 40-41 (separata da *Revue Hispanique*, t. VII). Deve haver relação das Covas com o antro da Sibila Cumana, o qual tem paralelos em tradições da Italia: cfr. G. Paris, *Légendes du moyen âge*, 2.ª ed., p. 88 s. — J. L. de V.].

157. — Isto aqui é um supormos.
158. — J. H. Guimarães.
159. — Já não dá rêgo direito.
160. — Jogar a leite de pita (=sem ser a dinheiro).
161. — Lá foi tudo c'os diabos!
162. — Levantar a cesta a alguem.
163. — Levar coiro e cabêlo.
164. — Levar lambada (=sofrer prejuizo).
165. — Logo comes comida dobrada (expressão de ameaça a crianças, nas quaes se não quer bater diante de quem está).
166. — Logo dou-te o arroz (expressão de ameaça).
167. — Mal pecado!
168. — Matar o bicho (tomar alguma bebida em jejum).
169. — Meter-se em camisa de onze varas.
170. — Meter-se a tralhão (=a direito, sem escolher caminho).
171. — Meter rôlhos (=ganhar jogos).
172. — Morra um homem e fique fama, nem que não seja senão de ladrão.
173. — Morreu algum galêgo (diz-se quando sopra um vento muito fino).
174. — Não cabe na pele, de contente.
175. — Não é por aí que o gato vai ás filhós.
176. — Não ha ouro sem liga, nem prata sem fezes.
177. — Não ha tempo a perder.
178. — Não me faz favor duma palavra! (expressão para chamar alguem, a fim de se lhe falar em particular).
179. — Não te faças Alonso.
180. — Não faz minga (=não é preciso).
181. — Não vale dez reis de mel coado.
182. — Não comas as amendoas todas (diz-se quando alguem se despede de pessoa que foi a uma festa).
183. — Não vivo de cantigas.
184. — Não tem mais nada desta vida (=é muito pobre).
185. — Não saber de certeza.
186. — Não te nasce a barba (diz-se a um rapaz que rapa o tacho em que se acabou de fazer marmelada) [1].
187. — Não nego a minha terra (expressão empregada depois

---

[1] [Isto funda-se na analogia que se estabelece entre tacho *rapado* e cara *rapada*, por «imberbe». Grande número das nossas superstições e ditos provém assim de analogia falsa. Ha no íntimo de tudo isso um principio ou regra de magia imitativa. — J. L. de V.].

de declinado o nome da terra a que se pertence, por se lha ter perguntado).

188. — Não sinto quem tenha disso.

189. — Não te mordem os cães!

190. — Não rompe uma cobra pela messe (= está muito forte).

191. — Não se vê palmo de terra (= está a noite muito escura).

192. — Nem comes, nem deixas comer (diz-se a um individuo que se *tranca* no caminho d'alguem, falando de mulheres).

193. — Nem ata, nem desata (diz-se duma rapariga que, sendo requestada, não diz que sim, nem que não).

194. — Nós não sabemos quando nos metem canela em ôdre (resposta dum individuo em Vilar de Perdizes a quem se perguntava pelas cerimonias dum casamento).

195. — *Num na* sei (= não a sei).

196. — Nunca usei d'isso.

197. — Or'àgóra (ou: or'àgôra).

198. — O dinheiro em certas ocasiões não vale nada.

199. — Ó com seiscentas tapadas! (exclamação).

200. — O juiz na terra, e Deus no Ceo.

201. — Ó papão, não te rias (diz-se a quem se ri muito).

202. — Ó p'r'acolá (= para aquele lado).

203. — Ó Santissima Virgem!

204. — Olha que não!

205. — Olhar contra o governo (= olhar de través).

206. — Olha, se não tens sócos novos, não vais pegar ó andor, ou não vais á festa.

207. — Ó que milagre! ou: ó que mundo! (exclamação de quando se vê uma coisa grande).

208. — O que é ladrão não come o que rouba.

209. — Ó (=ao) tempo, tempo, e ó relogio corda.

210. — O tordo e a carriça dão carne p'rá Pascoa.

211. — O vento inda puxa do sul.

212. — Pancada de criar bicho.

213. — Para voz com'á de burro não ha (diz-se quando se ouve alguem cantar mal).

214. — P'ra cá vens tu de carrinho (= comigo perdes o tempo).

215. — Pescar da poda (= saber da arte).

216. — Pintar a manta (= ser amigo da pandega).

217. — Pintar o sete (= ser muito divertido).

218. — Pois é, é, sim senhor!

219. — Pois então vá lá c'o Senhor, ou: pois então vá com a graça do Senhor.

220. — Pois sim, canta que logo bebes.

221. — Por uma linha negra (= por um tris).

222. — P'r'ó ceo (diz-se quando se ouve alguem espirrar).

223. — Puxe cadeira e sente-se no chão.

224. — Quando vier ó p'ra cá.

225. — Quando Deus queria, de baixo ventava e de cima chovia.

226. — Que Deus lhe perdôe ou que Deus haja (referencia a pessoa já falecida).

227. — Queixa-te ao Barradas (diz-se a quem já não tem para quem apelar).

228. — Quem nos honra? (pergunta feita de dentro de casa a alguem que bate á porta).

229. — Quem lhe encomendou o sermão, que lhe pague.

230. — Quem quer saber, vai á feira (diz-se quando se não sabe ou não quer responder a uma pergunta).

231. — Quem tiver amargôr de bôca...

232. — Quem pagou, arrisou.

233. — Quem lhe doe o dente, *prègunte* ó barbeiro.

234. — Quem não vem, não come (diz-se quando alguem que ficou de ir a um jantar se vai demorando).

235. — Querer abranger o ceo c'o as pernas (= ter muitos negocios ao mesmo tempo).

236. — Résvés, Campo d'Ourique.

237. — Sabe que regala.

238. — São todos da mesma linha (= do mesmo tronco).

239. — Seja pelas almas (expressão d'alguem a quem acontece uma sensaboria).

240. — Sempre estás um engaranhado! (diz-se a alguem que trabalha pouco).

241. — Ser bem mandado (= obediente).

242. — Ser levado do Diabo.

243. — Ser de estrela e beta, e pé calçado.

244. — Se vais por esse andar, não arranjas casa de sobrado.

245. — Só te lembras de Santa Barbara quando tôa.

246. — 'Stou que 'stá (= parece-me que está).

247. — Tanto se me dá, como se me deu.

248. — Tanto lhe dá que a agua corra para baixo, como que corra para cima.

249. — Tanto tem (= tanto faz).

250. — Tambem o mel é negro, e come-se muito bem (resposta duma rapariga a quem se dirigiu um galanteio por ser morena).

251. — Tanta volta dei, que veio mesmo ao pintar.

252. — Tem raça de cão pelado (diz-se d'alguem que tem muito frio).

253. — Tem-te, Maria, não caias!

254. — Tem sido uma boa pedra [1] (diz-se duma mulher que tem conhecido varios homens).

255. — Tenho muita pêna, mas não posso chorar.

256. — Ter bicho carpinteiro... (= ser inquieto).

257. — Ter culpas no cartorio.

258. — Ter fome de rabo.

259. — Ter gana ou osga a alguem.

260. — Ter entradas de lião e saidas de sendeiro.

261. — Ter lingoa comprida (= falar de mais).

262. — Ter unha na palma da mão (= ser larapio).

263. — Ter muita leria.

264. — Ter muito milho, massa ou chêta (= ter muito dinheiro).

265. — Ter os olhos pisqueiros (= estar bêbado).

266. — Tire-se d'essa vida (= deixe-se d'isso).

267. — Tó Diabo! (= expressão de admiração).

268. — Todo o ladrão que arromba a porta quer-se prêso; os presos da cadeia arrombaram a porta (diz-se quando se vê alguem com as meias rôtas nos dedos dos pés).

269. — Tratar debaixo d'orde (= muito bem).

270. — Trazer um grão na asa (= estar com algum vinho).

271. — Tu és uma laróta.

272. — Tudo é um (= a mesma coisa).

273. — Tu viste o lobo! (diz-se a quem estrá rouco) [2].

274. — Tu vendes azeite? (dizem os rapazes quando vêem algum com a *berguilha* desapertada).

275. — Tu levas o palmito quando morreres (diz-se a uma rapariga honesta que já vai entrando em anos).

276. — Um dia com cara de homem (= lindo).

277. — Um dia não são dias.

---

(1) [Entender-se-ha: pedra de toque.—J. L. de V.].

(2) [Isto relaciona-se com o que digo nas *Trad. pop. de Portugal*, § 330, de o lobo fazer perder a fala. Cfr. tambem Liebrecht, *Z. Volksk.*, p. 335, e H. Gaidoz, *La rage et St. Hub.*, p. 189 e 190.—J. L. de V.].

278. — Um homem é um homem, e um gato é um bicho.
279. — Um quaisquer.
280. — Um tudo-nada, um tantinho, um ratinho (= um quasi nada).
281. — Vai á fava emquanto a ervilha enche.
282. — Vai pentear macacos.
283. — Vai bugiar.
284. — Vai-te, pecado!
285. — Valha-te um burro aos coices!
286. — Vejam como o Diabo as arma.
287. — Vêr Braga por um canudo.
288. — Veremos, como dizia o cego, e nunca viu.
289. — Viva vossa senhoria muitos anos!
290. — Você a cara tambem lhe defende as costas.

XII. — COMPARAÇÕES

1. — Agatanha como um gato.
2. — Alto como um tigre.
3. — Amargar como fel.
4. — Amigos como o cão e o gato (ironia).
5. — Antes na taberna do que na botica (o dinheiro que ha-de gastar-se com doenças).
6. — Antes queria ter um filho do que tirar uma mó (dente).
7. — Andar depressa como o *pouso* do moinho (ironia).
8. — Anda coma mim.
9. — Andar ou estar como uma joeira ou joeirinha (expressão muito empregada pelos carpinteiros para significar justeza).
10. — Andar como lebres.
11. — Aos pares, como os frades.
12. — Aquele por dinheiro é como o Diabo por almas.
13. — Aquilo ha de saber que nem pescada.
14. — Arder como isca.
15. — Arder como palhas.
16. — Atirar-se a alguem como S. Tiago aos Mouros.
17. — Atirar-se como um lobo.
18. — Baixo como um pote.
19. — Beber como as vacas na carrada.
20. — Beber como uma esponja.
21. — Bebado como um carro.
22. — Berrar como uma cabra.
22-A. — Boa (mulher) como uma pescada.
23. — Bom, é como bom.

24. — Branco como a neve.
25. — Bruto como uma porta.
26. — Bruto como um pote.
27. — Bruto como um peixe.
28. — Bufar como uma cobra.
29. — Caro como fogo.
30. — Carregar como um macho.
31. — Chegada a ocasião, tanto faz gastar dez como vinte.
33. — Cheio como um ôdre.
33. — Claro como o sol.
34. — Comer como um lobo.
35. — Contente como um cuco.
36. — Como Pilatos no Credo.
37. — Consumido como o vento.
38. — Conhecer alguem como os dedos das mãos.
38-A. — Danadas (sardinhas) como pilha.
39. — De rastos, como as cobras.
40. — Dôce como mel.
51. — Dormir como uma bêsta.
42. — Dura (casca) c'ó Diabo.
43. — Duros (burros) como camelos.
44. — Duro como ferro.
45. — Duro como um côrno.
46. — É como o ferreiro da maldição, || quando tem ferro, não tem carvão.
47. — É como Pedro-Sem, que já teve e agora não tem.
48. — É como S. Benedito, come pouco e anda gordito.
49. — É como o piolho em costura lavada.
50. — É como o prêto (diz-se de quem gosta muito de azeite) (1).
51. — É o Diabo em figura de gente.
52. — É do tempo dos afonsinos.
53. — Entende tanto d'aquilo como eu d'um lagar de azeite.
54. — Estar como um quatorze (estar muito bem).
55. — Estar como o peixe na agua.
56. — Escuro como um prego.
57. — Esfomeado como um lobo.
58. — Falso como Judas.
59. — Faz frio, que até grit'ó pecado (2).

---

(1) [Relaciona-se com isto a facecia do preto que ia molhar pão na lampada da igreja e dizia: *Molhar, remolhar, para preto consolar* (Beira). — J. L. de V.].

(2) [Aqui *pecado*, ou *Pecado*, estará por *Diabo*. — J. L. de V.].

60. — Fazer bem àquele é como manteiga em nariz de cão.
61. — Fazer mais barulho ca sete galegos.
62. — Fazer como a toupeira, que trocou os olhos pelo rabo.
63. — Fazer pela vida, como o burro pela albarda (ironia).
64. — Fazia um calor que tremia.
65. — Feio como um bode.
66. — Feio como o Diabo.
67. — Fino como um sóco.
68. — Fino como um alho.
68-A. — Fino como um rato.
69. — Fino como azougue.
70. — Foge como o Diabo da cruz.
71. — Foi tão verdade, como eu aqui estar.
72. — Fresco como uma rosa.
73. — Fresco como uma alface.
74. — Frio como a neve.
75. — Fugir como o vento.
76. — Gorda (mulher) como um ôdre.
77. — Gordo como um teixugo.
78. — Gordo (passaro) como um tralhão.
79. — Gordo (rapaz) como um tortulho.
80. — Gordos (cavalos) como lontras.
81. — Gostar dum animal como dum cristão.
82. — Ha gente mais bruta qu'ós animaes.
83. — Ha mais dias do que chouriços (=diz-se a quém come muito).
84. — Honrada como a porca de Murça.
85. — Importar-se tanto d'aquilo como da primeira camisa que vestiu.
85-A. — *Imprar* com'ó sapo.
86. — Justo como uma luva.
87. — Ladrar como um cão.
88. — Leve como uma pêna.
89. — Liso como a palma da mão.
90. — Liso como a casca do sobreiro (ironia).
91. — Má (mulher) como uma loba.
92. — Mais velho que a sé de Braga.
93. — Mais bruto que uma couçoeira [1].
94. — Mais maldade ca sete raposas.
95. — Magro como um dêdo.

[1] [Cfr. *tapado como uma porta*. E vid. o n.º 25.—J. L. de V.].

96. — Magro como uma mão.
97. — Magro como um guiço.
98. — Magro como um cão.
99. — Manso como um carneiro.
100. — Manso (cavalo) com'á terra.
101. — Mau como o Diabo.
102. — Mergulhar como uma cortiça (ironia).
103. — Mentir como uma cesta rota.
104. — Meter-se como o piolho na costura lavada.
105. — Moeu-o como a centeio verde.
106. — Nadar como um prego (ironia).
107. — Não vale uma ponta de cigarro.
108. — Navega com'ó leite quente (=está a enriquecer).
109. — Necessita d'aquilo como de pão para a boca.
110. — Negro como o carvão.
111. — Negro como o pêz.
112. — Pagar-se com'ó moleiro.
113. — Parece um cavalo de cem moedas.
114. — Pesado como chumbo.
115. — Pobre como Jó.
116. — Pode como um camélo.
117. — Pôr-se como um gualdrapo (molhado).
118. — Puseram-no como um S. Lazaro.
119. — Puseram-no como um Christo.
120. — Quente como um fôrno.
121. — Quente como borralho.
122. — Rebentar como um ôdre.
123. — Ressonar como um porco.
124. — Rico como um porco.
125. — Rijo como ferro.
126. — Sabe mais do que lhe ensinaram.
127. — Sabe que nem gaita.
128. — São com'á unha e a carne.
129. — Sêcas como palhas.
130. — Ser como um chasco (=fraco).
131. — Ser como um sapo (=andar pouco).
132. — Ser como um negro (=serviçal muito trabalhador).
133. — Tão bom é o Diabo como Satanaz.
134. — Tão certo como chover albardas (ironia).
135. — Teimoso como um burro.
136. — Teimoso como um pórco.
137. — Ter força como um boi.

138. — Ter mais tretas do que obras.
139. — Ter mais manha ca sete raposas.
140. — Ter força como um galego.
141. — Ter força como um gigante.
142. — Ter os olhos a par como os lobos.
143. — Têso como um pau.
144. — Têso como um pinheiro.
145. — Tôrto como um vencelho.
146. — Tratar alguem como um cão.
147. — Trabalhar como uma maquina.
148. — Trabalhar como um Mouro.
149. — Trabalhar como a mouramia.
150. — Trabalhar como um macho.
151. — Trabalhar como um negro.
152. — Trazer alguma coisa com'óvinhos em peneira.
153. — Tremer como varas verdes.
154. — Triste como a noite.
155. — Um homem que não sabe lêr é como um canhôto.
156. — Vale tanto como nada.
157. — Vale mais um *toma* do que *dois te darei*.
158. — Vai-se como cesto rôto.
159. — Vermelho como *uma* tomate ([1]).
160. — Vermelho como um pimento.
161. — Velho como as igrejas.
162. — Vira-se como o vento.
163. — Vira-se como a folha do olmo.

XIII. — RIMAS E FRASES ESTEREOTIPADAS

1. — Rafael da Cunha,
Obra feita,
Dinheiro á unha.

2. — As silvas que dão?
Amoras.
Debaixo do burro
Conta-lhas horas.

3. — Pouca bulha, que não ha quem dance.

4. — Faz pouco barulho, que está a galinha a chocar os ovos.

5. — Sempre foi e ha de ser;
E o que fôr,
Ha de se vêr.

([1]) [Ou será *tomata*? Assim se diz na Beira, *Rev. Lus.* XII, 316 (Gomes Pereira); tambem em Alvações do Corgo ouvi dizer *tomata* (a par de *tomato*). Temos aqui um fenomeno analogo ao de *açuda* (Beira) por *açude*. — J. L. de V.].

6.—Se a candeia chora,
Está o inverno fora;
Se a candeia ri
Está o inverno p'ra vir [1].

7.—Deus que te marcou
Algum erro te achou.

8.—Em vista d'isso e ós atos (por *autos*), quem comeu escusa de prato.

9.—Minha mãe tem tem,
Tripas a cozer:
E ó do tri-pó-pó
Qu'eu me hei de encher.

10.—Antão era pastor, guardava ovelhas.

11.—Bem te conheço: és de Braga e chamas-te Lourenço.

12.—Coitadinho de quem morre! Quem cá fica sempre come.

13.—Está triste, porque o amor não lh'assiste.

14.—Muito bem se canta na sé, mas é quem é.

15.—A castanha
Tem uma manha;
Quem a vê
Logo a apanha.

16.—Lerias tuas, trinta e duas.

17.—Não meta o nariz onde não é chamado.

18.—Que horas são?—*falta* dez reis p'ra meio tostão.

19.—Valha-me Nossa Senhora d'Agrela, que não ha outra como ela!

20.—Vamos á deita, qu'está o sôno á espreita.

21.—Ah meu Deus de Covas, que tão perto estás, e tão longe moras!

22.—Sabados alegres,
Domingos triunfantes,
Segundas tristes.

30.—Sabados a chover,
E bêbados a buber,
Nunca ninguem os pôde vencer.

XIV.—JOGOS E RIMAS INFANTIS

1.—Amanhã é domingo
Pé de cachimbo,
Gato montês,
Pica na rez;
A rez é miuda,
Bate na cuba;
A cuba é d'ouro,
Pica no touro;
O touro é bravo,
Arde-lhe o rabo.

[1] [Alusão ao estado do tempo em dia da Senhora das Candeias, 2 de Fevereiro.—J. L. de V.].

2.—Graças a Deus que já cozemos
Sete pães, quatorze devemos.
Graças a Deus que nem a *bica* (1) *probemos.*

VARIANTE

Graças a Deus que sete cozemos,
Quatorze devemos
Que nem a bica probemos.
Graças a Deus

3. —Sorrobico, bico, bico,
Quem te deu tamanho bico?
—Nosso Senhor Jesus Christo.
—D'onde vais e d'onde vens?
—Buscar os meus vintens.
—Os de prata e os de ouro?
—Nem são de ouro, nem de prata,
São do rabo da *largata.*
Palma rainha,
Raia *largata,*
Vai buscar
Os tres vintens de prata.

4.—Tanto dancei
Á porta da Rita,
Tanto dancei
Que me deram da bica;
Tanto dancei,
Á porta do forno;
Tanto dancei
Que me deram do bôlo.

5.—Amanhã é domingo,
Canta o pintassilgo;
O pintassilgo é dourado,
Não tem séla nem cavalo.
Minha mãe dê-me pão,
P'ra mim e p'r'ó meu cão.
O meu cão náo está cá,
Está debaixo do navio.
Dá-lhe o vento, e dá-lhe o frio,
Faz andar o correpio.

6.—Pico pico que eu piquei,
Grande milho eu achei:
Eu deitei-o ao moinho,
O moinho não moeu,
O ratinho m'o comeu,
Que me apalparam os calções.
Eu chamei por S. Tiago,
S. Tiago não me ouviu,
Ouviram-me os tres ladrões.

7.—Amanhã é domingo,
Chichero pingo,
Tarre-tarrez,
O adro é fino,
Toca no sino,
O sino é d'ouro,
Toca no touro,
O touro é bravo,
Tem bichos no rabo.

8.—Chiquerichi ou chicherichi, minha mãe foi á feira
Chiquerichi que lá foi buscar?
Chiquerichi um alqueire de sal,
Chiquerichi p'ra que é o sal?
Chiquerichi p'ra dar á pita,
Chiquerichi p'ra que é a pita?
Chiquerichi p'ra pôr o ovo.
Chiquerichi p'ra que é o ovo?
Chiquerichi p'ra dar ao padre.
Chiquerichi p'ra que é o padre?
Chiquerichi p'ra dizer a missa.
Chiquerichi p'ra que è a missa?
Chiquerichi p'ra nos salvar.

(1) Veja-se depois o Vocabulario.

9.—Aqui vai a Maria Madeira
Assentada na sua cadeira,
A fiar o algodão,
P'r'ó abade capitão.
Tlim, tlim, caiu no chão.

10.—Minha mãe
Caldinho tem;
Era de verças,
Sabia bem,
Couvinhas quatro,
Tamanho pão
Como a lingoa do gato.

11.—A velha fez as papas,
O pote deitou-lhas fóra:
Ha cem anos que foi isso,
Inda hoje a velha chora.

12.—Padre nosso,
Caldo grosso,
Chicha gorda,
Não tem ósso,
Chucha tu,
Qu'eu já não posso.

13.—Ave Maria
Tigela vazia,
Se me désse mais,
Mais comia.

14.—Salvé rainha,
Salvé rachão,
Corto-te as pernas,
Com um enxadão.
Salvé rainha,
Salvé rachola,
Corto-te as pernas
C'ũa sachola.

15.—Cruz de pau,
Cruz de ferro,
Quem mentir
Vai p'r'ó inferno.

16.—Fiar, fiar
Qu'eu vou p'r'ó mar,
Agarrar peixinhos
P'r'ó meu jantar.

17.—Sapatinho rebicado,
Aqui levo, aqui trago
Sapatinho rebicado, etc.

18.—D'onde vens, cabra cega?
—Venho de Castela.
—Que levas de venda?
—Pão e canela.

19.—A minha mãe p'ra m'eu casar
Prometeu-me tres ovelhas,
Uma manca, outra cega,
E outra sôcha das orelhas.

20.—Ó rú-rú
Papinhas...
Fizera-t'as eu,
Papara-las tu
Ó rú-rú, etc.

21.—Assim se amassa,
Assim se peneira,
Assim se dá volta
Ó pão da masseira.

22.—Quem foi ó vento
Perdeu o assento;
Quem foi ó ar
Perdeu o lugar.

23.—Quem dá e torna a tirar,
Ao inferno vai parar.

24.—Maria
Rabo d'inguia,
Fecha a porta
Com de dia,
Que lá vem *no* bicho mau
Que te vai ó bacalhau.

25.—A pitinha põe-no óvo,
Que vem o papá
E papa-o logo.

26.—Ó doutor da mula ruça,
Tira o chapeo e põe a carapuça.

27.—Ana,
Magana,
Rabeca,
Susana,
Lazaro,
E Ramos,
Em Pascoa estamos.

VARIANTE:

28.—Ana,
Magana,
Roca,
Susana,
Lazaro,
Ramos,
Em Pascoa estamos.

29.—Eu vi Amelia
Sentada ó lume,
C'um pontapé
Tirei-lhe o costume.

30.—João,
Come pão,
Leva as vacas
Ó patrão.

31.—O carrapato e mais a ovelha,
Foram p'rá serra bater a orelha.
O carrapato não queria andar,
Juribáto, que te hei de matar!

32.—É berdade, é berdelho,
Carrapato, persebelho.

33.—Um, dois, tres,
Vaca parda,
Boi mirandês.

34.—Um dois três,
Toca-te a ti
A bonita vez

35.—Um, dois, tres,
Toca-te a vez,
Uma vara de Viana,
Uma gata castelhana.
Ó zerim-tim-tim,
Aqui estão os vinte e tres.

36.—Vaca pinta,
Boi marelo,
Leva o carro
Costa acima.
Não ha moça nesta terra
Que tres vezes diga, diga.
(Deve dizer-se sem tomar respiração).

37.—Confissão de burra preta,
Absolvição de castanheta.

38.—Um, perũ,
Dois, bois,
Tres, rez,
Quatro, gato,
Cinco, pinto.

39.—Um, vai-se c'o pirũ,
Dois, vai-se c'os bois,
Tres, vai-se c'o a rez,
Quatro, vai-se c'o gato,
Cinco, vai-se c'o pinto.

40.—Pião que não tem sêlo
Vai p'ra casa d'um camêlo.
(Vilar de Perdizes).

VARIANTE:

41.—Pião que não tem sêlo
Vai p'ra casa de Soutêlo.

VARIANTE:

42.—Pião que não tem rabo
Vai p'ra casa do Diabo.

43.—Una, duna,
Tena, centena,
Surata, batata,
Bira, birom,
Conta bem
Quantos som.

43-A.—Una, duna,
Tena, centena,
Gafo, magafo, mafagafão,
Conta bem
Que doze são.

44.—Catufelinho, catufelão!
Adivinha, toleirão,
Quantos dedos tem na mão.
—Dois.
Se disseras tres,
Nem perdias,
Nem ganhavas,
Nem tanta
Porradinha levavas.
Catufelinho, catufelão!
Adivinha, toleirão,
Quantos dedos tem na mão, etc.

45.—Doze e doze, rebaldoze;
Vinte e quatro com quatorze;
Dezasseis e vinte e um:
Faz um cento menos um.

46.—Vamos a uma demandinha:
O teu galo foi á minha vinha,
E ó teu foi á minha:
Vamos nós lá a uma demandinha.

Sopram depois para os olhos e dizem:

Fraco raposo que fecha os olhos.
(Sirvosêlo).

48.—As crianças para fazerem perder os companheiros no jogo do *bedrêlho*, dizem:

Rabo de cão
Que te parta a mão!

Ovos fritos na caçóla,
Ovos fritos na caçóla.

Andemos iguais
Com'ó rei dos pardais;
Peço a Deus que não faças mais,
Nem mais um.

Engaranho (ou engabranho), engaranho,
Com'ó rabo do meu anho,
Engabrito, engabrito,
Com'ó rabo do meu cabrito.

49.—Em Friães as raparigas dizem ás que querem arreliar:

Vai ajudar a junguir teu pai,
Qu'anda além do rio
Lanhado c'o a môsca.

50.—Sei um ninho de rinchão
Que tem cem ovos e um...

XV.—ALITERAÇÕES

1.—Antes assim, do que assado.
2.—Lé com lé, cré com cré.
3.—Mau, Maria, que a coisa vai mal.
4.—Arcas, arcas, etc.
5.—Sei um ninho de gafamagafa, com cinco gafagafinhos, morreu a gafamafaga, guifequifaram os gafagafinhos.

6.—Tenho uma casa
Com vinte e quatro caibros,
Muito mal intrabrinquadrilhada:
Hei de chamar o mestre intrabrinquadrilhador
Para intrabrinquadrilhar melhor.

7.—Atrás d'aquela sêbe sêca
Está minha mãe florida:
Se florida a achei,
Florida a deixei.

8.—Ó de maquife,
Ó de maquife.

9.—Dar c'os cordões no lar,
Dar c'os cordões no lar.

10.—Atrás do fôrno está meu pai
A ensacar alhos e a desensacar alhos.

11.—Tenho um ovo grôlo
Que sobe da cama ó côro
E do côro á cama.

12.—Tem paciencia, que tambem a teve o João do Outeiro, casou com a mulher e não dormiu com ela tres dias.

XVI.—IMPRECAÇÕES

1.—Acabado sejaes vós!
2.—Consumido sejas tu como o vento!
3.—De rastos te vejas como as cobras!
4.—Diabos te *leve!*
5.—Diabos te nunca *leve!*
6.—Diabos a levassem!
7.—Diabos te levaram!
8.—Dialhos te levem!
9.—Engaranhado sejas tu!
10.—Eu arda, s'eu sei!
11.—Eu vos tempero!
12.—Inda tu sirvas a fada do dinheiro!
13.—Morte te deixe!
14.—Morte te leve!

15. — Morte te nunca leve!
16. — Nas profundas dos infernos estejas emquanto não pedires perdão!
17. — Os Diabos te tivessem levado já ha mais tempo!
18. — Oh que espiga!
19. — Oh que catrino!
20. — Ó safada do inferno.
21. — Raças te *coma*.
22. — Raça te pele a lã dos olhos! Que tal é!
23. — Raças te *parta!*
24. — Raios te partam.
25. — Rais te *parta!*
26. — S. Pedro me leve, se eu tirei alguma coisa.
27. — Vai á tabúa.
28. — Vai bugiar.
29. — Vai pentear macacos.
30. — Vai p'r'ó Diabo.
21. — Vai p'r'ós Diabos que te levem.
32. — Vai p'r'ó raios que te partam.

Junho — 1914.

FERNANDO BRAGA BARREIROS.

NOTA AO ARTIGO PRECEDENTE

Juntamente com a metodica e abundante colecção de tradições populares que os leitores agora acabaram de ler, mandou-me o snr. Braga Barreiros um valioso Vocabulario barrosão, que publicarei na *Rev. Lusit.*, logo que possa. A região de Barroso, etnograficamente falando, era *terra incognita.* Depois do que a seu respeito disse de relance, ha quasi trezentos anos, o bom Fr. Luis de Sousa na *Vida do Arcebispo*, liv. III, cpp. 5 e 6, poucos tornaram a falar d'ela, e tambem só com igual fugacidade: de modo que os dois escritos do snr. Braga Barreiros serão, sem dúvida, muito apreciados dos estudiosos.

J. L. DE V.

CASA PORTUGUESA

(Inquerito etnografico)

Os trechos que vão ler-se são extraídos de dissertações que passei na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa a alunos meus. Entendo que convem arquivá-los na *Revista Lusitana*, e por isso aqui os trago a lume, com uma ou outra leve emenda que lhes fiz.

J. L. DE V.

I

Ilha da Madeira

O meu humilde estudo refere-se apenas ás habitações que mais vincadamente caracterizam a civilização tradicional do povo madeirense.

Ainda hoje s'encontram em grande abundancia essas habitações caracteristicas, podendo dizer-se que só as não ha na capital (Funchal), nas vilas (Camara de Lobos, Ribeira Brava, Ponte do Sol—hoje só conhecida por Ponta de Sol—, Santa Cruz, Machico) e em lugares como Madalêna do Mar, Monte, etc. E destes centros, influenciados já pelas exígencias da civilização, temos de distinguir o *Monte* onde o estrangeiro, monopolizando todas as manifestações de vida social, vae fazendo desaparecer o gosto local de todas as coisas.

Nas habitações tradicionaes do povo madeirense podem distinguir-se três tipos: a *furna*, a *palhosca* e a *casa terreira*.

Consideremos cada um em separado.

A *furna* é uma cavidade, ou praticada na rocha pelos homens, ou caprichosamente talhada pela propria Natureza: póde ter diversas dimensões, e ha furnas em quasi todas as frèguesias ruraes, conhecendo-as eu principalmente em Camara de Lobos, na Madalêna do Mar e na Boaventura. Quasi todas as furnas são hoje ainda habitadas, e não representam menos adiantado estado de civilização dos seus habitantes. Ou porque o analfabetismo é geral na ilha da Madeira (e ele tristemente nivela as classes), ou porque a religião católica levanta o significado social das classes proletárias,—um habitante das furnas goza dos mesmo direitos á face da lei e das mesmas atenções no convivio que qualquer habitante das «casas terreiras». É asim, e por isso, que ha exemplos de troglóditas madeirenses que possuem alguma instrução e algum dinheiro, «pé de meia»,

como eles chamam ás suas economias. As furnas raras vezes são á beira do oceano, menos na frèguesia de Madalena do Mar.

As *palhoscas*, ou «choupanas», como lhe chamam as pessoas cultas, são casas dum só *quarto* (i.é, compartimento) e de teto de colmo, terminado em angulo, /\, teto que é pelo povo conhecido pelo nome de *impeno* (=*empeno*). As paredes são o mais rudimentares possivel: em geral de pedras (basalto) amontoadas sem cal, ou com cal muito grosseira. As *palhoscas* abundam nas frèguesias do N. da Ilha, particularmente em Sant'Ana, S. Jorge, Faial e nas povoações limitrofes das serras. No Sul não existem, em geral. Uma ou outra que exista é o *impeno* do sanimaes. Neste caso a palavra *impeno* sofreu uma extensão de sentido, i. é. passou de significar o teto da casa coberta de colmo a significar toda a casa.

As *casas terreiras* são as casas construídas com pedra e cal, com mais cuidado que as palhoscas, e é onde em geral habitam os *feitores*, os *colonos* mais considerados, as autoridades locaes, e muito os *proprietarios* e os *senhorios* das terras. Tem em regra tres «quartos»: dois de dormir, um de jantar e cozinha, e tem só um andar.

Dito isto, não vem fora de proposito falar do mobiliario, que é, em geral, o mesmo nas *furnas*, nas *palhoscas* e nas *casas terreiras*.

Na cozinha que serve de «quarto de jantar» ha uma grande caixa de madeira dentro da qual se guarda a baixela do casal, bem como as roupas mais importantes e alguns dinheiros para as despesas extraordinarias.

É sobre essas caixas que se come, assentando-se a familia nos bordos. Acabada a refeição, nos sitios onde não ha agua á mão, lavam-se, espremendo nas mãos um fruto, uma nespera, no tempo delas.

Nos quartos de dormir desconhecem-se ainda os catres de ferro. Usam-se as camas antigas, de madeira, muito altas, algumas tão altas, que para elas sobem por umas escadas portateis (1).

---

(1) [Outr'ora os leitos eram por vezes muito altos, e subia-se para eles por escadas tambem altas. Já nos Romanos acontecia isto: vid. desenhos de leitos com escadas em Rich, *Dict. des antiq. rom. et grecques*, s. v. «lectus», § 2.º, e no *Dict. des antiquit.* de Daremberg & Saglio, s. v. «lectus», p. 1021. O leito que se usa na Madeira deve ser continuação de um costume da metropole, o qual porém creio se perdeu; mas d'ele ficaram vestigios cá, pois na Extremadura se diz, quando se vê um homem pequenino, que a mulher, que o desposar, precisa de lhe pôr uma escada para ele subir para a

Nos mesmos quartos se vê outra caixa onde se guardam as roupas de uso, igualmente grande, e onde se sentam a trabalhar as mulheres que se entregam ao labor dos «bordados».

São estas as notas mats curiosas das habitações caracteristicas do povo madeirense.

EDUARDO ANTONIO PESTANA.

II

Costa de Cima

Costa de Cima é uma aldeola situada numa branda elevação de terreno, a 5 kilometros da vila da Batalha e a 10 da cidade de Leiria, a cujo concelho pertence.

Como em toda a parte, o seu tipo de habitação obedece ás condições ambientes do solo, ao qual pede os materiais de construção.

Compõe-se essa aldeia apenas de umas trinta casas de moradia, aproximadamente, e a disposição d'ela é tudo quanto ha mais simples: — no centro um cruzeiro de pedra, precisamente no ponto onde a curvatura do terreno é mais patente, e em volta as casas pegadas umas ás outras, como que a protegerem-se mutuamente. No entanto, essa união é interrompida por uns quatro caminhos que vão dar aos campos.

O tipo de habitação é pobre, e não só na Costa de Cima, como em toda a frèguesia. Apenas uma ou outra casa avulta pela sua aparencia menos rude, e são essas as mais modernas, aquelas cujos proprietarios viveram em Lisboa ou no Brasil, e que de volta á sua terra fazem melhoramentos nas casas que já possuiam, ou constroem outras mais confortaveis, utilizando as antigas para arrecadação. Contudo, o progresso é lento. Não ha gôsto de as aformosear.

Na Costa de Cima ha dois tipos de habitação: a casa de alpendre, que é a mais antiga, e a casa sem alpendre, composta apenas de um pavimento. Tanto uma como outra são construidas

---

cama (Obidos). Com a mesma idéia se relaciona em parte esta cantiga, que se ouvè tanto no Sul, como no Norte:

Hei-de-me casar c'um velho,
Para me fartar de rir:
Fazer a cama bem alta,
P'r'ó velho não assubir.

No conto popular das «Tres cidras do amor» o principe manda fazer dos ossos da preta uma escada para a menina subir para a cama: cf. Consiglieri Pedroso, *Contos pop. portug.*, Lisboa, 1910, p. 69. — J. L. de V.].

com os materiais fornecidos pela região: — pedra, cal, areia e saibro. A cantaria, essa, é fornecida pelas pedreiras duma região que fica perto de Porto de Mós. Isto de maneira geral, porque se descermos a minuciosidades, encontraremos alguns pormenores na construção, os quais dependem, na maior parte, das circunstancias pecuniarias de cada individuo.

As casas de alpendre são as mais velhas. É debaixo desse alpendre que as mulheres aninham as suas roupas e fazem os trabalhos em que não precisem andar de pé de um lado para o outro, pelo motivo de receberem dentro de casa pouca luz. A maior parte das casas recebem ar na cozinha pela porta que dá acesso para o pateo, onde fazem os estabulos para os animais, — o burro e o porco: aquele para os transportes e trabalhos do campo, e este para parte do sustento da familia. Dentro desse pateo fazem-se tambem casas de madeira para arrecadação da palha,—os *palheiros*—, a adega, etc.... Porém, ha casas em que a respiração se faz apenas pela porta da rua; outras ha em que ela se faz por postigos ou telhas de vidro, por onde ao mesmo tempo entra luz nos quartos. As divisões interiores das casas são sobrias. Cada casa tem um compartimento de entrada, onde se vê uma arca ou uma mesa, no meio de duas cadeiras de pau; um, dois ou três quartos, e uma cozinha com a sua cantareira enterrada na parede, e a lareira, que pode ser rasa ou não. É na cozinha que se reune a familia á ceia. Os telhados são cobertos de telha vã e ás vezes apenas assentes numa rede de traves de madeira, vendo-se o ceu através dêles. Embora algumas casas sejam já forradas, e de pé direito, na maioria são de tectos inclinados.

As casas sem alpendre são tambem muito simples e quasi que não diferem das outras. Todas tem hoje soalho de madeira, mas uma existe ainda, de fórma triangular, composta de uma unica divisão, de chão terreo, com duas das suas paredes de pedra e a terceira de madeira. Serviu já de habitação.

Possue tambem a aldeia uma capela, a qual, como as casas, apresenta a fórma de alpendre, que assenta em pilares de pedra.

Os tipos de casas que acima referi são os mais antigos. A casa moderna tem já bastantes divisões, atravessada ao centro por um corredor; é muito arejada, de largas janelas, de tecto direito, com sótão. Na fachada principal tem uma varanda de pedra, com dois degraus que a ligam com a rua. É a *varanda descoberta.* No interior, as portas não são pintadas.

A madeira mais usada, tanto na casa antiga como na mo-

derna, é a de pinheiro; todavia, emprega-se tambem a madeira de carvalho e de faia (a primeira abunda mais na região).

Para terminar, direi que a unica riqueza da aldeia é o solo, e que todos, mais ou menos, tem nele o seu quinhão. A propriedade rustica está repartida; os campos são separados apenas por curtos marcos.

ESMERIA DE SOUSA.

III

Mirandela

Mirandela, vila de Tras-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do mesmo nome, está situada na margem esquerda do rio Tua, sobre uma grande elevação. Vista da margem oposta, tem alguma semelhança com Coimbra. Está no centro da provincia, e em frente da vila vê-se uma extensa ponte de cantaria que atravessa o Tua.

A palavra *Mirandela* é deminuitiva de *Miranda*, e esta é o adjectivo-participio latino «miranda» do verbo *miror:* significa na origem «digna de ver-se», mas depois deve ter significado «atalaia» (1). Ha em Portugal mais localidades com o nome de *Mirandela*, e na Galiza ha tambem *Mirandela*, em Badajoz *Mirandilla* e na Italia *Mirandola* (2). Diz-se de Mirandela:

Mirandela, Mirandela!
Mira-a bem, ficarás nela;
Quem Mirandela mirou,
Em Mirandela ficou.

E tambem (principalmente na bôca dos de Bragança):

De Mirandela || ou mata ou pela (3).

Não ha nesta terra edificios notaveis, a não ser o dos Tavoras, que hoje serve de quartel. A vila foi murada e teve um castelo; das tres portas que havia nas fortificações, só hoje existem restos de uma.

A casaria é moderna e de construção simples; casas puramente antigas e tradicionaes são raras, existindo porém algumas na parte alta da vila, as quais vou descrever por alto, visto eu não ter ido agora lá, para poder tirar notas minuciosas.

(1) Vid. Leite de Vasconcellos, *Lições de Philologia*, Lisboa, 1911, p. 332.

(2) Vid. Leite de Vasconcellos, *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 34.

(3) Isto é: «a gente de Mirandela ou mata ou arranca o cabelo (levando dinheiro de mais)». Não se tome á letra o ditado, pois a muitas terras se aplicam ditados semelhantes, por causa de rivalidades. No nosso caso a má vontade dos Bragançanos para os de Mirandela resulta de se ter demorado longo tempo a construcção do caminho de ferro de Mirandela para Bragança.

As casas antigas e tradicionaes de Mirandela são de um unico andar, e servidas por uma escada exterior, de pedra; no cimo dessas escadas costuma haver um espaço pequeno, que dá ingresso para a cozinha, que é a primeira divisão ou compartimento que se encontra ao entrar. Ás vezes esse espaço, chamado *patim*, é seguido, para um dos lados, duma varanda coberta, de madeira. Esta varanda é utilizada principalmente para arrumações: lenha, grãos a secar, palha, etc. A porta da rua é, como já se pode depreender, no unico andar da casa; esta porta é algumas vezes acompanhada dum postigo ou segunda porta que se abre para dar entrada ao ar e á luz, ou saida do fumo que se produz na lareira, quando a chaminé simples e rudimentar não tem saida suficiente. Os baixos da casa aproveitam-nos para guardar utensilios de lavoura, e muitas vezes para lojas de bois.

Ao falar da cozinha, devo dizer que é o compartimento mais importante da casa, pois que é aí que se passa grande parte da vida dos moradores d'ela: serve de sala de jantar, ponto de reunião de toda a familia e das visitas. A lareira está ao nivel do sobrado, ou em plano superior. Nas noites de inverno, a familia toma assento á lareira num grande banco que denominam *escano*. Por cima da lareira colocam os chouriços, ou *fumeiro*, amarrados a compridas varas. O mobiliarío e utensilios de cozinha são geralmente muito rudimentares: nas classes menos abastadas ha uma mesa, pequena, que raras vezes utilizam para se jantar, e só serve para pousarem loiças etc.; um guarda-louça feito duma simples taboa enfeitada com jornaes, e algumas vezes, ainda que raras, com papel de côr. Olhando-se para o teto da cozinha vêem-se as telhas e as traves: duma trave que passa sobre a lareira pende uma corrente; e a chaminé é formada por duas ou tres telhas postas ao alto e cobertas por outra.

O telhado é em geral de duas vertentes, havendo-os tambem duma só.

As divisões interiores da casa são poucas, pequenas, e por isso muito aproveitadas, quasi todas do mesmo tamanho, e não passam de meros e acanhados quartos.

As janelas tambem costumam ser pequenas, poucas, e servidas duma portinha dum só batente; algumas são envidraçadas, e deitam para a varanda.

O feitio da casa é quadrangular e de construção atarracada. O tipo destas casas é muito freqùente nas aldeias do concelho de Mirandela; conquanto na vila as casas sejam quadran-

gulares, as portas e janelas são mais rasgadas. Mirandela tem muitas construções modernas, mas em geral copiadas das antigas, embora com mais alguma elegancia. Na parte baixa da vila, isto é, junto á estrada, já não existe nenhuma casa antiga e tradicional. Na parte alta e nos arredores existem algumas casas terreas; estas não tem mais de duas divisões, a cozinha e um quarto, e algumas vezes não tem divisão nenhuma

José Maria Aleixo de Lemos.

IV

Portalegre

As casas antigas de Portalegre, situadas principalmente na parte medieval da cidade, são construidas de pedra e cal, compondo-se geralmente de lojas e de um só andar. Por fóra são caiadas de branco.

Na distribuição das portas e janelas falta ás vezes regularidade e simetria. As janelas são todas de correr.

O telhado é de telha ordinária, e sem goteiras: excede um pouco a fachada, e a ágoa das chuvas cai directamente d'ele para a rua. Diz-se então que «pingam as agoeiras». As mulheres pobres põem a essas agoeiras alguidares, e apanham aí a ágoa, que aproveitam depois para os gastos domesticos (lavagens).

Algumas casas têm sótão, a que a gente da terra chama «sobrecamara». D'essas sobrecamaras, algumas nem janelas têm, mas apenas um vidro direito, ou por vezes, uma telha de vidro, para dar luz. Outras têm uma janela pequena, que dá para o telhado, e a que chamam «gateira». Noutras, esta janela é rente ao telhado, formando neste uma especie de varandinha, a que até chamam «eirado», e que aproveitam para pôr vasos com flores, para estender roupas, etc. As gateiras são geralmente menores que os eirados, e servem apenas para trazer á casa um pouco de ar e luz. Todavia, a diferença principal entre a «gateira» e o «eirado» é que a «gateira» não é rente ao telhado, ao passo que o «eirado» é rente ao telhado da casa, o qual lhe fica logo por debaixo.

No interior das casas antigas de Portalegre temos principalmente de notar o seguinte: o chão é de ladrilhos de tijolo, e muitos dos tetos, até nas casas antigas, são estucados; ha, porem, tetos sem estuque, formados por traves (chamadas lá «paus

de emmadeirar»), com os intervalos preenchidos por ladrilhos. Nas casas mais pobres os tetos são unicamente de telha vã.

A chaminé é de lareira. O lume faz-se no chão, dentro da chaminé; nalgumas casas ha fornalhas, tambem de tijolo, onde cozinham com carvão de «cêpa», quando lhes não basta o lume que fazem no chão, o qual é aceso com lenha de azinho ou de carvalho. Á roda das chaminés ha um friso, onde colocam a louça de cobre, de folha branca, e de estanho. Ao conjunto das primeiras chamam o «arame» da cozinha. «Ter muito arame» e «muito estanho» é um dos orgulhos das casas portalegrenses. Nalgumas casas mais pobres este friso existia mesmo fóra da chaminé e da cozinha: era então de alvenaria, e servia para aí colocarem louça. A boca interior das chaminés é formada por ladrilhos dispostos em linha quebrada.

Nada mais me ocorre de caracteristico, ou que se afaste do tipo comum, nas casas de Portalegre.

PEDRO LINO BRAGANÇA GIL.

V

Ereira, concelho do Cartaxo

Situada ao Noroeste da importante e risonha vila do Cartaxo, sem dúvida uma das melhores do Ribatejo, se não do país, e á distancia de sete quilometros, encontra-se a Ereira, séde de frèguesia, que consta de mais duas povoações de alguma importancia, Lapa e Casais. Os seus habitantes, essencialmente trabalhadores, empregam-se nos trabalhos rurais, e poucos no comercio e industria, que ali se exercem em pequena escala.

Todos têm mais ou menos de seu, o que se deve atribuir aos bons costumes enraizados naquela gente. Por via de regra, não se realiza um casamento, até nas classes menos abastadas, sem que o noivo possua casa propria, adquirida por compra, ou mandada fazer por ele, e sem que a noiva tenha o correspondente mobiliario.

Os individuos são muito altivos e pouco submissos, mas bem morigerados, sendo raros os que, em virtude de crimes cometidos, tenham de prestar contas á justiça. É raro tirarem o barrete, como sinal de respeito, a qualquer pessoa que os comprimente; mas ninguem que conheça a região se julga desconsiderado, porque sabe que é esse o uso e estilo de lá.

As casas são, em regra geral, de um só pavimento, mas divididas em varios compartimentos, conforme a necessidade das familias. A parte inferior é de salão, asfalto, tijolo, ladrilho ou sobrado; a parte superior é forrada, e contem um sotão, que abranje toda a área da casa, e serve para arrecadações e até de dormitorio em caso de necessidade.

As paredes interiores e exteriores e os telhados são rebocados e caiados a miudo, e a chaminé da cozinha, quando não é forrada de azulejos, é habitualmente caiada todas as semanas. Quasi todas as casas têm quintais com entrada pelas traseiras do predio, ou, se aquêle não confina com a via publica, por uma porta larga ao lado da que dá ingresso á habitação.

Nos quintais ha alojamentos para os animais, arrecadação de utensilios de lavoura, lenhas, etc.; e as propriedades que têm adegas e lagares de fabricação de vinhos e azeites tambem têm estas dependencias intaladas nos quintais ou ao lado das habitações.

As casas da Ereira, por mais humildes que sejam, primam pelo asseio. Os edificios da frèguesia não demonstram antiguidade, parecendo, ao contrario disso, que estamos diante de povoações modernas, pitorescas e de agradavel aspecto.

As ruas são macadamizadas e calçadas, conservando-se sempre limpas, porque os seus habitantes se encarregam da limpeza, obtendo assim parte dos adubos que empregam nas suas propriedades.

Alda Guedes Teixeira.

VI

Frèguesia de Lavos (Figueira da Foz)

A frèguesia de Lavos tem tres aspectos diferentes, que se traduzem em tipos especiaes de casas: junto ao mar uma faixa de areias móveis, dunas, com as tres povoações da Cova, da Costa e da Leirosa; ao Norte e a Leste terrenos quaternarios, aluviaes, com as povoações da Gala, dos Armares, do Casal da Fonte e Bezoireiro; para o Sul, a maior parte da frèguesia.

Esta assenta em terrenos terciarios, dunas consolidadas onde não ha pedra que possa ser trabalhada, e onde pelo contrario o pinheiro é abundantissimo; daqui resulta que a habitação de madeira é frequentissima, a de adobes é vulgar, e a pedra aparece apenas como produto de progresso, de civilização. Os tipos antigos de casas vão desaparecendo; leis regulam hoje a

edificação dos novos predios, em breve a civilização fará recuar ou antes desaparecer os velhos tipos de casas pobres, feias na sua singeleza, sem o pitoresco da casa do Minho, para serem substituidas por casas modernas. O Brasil e a Africa tem dado grandes capitaes para esta frèguesia; pobres trabalhadores encontraram no sal de Cabo Frio, ou nas roças de S. Tomé riquezas bastante grandes; mas a riqueza que lhes augmentou o bem-estar, augmentou-lhes tambem a falta de gôsto: é por isso que olham para as suas casas novas, verdadeiros abortos de arte, com muito amor e afecto, e as fazem suceder umas ás outras, no sitio principal da freguesia, em Santa Luzia, —dominio do Brasileiro.

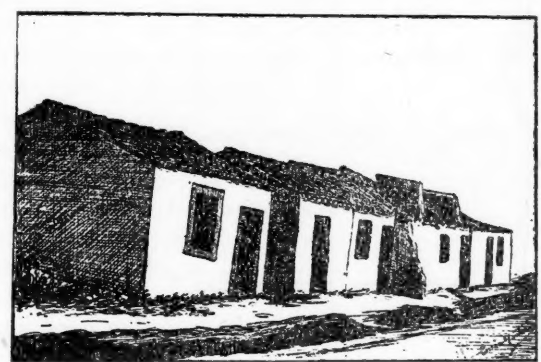


Fig. 1.—Uma rua (Regalheiras)

Tipo geral das casas.—É na parte alta da frèguesia que se encontra o tipo geral da casa, de pedra e cal, ou de adobes e só alicerces de pedra, ou parte de pedra e parte de madeira; aqui, embora o material de construcção varie, o tipo conserva-se inalteravel.

A casa é baixa, só de um andar, pouco elevada do solo, e em geral com um degrau de entrada. O telhado é de duas ágoas, de telha, e um pouco saído da parede; a frente é caiada de branco e tem a um lado a porta, a outro uma janela, que a ocupam por completo, com caixilhos pintados de verde ou azul de preferencia (fig. 1). Atrás ha uma porta que da casa do forno deita para um pateo, onde quasi sempre duas galinhas esgravatam na estrumeira, perto da cortelhazita de um porco enfezado, que no Natal é sacrificado, ainda que tenha teimado em não engordar; ás vezes, raramente dum dos quartos, abre-se para o pateo um postigo pequeno. O interior corresponde na singeleza ao exterior (fig. 2).

Á entrada, em todo o comprimento da casa, ha a chamada «casa de fóra» que é, por assim dizer, o lugar nobre da habita-

ção: uma porta dá entrada para o quarto, outra para a cozinha; nesta ha em geral outro quarto, que é aquele em que dormem os donos da casa; outra porta estabelece comunicação entre a cozinha e a casa do forno, onde ha o forno para cozer a «borôa» (pão de milho), e que serve tambem para arrecadações. O mobiliario é simples: na casa de fóra uma cantareira, de madeira, sempre enfeitada com papeis de côres, recortados de bicos e abertos, na qual repoisam as loiças melhores, que servem apenas nos dias de festa, e os asados de bojo largo e pé estreito, com duas asas; o «pucaro» deitado sobre o «testo», e uma toalha branca estendida sobre eles. Ás vezes, d'antes principalmente, na parede da sala um Senhor de madeira era pregado á parede, em cima de um bocado de papel de côr. Na mesma sala uma arca (ou mais), onde arrecadam o milho, o feijão, etc., serve tambem, muitas vezes, com uma esteira por cima, de cama de dormir aos filhos mais velhos, que ficam assim mais perto da porta, e mais facilmente podem sair de noite, ás escondidas dos paes. Se na casa ha bois, os filhos, de certa idade em diante, passam a dormir junto deles; se ha machos, mulas ou burros, á porta do curral põem um chavelho de ovelha para preservar os animaes dos maus olhados, das Bruxas e das maleitas. Alem das arcas, na sala ha ainda uma meia duzia de cadeiras.

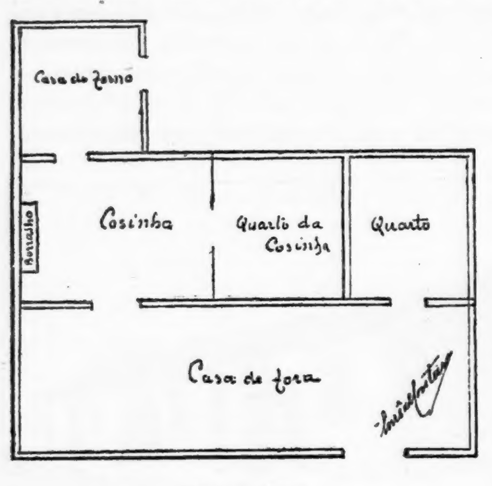


Fig. 2. — Interior

A cozinha é a parte principal da casa: serve de casa de jantar, de sala de visitas das pessoas que não são de cerimonia, de lugar de reunião da familia e de alguns vizinhos mais intimos. Tem um «borralho» (lareira) com cantareiras em volta, na altura da chaminé, da qual, a meio, desce uma corrente de ferro com um gancho na ponta, em que se pendura a panela da comida, por sobre o fogo; perpendicularmente á chaminé, encosta-se um

armario para restos de comida e outros arranjos; na parede uma cantareira serve para guardar as loiças da cozinha, uma cana rachada para segurar os garfos e as colheres, e uma taboa para ter a borôa; a um canto ha uma mesa pequena, baixinha, que serve de mesa de jantar, e alguns bancos ou cadeiras pequenas; estes bancos existem em numero bastante grande no borralho, porque é neles que a familia e os amigos se sentam, em volta do fogo, nas longas noites de inverno; perto do borralho está sempre o balde de lavagem para o «bacorinho».

No quarto ha a cama feita de taboas seguras em dois bancos, com esteiras em cima; ao lado ha uma arca pequena.

É esta a casa tipica da frèguesia, construida com pedra e cal a maior parte das vezes, com adobes algumas, e com madeira, dos alicerces para cima, poucas, muito poucas mesmo, na região de que falo neste momento. Estas casas são, todos os anos, escrupulosamente caiadas, por ocasião da Pascoa, quando o prior passa a visita pascal, dando o Senhor a beijar e lançando agoa benta com um raminho de alecrim, ao entrar a porta.

Com o augmento da riqueza, a casa augmenta tambem; o trabalhador torna-se quasi sempre proprietario, embora modesto, e, se a fortuna o ajuda, quando casa, constroe uma habitação maior do que aquela onde nasceu,—com a frente mais comprida, a porta ao meio e uma janela de cada lado, com os caixilhos verdes a sobresairem na alvura da cal das paredes; ás vezes a seguir, e pegado á casa, um telheiro, com um portão de madeira dá entrada para o pateo.

No pateo, bastante grande, ha o curral dos, bois com os carros, as charruas e as grades, se o lavrador é medianamente rico, o burrinho e a cortelha do porco, se é mais pobre. Uma figueira ensombra a casa, umas cepas fazem latada junto das casas de madeira, dependencias da habitação, e uma eira, espera cheia de lenha, vides, ramos secos, etc., que a epoca das colheitas a encha de milho e de feijão.

Os dois tipos de casas, ou antes as duas modalidades do mesmo tipo, encontram-se perto um do outro, pertencendo elas ás vezes ao mesmo dono, no que deixam transparecer a sua riqueza progressiva d'este.

Não quero deixar de falar de duas construcções que estão intimamente ligadas á vida do povo da frèguesia de Lavos: o «pavilhão» e o «moinho».

O p a v i l h ã o é um tablado de madeira, assente sobre estacas de um metro (pouco mais ou menos) de altura, rodeado de

uma grade e em geral com forma quadrada ou rectangular; ás vezes, raras, o pavilhão, mais pobre, assenta directamente no chão, outros, mais rico, imita a forma de um barco, no que se revela a influencia do mar, que se ouve constantemente; ao centro um pau muito alto, «o mastro», sustenta uma bandeira, e em volta dele, elevado do tablado quasi um metro, vê-se o «coreto» onde durante uma noite inteira um clarinete, um saxofone, uma flauta e algumas rebecas estropiam canções populares, mazurcas, «modas de roda» e «valsas puladinhas». Tudo isto é enfeitado com verdura, bandeiras e balões.

Alguns meses antes do S. João já rapazes e raparigas resolvem formar um «rancho» para o que pagam um tostão (em geral) todos os meses; dirigem-se ás pessoas principaes da terra e pedem alguma coisa para o pavilhão, ficando os subscritores com o direito de lá entrarem nos dias da festa. No principio de Junho o entusiasmo augmenta, principalmente quando ha dois ou mais ranchos, que pretendem apresentar o melhor pavilhão; a construcção começa, fala-se á musica, as raparigas fazem saias novas «enesgadas» e com barras de seda, — último grito da moda para esse bom povo —, «corpinhos» com rendas, e compram sapatos «afiambrados», que nos dias de festa hão-de ser a penitencia dos seus pecados, «mordendo-lhes» os pés, mas que elas suportam heroicamente. As danças começam na vespera de S. João á noite. É a noite principal, a de mais luxo: toda a aldeia se acumula em volta do pavilhão e dos lugares vizinhos chegam carroças puxadas por machos pequenos, mas vigorosos, com a carga de canastras de sardinha mudada em carga de frescas moçoilas e latagões «endomingados». Estoiram no ar alguns foguetes: é o signal. O rancho rompe com uma marcha entusiastica, cantando fortemente, emquanto a musica *ataca* as notas solemnemente; durante toda a noite as danças populares sucedem-se, entremeando as «modas de roda» com as mazurcas e as «valsas puladinhas»; e a voz forte dos rapazes casa-se no ar com as notas vibrantes das raparigas, dominando por vezes a musica, saindo por entre a verdura e a irradiação palida da luz dos balões de cores e espraiando-se na vastidão dos campos adormecidos. É o mais belo dos costumes populares desta região. Pela manhã todo o rancho se dirige para a igreja, e depois da missa, no largo, as danças sucedem-se ainda durante uma hora, ou mais, tão puladinhas, que ninguem diria (quem o não soubesse!) que aqueles pés, «mordidos» pelos sapatos, já tinham dançado uma noite inteira. Nessa noite de S. João ha dança ainda, e depois no

S. Pedro e durante algum tempo nos domingos e dias santos que o povo guarda sempre, mesmo aqueles que existiam só no seu calendario.

O moinho é muito notavel. O milho constitue uma das culturas mais intensas da região, e o pão de milho, «borôa», a principal alimentação do pobre; ainda os que apenas são remediados, e que «trabalham a dias» para os lavradores, tem o seu bocado de terra e os seus alqueires de milho, que eles proprios mandam moer, pagando, não com dinheiro, mas com uma percentagem da farinha moída (a paga é de uma maquia, $^{1}/_{16}$ do alqueire, por cada alqueire). Compreende-se facilmente que o moinho surja, por isso, perto das casas de habitação, muito abundante; mas o ganho só pode existir sendo pequena a despesa, porque a remuneração do trabalho, que é pequeno, é pequena tambem. Por isso o moinho de agoa é raro, e pertence apenas a alguns moleiros de profissão que vivem mais afastados da aldeia; o moinho que aparece junto das casas é o moinho pequeno, de madeira, que pede pouco trabalho; as filhas da casa vão pô-lo ao vento, colher as velas, deitar o grão na «moéga»: num instante chegam lá; e mesmo a mãe, que ficou tratando da comida, de vez em quando la vai. O moinho é todo de madeira (fig. 3); nisto se revela a influencia do pinhal, abundantissimo. É de forma triangular, com a aresta por onde sae o «mastro» cortada por uma estreita superficie; o telhado é formado pelo «cume», que atrás termina por uma saliencia, chamada o «rabo do cume», que protege a porta em cuja direcção fica; o cume é atravessado pelo mastro a que estão seguras oito «varas» que sustentam as «velas»; as varas são ligadas na ponta por arames ou cordas que tem o nome de «verdascos» e ligadas á ponta do mastro por meio de «espias».

O moinho assenta em cima de um morro de terra que tem o nome de «cepa»; ao meio da cepa há uma pedra onde encaixa um eixo que está na mesma aresta do moinho em que trabalha o mastro; as outras duas arestas tem uma roda cada uma, que assenta num murozinho de pedra lisa, «carreira», que descreve um circulo com o centro na pedra onde está o eixo; desta forma o moinho com o auxilio de uma «tranca», que fica contra a roda, pode virar-se para qualquer lado que o vento o exija.

O interior do moinho é muito curioso; as paredes são de madeira, sem pintura alguma, e nas travéssas que as sustentam vêm-se pendurados varios utensilios, a «amontolia» do azeite, a vassoira, etc. Em cima e atrás ha uma trave (d, na fig. 4) da qual

parte o mastro que vai sair pela aresta; na mesma direcção, mas á frente, ha outra trave, «a ponte» (c) que é atravessada pelo mastro (a); este péga na trave por meio de uma saliencia de ferro, «aguilhão» (f), que encaixa numa reinterancia tambem de metal, «rela»; junto da porta está fixa ao mastro (que é horizontal) uma roda que lhe é perpendicular, chamada «entrosga»; esta roda é toda de madeira (b), e tem vinte e quatro dentes tambem de madeira que lhe são perpendiculares e estão do lado das velas do moinho; o mastro é igualmente todo de madeira, bem como a trave e a ponte.

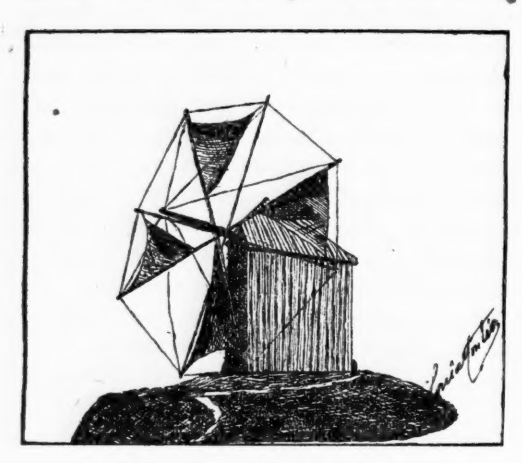


Fig. 3—Moinho a trabalhar

Na ponte, do lado por onde sai o mastro, ha um encaixe de madeira com ferro, saliente, que tem o nome de «raposa», no qual gira o veio. O veio é vertical e prependicular ao mastro (b, na fig. 5); é de ferro quadrado; da raposa chega até á mó superior (d), onde termina, fazendo-a mover; em cima, junto da ponte, ha uma grade de madeira, «roquete» (a), que tem seis «fusélos». Das duas mós, a infeferior é fixa, e assenta na «mesa da pedra», e a superior movel juntamente com o veio; esta é sustentada por outro veio (f), que em baixo assenta numa trave por meio de um «aguilhão» (m), e em cima é seguro á mó, entrando num encaixe que esta tem, encaixe que se chama «segurelha» (k). As mós não se vêem, a não ser a superior, olhando de cima, porque trabalham dentro do «combeiral», que é uma caixa de madeira, redonda, que sai pouco acima das mós e assenta na mesa da pedra (h, na fig. 6); no combeiral ha uma abertura, coberta com um abafador de pano (i), por onde sai a farinha depois de moido o grão. Para baixo da mesa da pedra (k) ha um degrau, no qual se vê um buraco (l) por onde se pode regular o «parafuso do tempero das farinhas»; a seguir ha a mesa da farinha (m). Em cima, encostada á parede do moinho, está a «moega» (a), onde se põe o mi-

lho, que daí passa para a «calha» (c); preso á calha com um fio, ha um bocado de madeira que assenta sobre a mó, o «chamador» (g), a meio do qual poisa uma «ripa», que está presa á parede do moinho e tem um «pêso (f) seguro por um fio; o pêso em geral é uma pedra, e pode ser mudado mais para a frente ou mais para trás. Finalmente, em baixo ha uma trave, que num dos lados péga a uma outra vertical, e do outro tem seguro um parafuso (a, na fig. 7), que vai sair acima, junto da mesa da farinha, e que se chama «parafuso do tempero da farinha»; a meio assenta o veio inferior por meio de um aguilhão. O vento, dando nas velas, faz mover o mastro com a entrosga, cujos dentes pegam nos fusilos do roquete, fazendo mover o veio, e este obriga a mó superior a girar; o chamador, com o movimento da mó, faz estremecer a calha e a moega, e o milho cai; a ripa serve para regular o movimento ou pressão do chamador. O milho passa por entre as mós, onde é triturado, saindo a farinha por baixo do abafador; o parafuso do tempero faz baixar ou levantar o veio inferior, que, sustentando a mó superior, regula a distancia entre as duas mós.

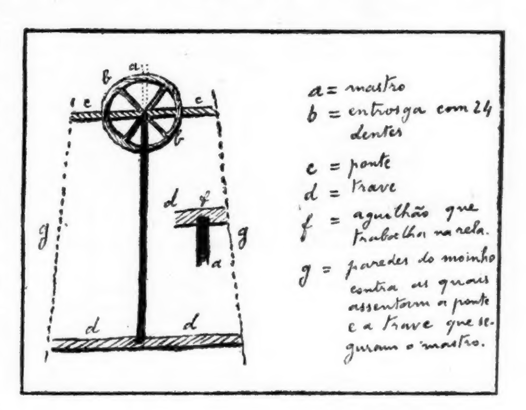


Fig. 4. — Interior do moinho

É este o moinho de madeira, tão curioso, não só como assunto antropogeografico, mas tambem como modelador da paisagem a que dá vida e animação, sobressaindo no alto das cepas, as velas ao vento, na vastidão plana das terras cultivadas; está tão intimamente ligado á habitação, que bem se pode considerar uma sua dependencia, e por isso tratámos d'ele aqui.

As casas da Cova, da Costa e da Leirosa.—A Cova, a Costa e a Leirosa são tres povoações da beira-mar, assentes em dunas e que se fazem notar pelo aspecto das suas casas de madeira, assentes em estacas; a razão da sua existencia explica-se unica-

mente pela pesca da sardinha que é feita com redes de arrastar. Existiriam outrora, nestes sitios, habitações lacustres? É possivel, mas hoje as povoações afastaram-se do mar, não muito, porque a pesca o não permite, mas o suficiente para que a agoa das marés lhes não chegue; o aspecto que tanto faz lembrar as aldeias lacustres deriva contudo, quer-me parecer, de outro motivo: causas diferentes na essencia, mas semelhante na instabilidade e efeitos, provocaram aspectos de habitações notavelmente analogos.

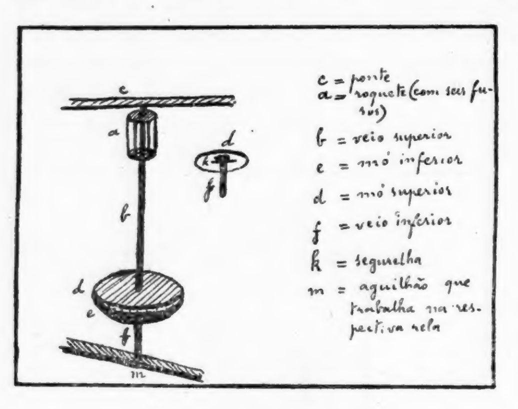


Fig. 5.—Interior do moinho

Na Suiça prehistorica as necessidades da pesca e da defesa obrigaram a construções de casas sobre a agoa: a estacaria surgiu naturalmente, provocada por esta; em Lavos as necessidades da pesca provocaram a construcção de habitações; feitas dentro do mar não resistiriam decerto á furia das ondas em dias de temporal; fugiram para as dunas: a instabilidade destas fez surgir tambem a estacaria, e sobre ela casas de madeira, mais leves e mais baratas, por ser a madeira fornecida pelos pinhaes das mesmas dunas. Ao principio pequenas, estas povoações forom crescendo em virtude das necessidades cada vez maiores, causadas pela pesca; a horticultura era necessaria á vida: aparecem então os quintais,

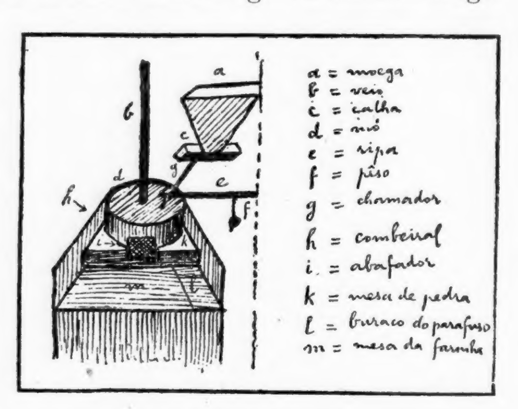


Fig. 6.—Interior do moinho

feitos na areia, resguardados do vento por morros feitos com a areia tirada deles proprios, e vedados por meio de paliçadas de canas secas ou verdes. O muito adubo fornecido pelos restos de peixe apodrecidos em areia, e pelos bois empregados no trabalho de puxar as redes, baratos por isso mesmo, torna productivos esses quintais, que são amanhados á mão e fornecem aos seus donos milho, batatas, feijão, aboboras, e até vinho. A agoa doce aparece. A povoação tem assim condições de vida, desenvolve-se.

Ás casas destes lugares é costume chamar «Palheiros»; esse nome, que existiu decerto, tendo dado o nome a varias povoações (¹), desapareceu da lingoa comum. Em volta da Figueira, para o norte, encontramos os Palheiros de Buarcos, depois os Palheiros de Quiaios, distante 3 quilometros e meio de Quiaios para o lado do mar, e os Palheiros da Tocha, que se afastam sete quilometros e seiscentos metros de Tocha, para se chegarem tambem ao mar. A influencia revela-se ahi perfeitamente. Buarcos, por ficar perto das aguas não deu logar a nenhuma outra povoação, e a influencia da cidade fez desaparecer os palheiros para deixar apenas o nome á parte da localidade onde eles existiram. Quiaios e Tocha, bastante no interior, deram logar a povoações da beira-mar, que ainda hoje conservam o nome de «Palheiros». A Cova, a Costa e a Leirosa representam sem duvida os palheiros de Lavos, mas esse nome desapareceu por completo, e nem o povo hoje o conhece. É de notar só haver lugares com o nome de «palheiros» ao norte do Mondego; para o sul o nome desapareceu até da tradição. Não pude averiguar ainda a causa disto; talvez o exame

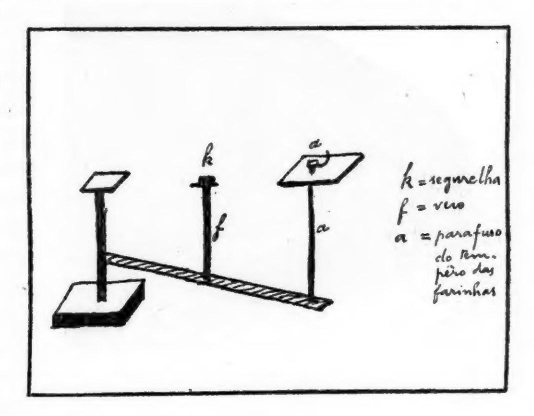


Fig. 7.—Interior do moinho

(¹) Cfr. Leite de Vasconcellos, *Historia do Museu Etnologico*, pp. 57 e 316.

comparativo das povoações do norte e do sul, revele diferenças de tipo ou outras quaisquer que expliquem.

A casa é construida sobre estacas cuja altura varia, é toda feita de madeira não trabalhada, mas sobreposta uma sobre a outra; é coberta por um telhado de duas aguas, de telha, e reproduz perfeitamente no aspecto geral a casa tipica anteriormente descrita; rectangular, com a porta a um dos lados e uma janela no outro, difere apenas na escada, de madeira tambem, e com uma grade, que conduz a uma varandinha que serve de patamar á porta de entrada; ás vezes a madeira não é pintada: apresenta a côr negra e baça da taboa velha, batida pela chuva; outras vezes é pintada apenas a frontaria, outras a casa toda, sempre de vermelho escuro, carregado. Os caixilhos das janelas quando pintados apresentam a mesma côr das portas, branca, azul, verde ou vermelha viva de côr aberta (fig. 8).

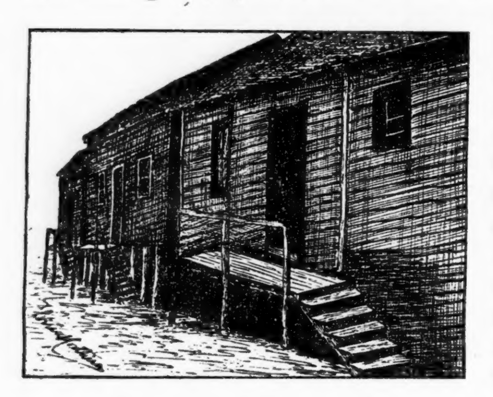


Fig. 8.—Uma rua na Costa de Lavos

Na Costa a estacaria desapareceu quasi por completo, porque fizerom descer as taboas até junto da areia para aproveitar esse espaço para curraes de porcos, armazens ou tabernas; por vezes a madeira é posta por dentro das estacas, e então estas vêem-se, como sucede numa das casas da fig. 8, outras vezes é posta por fora e então temos a ilusão de que elas não existem, outras vezes ainda a areia, trazida pelo vento, encobre por completo a estacaria. As casas alinham-se mais ou menos em ruas, umas largas, outras mais estreitas. Ás vezes têm á frente uma especie de pateo vedado por madeira, onde está o porquinho, as galinhas, os coelhos; as da frente dominam o mar no alto duma barreira onde os barcos esperam o tempo da pesca. As mais das vezes as dependencias são atrás da casa: ali ha uma varanda para onde deita uma porta, as estacas são despidas de madeira desse lado, e fazem a entrada do telheiro onde dormem os bois e fica o carro; uma coelheira, uma galinheira ou uma cortelha de porco constituem ainda dependencias; é a casa mais rica já.

Freqeùntemente os baixos das casas são ocupados por uma taberna que ao mesmo tempo acumula as honras de mercearia e é ponto de reunião dos pescadores. Principalmente nos meses de Março, Abril e Maio, o vento atira as areias contra as casas ficando algumas quasi soterradas: com o bom tempo começam os trabalhos de desaçoreamento, se a casa conseguiu ficar incolume.

Interiormente a casa assemelha-se imenso á já descrita; a casa do forno desaparece, e a sala de fora é pegada com a cozinha, passando a servir quasi que de corredor; muitas vezes tem um alçapão por onde são feitos os despejos, e varrido o lixo.

Hoje o interior tem-se modificado bastante; os quartos augmentam, a sala aparece, as paredes levam reboco e são caiadas; tem um todo mais confortavel, a que uma varanda, na parte posterior, provída de porta, dá luz e ar.

É esta a casa que fórma as povoações da Cova, da Costa e da Leirosa, casa alta pelas estacas que a suportam, aglomerada a outras numa duna da costa, mais alta do que as restantes. A falta de pintura, ou a pintura carregada, escura, a estreiteza e mal alinhado das ruas, fazem com que, de longe, estas povoações avultem como uma mancha escura, morta, que jaz no lençol branco, scintilante ao sol, da areia; só ao pé se lhes pode encontrar o pitoresco que as distingue, a beleza que lhes dá o mar espumante, a graça que lhes emprestam as pontas agudas dos barcos, os bois humildes e pachorrentos que puxam as redes, os pescadores fortes e musculosos que olham o mar com orgulho.

As casas da Gala.—A Gala é o lugar que, começando junto do Mondego, se estende ao longo da Estrada Nacional, e péga ao oeste com a Cova. É uma povoação de pescadores, não como os da Cova, da Costa ou da Leirosa, pescadores de sardinha com rede de arrastar, mas pescadores de sardinha em lanchas, de «mexoalho» ou «pilado» (carangueijo pequeno que serve para adubar as terras) ou de bacalhau. Nas praias o pescador trabalha por conta do dono da rede; na Gala pesca por conta propria: o lucro é maior; ou então embarca nos navios que vão para o bacalhau, e á volta traz um peculio muito consideravel. O habitante da Gala vive por isso muito desafogadamente, até com certo luxo: e este viver reflecte-se evidentemente na habitação.

Primitivamente a Gala devia ser talvez um aglomerado de modestas habitações de pescadores que vieram da Cova tentar fortuna com um barco proprio. Essas habitações encontram-se ainda: são de madeira, mas com estacaria, assentes directamente

no chão, pequenas, semelhantes ás que se encontram na praia vizinha; depois a povoação progride, o mar dá bons lucros, a vida torna-se mais desafogada; a influencia da cidade faz-se sentir e a habitação de pedra tenta aparecer. Dá-se então uma luta curiosa: dum lado a casa de pedra, mais solida, mais estavel, mais duradoura, mas mais cara; do outro a casa de madeira, mais barata, mais fraca, menos solida, mas auxiliáda pelo costume trazido da Cova pelos primitivos habitantes, e propagado de pais a filhos. E surgem então casas muito dignas de nota: parte de pedra e cal, parte de madeira. Vemos duas principalmente que estão nesse caso. Uma tem a parte de baixo, da altura de pouco mais de dois metros, de pedra e cal, e a parte de cima, um pouco mais estreita toda de madeira sobreposta, de côr vermelho-escura: influencia manifêsta da praia da Cova; na parte de baixo fica a porta, na de cima duas janelas; o telhado é de duas agoas, mas faz o angulo de junção na frente da casa e não lateralmente, como nas habitações já descritas. Outra casa (fig. 9) tem a parte central de pedra e cal com a porta e uma janela, e duas partes laterais, de madeira, tambem não trabalhada, sobreposta, na côr natural, com uma janela cada uma; o telhado de duas agoas tem a mesma disposição do precedente.

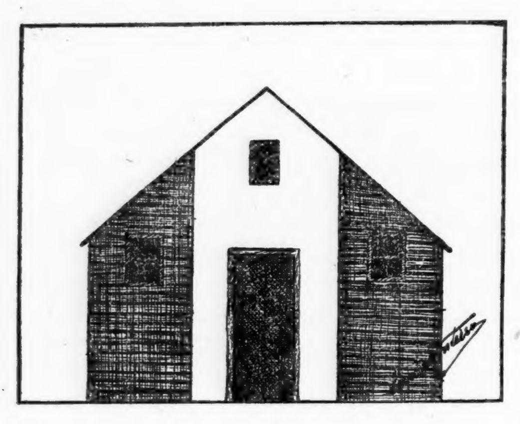


Fig. 9.—Casa da Gala

Ha mais casas deste gôsto, mas nenhuma tão caracteristica como estas, produto curiôso da luta travada. O mais notavel ainda é que, como resultado dessa luta, encontramos ao longo da estrada casas de pedra que se intermedeiam com casas de madeira. Individuos estranhos á povoação, ou que, pertencentes a ela, adquiriram, juntamente com certa instrucção, fôrça suficiente para vencer a rotina, constroem casas de pedra, reveladoras de abastança invejavel. Pelo contrário o povo, o pescador, continúa construindo casas de madeira, a que, por muito

favor, dá uns alicerces de pedra; mas o contato com a cidade, as viajens feitas nos navios de bacalhau, o dinheiro ganho nessas viajens levaram-no a transformar o tipo dessas casas: elevaram-nas, trabalharam-nas melhor, apertaram-lhes a frente para lhes dar fundo, rasgaram as janelas, attearam os telhados o mudaram-lhes o angulo da junção para a frente: numa palavra deram-lhes elegancia; a influencia da tradição, da povoação vizinha, revela-se no material de construcção, na côr vermelho-escura das paredes, verde, azul ou branca das portas e dos caixilhos, no sobreposto (a maior parte das vezes) da madeira; a influencia estranha está bem patente na elegancia expressa em certa aparenciade *chalet*, na frente do telhado cheia de rendilhados de madeira, em todo o aspecto geral.

Esta povoação estabelece a transição entre a casa de madeira das praias, dos lugares de dunas, e a casa de pedra da povoação alta. Mas ao mesmo, em toda a habitação as dependencias de madeira, a taboa disseminada por vezes na propria casa, nos portaes grandes que dão entrada para o pateo, na cortelha dos bácoros, no curral dos bois, em toda a parte, revela clara e nitidamente a influencia forte, poderosa que tem sobre a povoação os pinhaes enormes que lhe fecham o horizonte pelo sul [1].

JOAQUIM FARIA CORRÊA MONTEIRO.

VII

A casa minhota

a) *Origem e evolução da casa minhota:* — As sobrevivencias dos mais remotos agregados sociaes da Lusitania, na provincia do Minho, são as que nos revelam as *cividades* e os *castros*, onde as habitações de alvenaria e aparelho poligonal eram redondas ou rectangulares, com presumivel cobertura cónica de colmo.

Com o andar dos tempos e pela influencia de factores de ordem económica, artistica e moral, foram-se subvertendo e modificando as construções, ainda que, fóra dos ambientes urbanos, elas se subordinassem a moldes tradicionalmente consagrados.

---

(1) A proposito do assunto aqui tratado, veja-se: Leite de Vasconcellos, *Hist. do Museu Etnologico*, pp. 57 e 316 (lugares já acima citados), e *Religiões da Lusitania*, I, 59; Rocha Peixoto, «Os palheiros do littoral», in *Portugalia*, I, 79 ss.

A *facies* que ficara apenas a exprimir uma época ou uma feição local, como as rotulas e gelosias em Guimarães e Braga, nem essa perdurou, com poucas excepções.

b) *Tipo urbano:* — Embora se possam organizar séries nos agrupamentos urbanos, quanto ao arranjo e á decoração arquitéturaes não se consegue estabelecer um tipo definido e comum de casa, exclusivo da provincia.

c) *Tipo rural:* — Na habitação rural, um pormenor construtivo, tambem espalhado por outras provincias, — a varanda — estabelece uma caracteristica de generalidade quasi tipica do Minho.

O tipo predominante desta casa é ter ela geralmente um só andar.

A varanda, voltada quasi sempre para SO e E, defendida dos ventos frios e aberta ao sol, inclue-se numa fachada, e assenta na parede desta, ou em esteios de pedra, alpendrando a parte inferior do edificio. O acesso á varanda faz-se por uma escada, que lhe é perpendicular ao meio, ou a um dos extremos, ou que se ergue numa das testeiras. Tambem ha o lanço duplice que converge a um patamar comum. No inverno, a varanda é o lugar mais quente da casa, onde se trabalha e onde se passa o dia. No verão, é o lugar onde se dorme, em noites de calor excessivo. É para onde o Minhoto, em fim, se vira, como uma planta para a luz. Para ela dão os aposentos da familia: o salão que comunica com o páteo alpendrado por onde entram as visitas, e os restantes quartos.



Casa rural do Minho

No rés-do-chão ficam a cozinha, quartos de creados, lojas para o gado, a tulha, capoeira, adégas e o lagar.

Ao lado da casa ha o *coberto* ou *telheiro,* onde se guardam as apeirías e lenha, e onde geralmente está a casa do forno, de tecto cónico.

A cobertura da casa é quasi sempre de telha vã, fixa por pedregulhos, ou por argamassas.

A chaminé geralmente é simples e consiste por vezes em um unico buraco aberto no telhado, e protegido por uma cortiça.

Os tectos, janelas e portas eram antigamente de castanho, mas, como esta madeira é agora bastante rara no Norte, foi substituida por pinho.

As portas são baixas, dum batente só e de aîmofadas; as vidraças de caixilhos aos quadradinhos; as janelas com largos poiaes, e do lado exterior tem misulas de pedra, onde se colocam vasos de flores: cravos no S. João; mangericos pelo ano adiante; sardinheiras de côr vermelha muito viva.

Á medida que a familia aumenta, a casa vai alargando pelos anos fóra e crescendo para cima, formando-se por isso a *casa torre,* isto é, com mais de um andar.

A casa dos ricos costuma ficar dentro duma quinta, que é toda murada, por vezes.

Á entrada do *portal* da quinta encontra-se um *terreiro,* que comunica por meio de portas com o *eido.* Neste ha a horta sempre viçosa, as arvores frutiferas, as grandes latadas que no verão dão sombra apetitosa, os campos de milho, centeio, batatas, os olivaes, etc.

A eira de granito, como as casas, sempre muito lisa, fica em sitio alto e batido pelo vento, com o *espigueiro* ou *canastro* ao lado, bem arejado, e o inseparavel *palheiro*, onde dorme o cão de fila. Junto da eira ha em geral uma casa para guardar os cereaes por ocasião de chuvas, chamada a *casa da eira.*

Esqueciamo-nos de dizer que no edificio rural, por vezes a construção se prolonga em duas alas perpendiculares aos extremos da parte principal, formando páteo interior, que em geral é fechado por um muro com portal de entrada, e um ou dois corpos de secção quadrangular que excrecem para o alto como reminiscencias de torres.

É precisamente por tudo isto que se deve assignalar o intimo laço de parentesco que existe entre a modesta casa rural e a solarenga de que ha ainda tantos espécimes disseminados pela provincia desde remotos tempos até o seculo XVIII. Citemos alguns exemplos:

Com uma torre na testeira:—Dornelas (Amares); Giela (Arcos do Vale do Vez); Landelas (Caminha); Gomariz (Vila Verde); Crusistelo (S. Julião de Freixo, em Ponte do Lima).

Num dos angulos:—Casa de Quintela—Crasto (Ponte da Barca); Casa de Azevedo—Lama (Barcelos).

Ao centro da fachada:—Caneira (Viana do Castelo); Vitorino das Donas—(Ponte do Lima).

Nos extremos, enquadrando a frente:—Casa dos Pinheiros (Barcelos); Casa dos Marqueses, Casa de Calheiros, Casa de Bertiandos, Casa da Gloria (Ponte do Lima); Casa de Requeijo (Arcos); Casa da Brejoeira (Monção).

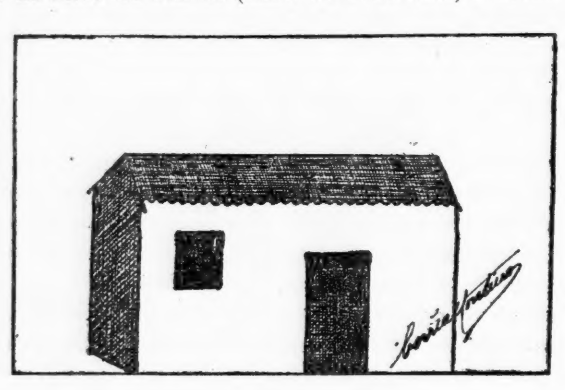
E não faltam a varanda, a escada exterior e o alpendre.

ANTONIO DE JESUS GONÇALVES.

VIII

Bouça-Cova

A frèguesia de Bouça-Cova, concelho de Pinhel, dista da séde do concelho uns 15 kilometros, e da estação do caminho de ferro de Pinhel (linha da Beira Alta) 2 kilometros; é servida por estrada que liga esta estação com as importantes frèguesias de Alverca da Beira e Freixedos.



1.º TIPO

Os seus habitantes, como os de toda a região, tem processos de cultivo ainda muito atrasados; mas, mercê de grandes esforços, vão saindo da rotineira e melhorando as condições de vida e de amanho das terras.

As casas de habitação são dos tipos mais usados em toda esta região fria e pobre.

Pondo de parte algumas poucas casas, feitas em condições

higienicas, confortaveis e elegantes (influencia da viziahança da linha férrea), podem reduzir-se a dois os tipos caracteristicos que dão á povoação cunho de antiguidade e viver.

1.º tipo:

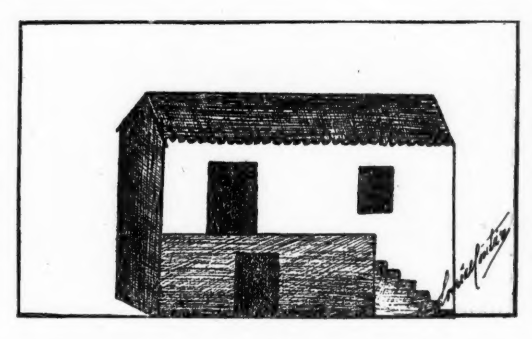
Construções de alvenaria (pedras miudas ligadas com barro grosseiro): comprimento 5 metros, largura 4 metros, altura 3 metros. São casas rasteiras, de pavimento terreo.

Ao lado da porta tem um janelo sem vidraça, e em algumas nem janelo existe; não tem chaminé, e o fumo sai pelo telhado e pela porta.

O telhado tem duas *empenas* (vertentes), cujo *encume* é formado por uma trave na direcção do comprimento da casa.

Estas casas não são caiadas; quando muito caiam-se os *ombraes* e as *tocas* (ou escarções) das portas e janelos. O seu aspecto é desagradavel.

No interior nem sempre ha divisões; ás vezes porém, a par com a cozinha, ha um pequeno compartimento que serve de quarto de dormir, de deposito de cereaes e de dispensa.



2.º TIPO

2.º tipo:

Construcções de alvenaria; como o tipo anterior: comprimento 9 metros, largura 5 metros, altura 6.

Tem loja, um andar (a que dá acesso uma escadaria de pedra) e uma varanda, ás vezes com grades de madeira e coberta. O janelo ao lado da porta em geral não tem vidraça.

Como o tipo anterior, o telhado tem duas empenas; os ombrais e as toças são caiados, bem como uma faixa de meio metro a todo o comprimento do beirado da frente.

O vão da escada é aproveitado para galinheiro.

No interior ha várias divisões. Estas casas são sobradadas, forradas e caiadas.

*

Para terminar, não podemos resistir á curiosidade de enumerar alguns termos de giria dos pedreiros desta região por os

acharmos curiosos. Juntamos-lhe o significado que tem na linguagem comum.

Calmeirante	sol
Canôco.	pão
Torranhas, merluças, solucas	batatas
Chusmo	vinho
Lampilho	azeite
Laurêta.	aguardente
Gerigóta	lenha
Borgau.	pedras miudas
Rufo.	lume
Lhaste	o pôr do sol.
Argaço!	atenção! caluda! silencio!
Calhau	patrão
Á réta.	ao pé de...
Anes	corpo
Nossos anes	nós
Leijo	dinheiro
Focar	dar
Chara	carne
Coimbrante	vinagre
Ansia	agua
Gróde	caldo
Branquioso	leite
Gaudiço	refeição
É choina fusca raüla . . .	já é noite
Pinante.	moço de recados

A maior parte destes termos são da giria dos *gabiarras* (pedreiros *minhotos*, salvo erro).

MANOEL DO NASCIMENTO SIMÃO.

IX

Espàriz (Coimbra)

Ha em Espàriz dois tipos de casas populares: um, pobre, sem varanda e com uma *quinta* para porcos; e outro, mais rico, com varanda e pateo para onde dão as lojas de bois, currais de porcos e de ovelhas.

O tipo mais pobre, ou primeiro tipo, é constituido por lojas térreas, que servem para arrecadações de generos, currais de porcos e poleiros de galinhas, e por um primeiro andar, onde se encontra uma sala, com uma arca, algumas cadeiras e bancos, (sala que serve ao mesmo tempo para visitas e de refeitorio no verão), dois ou tres quartos com um postigo em vez de janela e uma cozinha de lareira sem chaminé. No inverno os habitantes destas casas comem, quasi sempre, junto da lareira.

No segundo tipo vemos um andar nobre, um sotão, e lojas terreas, que servem para guardar cereaes, vinho e azeite, para currais, cozinhas e fornos. O andar nobre tem salas e quartos. O último andar, fôrro ou sotão, de muito pouca altura, serve para guardar batatas e feijões. As casas deste tipo tem janelas, e as salas são ás vezes caiadas ou feitas de pedra bastante esboroavel.—Junto das casas do segundo tipo ha em regra casebres que servem para palheiros ou para currais, e um quintal com um poço d'onde se tira a agua para dar aos animais. — A gente da povoação bebe agoa da fonte de Espàriz.

Todas as casas são soalhadas, e as do segundo tipo muitas vezes forradas, visto que a madeira de pinheiro abunda na região.

Tanto as casas do primeiro tipo como a maioria das do segundo não são porém caiadas.

Os habitantes da região de que estou falando costumam aformosear as janelas e varandas das casas, colocando nelas vasos com flores: as mais usuais d'estas são as sardinheiras, os coelhinhos, e os brincos de princesa ou de rainha.

ADELAIDE SARAMAGO.

MISCELANIA

Etimologias

1. *Pé-Calvo.*

É o nome moderno de uma courela no termo de Avis. O meu amigo Mario Sá, estudante do Instituto Superior Tecnico, que investiga com cuidado papeis velhos da sua terra, averiguou em documentos manuscritos do sec. XVI que a referida courela se chamava então *Pai-Calvo*. Sem dúvida *Pai-Calvo* está por *Paio-Calvo*, e temos aqui um caso de sincope sintactica: cf. *Textos Archaicos*, 2.ª ed., p. 154, e *Esquisse d'une Dialectologie*, p. 87. De *Pai-Calvo* passou-se para *Pé-Calvo* por etimologia popular (haveria como fórma intermédia * *Pá-Calvo*).

2. *Manamar.*

Assim se chama hoje não só um ribeiro que desagôa no Alcórrego (concelho de Avis), mas um cabêço vizinho. Em documentos manuscritos do sec XVI, segundo me informa o snr. Mario Sá, que os compulsou, lê-se *Benamar*. Tem de certo origem arabica esta palavra: *Ben-amar;* cfr. *Abenamar* no *Romanceiro* de Duran, I, 5.—De Benamar passou-se para *Manamar*, por assimilação regressiva, e mudança usual de *e* (+ *n*) em *a*.

3. *Casével* e *Pontével.*

Creio que *Casével* estará por casebre. O nome *Casebre*, com o plural *Casebres*, aparece no onomastico, tanto do Norte como do Sul.—Talvez *Pontével* se formasse analogamente: *pontebre; contudo no sec. XV essa palavra tinha a fórma *Pontéval*: vid. Cortesão, *Onomastico*, s. v. Cfr. *Setuvel* (arc.) a par de *Setuval* (arc.) e de *Setubal* (mod.).—A correspondencia que ha aqui entre *-bre* e *-vel* nota-se tambem entre *condestavel*, e *condestabre* (arc.).

J. L. DE V.



O
?,
u
a
r
r-
o.
ar

o
u-
a-
m
le
i-

m
no
e-
l:
u-
ui
re